

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA**

Artesanato: Identidade e Trabalho.

Autora: Ms. Geruza Silva de Oliveira Vieira
Orientadora: Prof. Dr. Jordão Horta Nunes

Goiânia, agosto de 2014.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☐ Dissertação ☒ Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):		Geruza Silva de Oliveira Vieira			
E-mail:		gsocienciasociais@gmail.com			
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?		☒ Sim		☐ Não	
Vínculo empregatício do autor					
Agência de fomento:				Sigla:	CAPES
País:		UF:	GO	CNPJ:	
Título:		Artesanato: Identidade e Trabalho			
Palavras-chave:		Artesanato. Trabalho. Sociologia. Identidade.			
Título em outra língua:		Crafts: Identity and Work.			
Palavras-chave em outra língua:		Crafts. Work. Sociology. Identity.			
Área de concentração:		Sociedade, Política e Cultura.			
Data defesa: (15/08/2014)					
Programa de Pós-Graduação:		Pós Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais - UFG			
Orientador (a):		Dr. Jordão Horta Nunes			
E-mail:		jordao.fchf.ufg@gmail.com			
Co-orientador (a):*					
E-mail:					

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: / /

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

GERUZA SILVA DE OLIVEIRA VIEIRA

Artesanato: Identidade e Trabalho.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Goiânia, agosto de 2014.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Silva de Oliveira Vieira, Geruza
Artesanato: Identidade e Trabalho. [manuscrito] / Geruza Silva de
Oliveira Vieira. - 2014.
CLXXX, 180 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Jordão Horta Nunes.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Ciências Sociais (FCS) , Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Goiânia, 2014.
Bibliografia. Anexos.
Inclui siglas, abreviaturas.

1. Trabalho. 2. artesanato. 3. identidade. 4. Brasil. 5. Goiânia. I. Horta
Nunes, Jordão , orient. II. Título.

GERUZA SILVA DE OLIVEIRA VIEIRA

Artesanato: Identidade e Trabalho.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Jordão Horta Nunes
Prof. Dr. Cleito Pereira dos Santos
Profa. Dr. Genilda D'Arc Bernardes
Profa. Dr. Maria Lúcia Vannuchi
Profa. Dr. Telma Ferreira Nascimento Durães

Presidente da Banca / UFG

Prof. Dr. Jordão Horta Nunes

Suplentes

Prof. Dr. Pedro Célio Borges

Goiânia, agosto de 2014.

DEDICATÓRIA:

*AOS MEUS PAIS, ANA
SILVA E IVO ANTÔNIO.*

*AO MEU COMPANHEIRO
ROBERT VIEIRA SILVA.*

AGRADECIMENTOS:

AO MEU ORIENTADOR, PROF. DR. JORDÃO HORTA NUNES, QUE COM MUITA COMPETÊNCIA, PACIÊNCIA E DEDICAÇÃO ME AUXILIOU NA DEFINIÇÃO DE CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A EFETIVAÇÃO DESSA TESE. OBRIGADA PELA EXPERIÊNCIA DE SER SUA ORIENTANDA. VOCÊ TEM MINHA ADMIRAÇÃO E RESPEITO PELO PROFISSIONAL E PELA PESSOA QUE É.

AO MEU COMPANHEIRO DE TODAS AS SITUAÇÕES, ROBERT VIEIRA SILVA QUE, COM MUITA PACIÊNCIA E SABER SOUBE EQUILIBRAR MOMENTOS DIFÍCEIS E COMPLEXOS. OBRIGADA!!!

AOS PROFESSORES DO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, DR. PEDRO CÉLIO BORGES, DR. CLEITON PEREIRA DOS SANTOS, DR. REVALINO DE FREITAS, DRA. TELMA FERREIRA NASCIMENTO. OBRIGADA AOS PROFESSORES DR. REVALINO DE FREITAS E DRA. TELMA FERREIRA PELAS CONTRIBUIÇÕES EM MINHA QUALIFICAÇÃO. AGRADEÇO ÀS PROFESSORAS DRA. GENILDA DARC BERNARDES E DRA. MARIA LÚCIA VANNUCHI POR TEREM ACEITADO O CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO NESSA BANCA EXAMINADORA DE TESE DE DOUTORADO.

OBRIGADA À PROFESSORA MS. JAQUELINE OLIVEIRA E DR. PAULO ALBERTO PELAS GRANDES CONTRIBUIÇÕES QUE DERAM ENQUANTO PESSOAS E PESQUISADORES!!!

A TODOS DA CASA DO ARTESANATO EM GOIÂNIA, E ARTESÃOS DA FEIRA DO CERRADO EM GOIÂNIA E ARTESÃOS QUE CONHECI VIA EMAIL, EM BLOGS E FACEBOOK E POR AÍ... OBRIGADA PELAS CONTRIBUIÇÕES EM INFORMAÇÕES PARA ESSE TRABALHO.

À TODOS QUE NÃO FORAM AQUI MENCIONADOS OS NOMES, MAS SABEM, QUE DE UMA FORMA OU DE OUTRA CONTRIBUÍRAM PARA O DESENVOLVIMENTO DESTA PESQUISA.

EPIGRAFE

EU VIVO ARTESANATO. EU FAÇO DESDE TREZE ANOS. PRIMEIRAMENTE EU MEXI COM TECIDO E DEPOIS COM TELA. ARTESANATO É DE ÉPOCA, VOCÊ NÃO VAI FAZER UMA COISA SEMPRE. ENTÃO VOCÊ VAI INOVANDO PEGANDO NOVAS TÉCNICAS. DEPOIS EU PASSEI PRA ARGILA, ARGILA FRIA, MODELAR E PINTAR ARGILA, DEPOIS GESSO, DEPOIS FUI PRA PORCELANA. DEPOIS NA PORCELANA EU FIQUEI BEM MAIS. A PORCELANA MUITOS ELA É CLASSIFICADA COMO ARTESANATO E AO MESMO TEMPO ELA É ARTE TAMBÉM. TUDO QUE VOCÊ FAZ EM SÉRIE É ARTESANATO, DAÍ DEPOIS EU VIM PRA CABEÇA. ESTOU DESDE 1996 MEXENDO COM CABAÇA. INCLUSIVE COMO EU TE FALEI FIQUEI QUATRO ANOS E MEIO AQUI NA FEIRA, MAS AÍ DANDO AULA EM TRÊS LUGARES E PRODUIR PRA FEIRA FICAVA MEIO COMPLICADO.

NO MEU CASO FOI. VIA A MINHA MÃE PINTAR, HOJE ELA ESTÁ COM 76 ANOS, PELEJO PRA ELA FAZER ALGUMA COISA, MAS ELA DIZ QUE CANSOU E NÃO QUIS MAIS. EU VI QUE NA ÉPOCA COM SEIS FILHOS E TUDO NÃO DAVA TEMPO DE FAZER MUITA COISA. HOJE PRA MIM É UMA PROFISSÃO, MAS PRA ELA ERA UM LAZER. (APARECIDA, 2014)

É UMA DIFERENÇA MUITO GRANDE PORQUE ARTESANATO VOCÊ TRABALHA COM SUAS MÃOS E SUAS IDEIAS, SUA CABEÇA. VOCÊ TRABALHA TRANQUILO TEM A OPORTUNIDADE DE CRIAR, JOGAR COM VOCÊ O QUE TEM DENTRO PRA AS PESSOAS. AÍ VOCÊ COLOCA SUA IDEIA NO PRODUTO. ENTÃO É UMA COISA BEM DIFERENCIADA. BEM DIFERENTE, PORQUE VOCÊ TRABALHA COM AS MÃOS. (MARIA, 2014)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: ARTESANATO: ATIVIDADE DE TRABALHO E SUAS FORMAS EMBRIONÁRIAS.	22
1.1 DIMENSÕES HISTÓRICAS NO ARTESANATO E SUAS TRANSIÇÕES.	30
1.2 ARTESANATO: PRÁTICA DE SABERES. PROFISSÃO E OFÍCIO.	36
CAPÍTULO II: ARTESANATO: ATIVIDADE LABORAL NO BRASIL E NA CIDADE DE GOIÂNIA.	40
2.1 UM OLHAR SOBRE O TRABALHADOR ARTESÃO NO BRASIL.	40
2.2 FORMAS DE ORGANIZAÇÃO.	48
2.3 TRABALHADOR ARTESÃO DA CIDADE DE GOIÂNIA.	59
CAPÍTULO III: IDENTIDADE MULTIDIMENSIONAL.	67
3.1 FORMAS IDENTITÁRIAS.	80
3.2 DIMENSÕES SOCIAIS NO ARTESANATO BRASILEIRO.	87
CAPÍTULO IV: TRABALHADORES ARTESÃOS: RELAÇÕES DE TRABALHO COMO LUGAR.	96
4.1 CONSTRUÇÃO DE FORMAS IDENTITÁRIAS SIGNIFICATIVAS.	98
4.2 CULTURA NO TRABALHO COM O ARTESANATO.	119
4.3 DIVISÃO SEXUAL NO TRABALHO COM ARTESANATO.	122
4.4 ORGANIZAÇÃO E PROCESSO DO TRABALHO NO ARTESANATO.	132
4.5 PRODUÇÃO ARTESANAL E O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO.	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS	150
ANEXOS	158

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. FORMAS DE TRABALHO ANTERIOR AO TRABALHO COM ARTESANATO.....	57
QUADRO 2. MOTIVOS DE ESCOLHA PARA TRABALHAR COM O ARTESANATO. BRASIL.....	99
QUADRO 3. ELEMENTOS MOTIVADORES NA ESCOLHA DO MATERIAL.....	101
QUADRO 4. FORMAS DE AQUISIÇÃO DO MATERIAL.....	104
QUADRO 5. ELEMENTOS SOCIAIS DE INFLUÊNCIA NA ATIVIDADE DO ARTESANATO.....	106
QUADRO 6. ELEMENTOS DE INSPIRAÇÃO NA PRODUÇÃO DO ARTESANATO.....	107
QUADRO 7. ARTESANATO E OS PONTOS DE APROXIMAÇÃO DO INDIVÍDUO COM O ARTESANATO.....	110
QUADRO 8. ELEMENTOS DE INSERÇÃO SOCIAL.....	114
QUADRO 9. ELEMENTOS DO TRABALHO COM ARTESANATO PRESENTES NA FAMÍLIA, SOCIEDADE E INDIVÍDUO.....	121
QUADRO 10. PERCEPÇÃO LABORAL DA MULHER – ARTESANATO.....	127

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APAE – ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS.

CA – CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO.

CADOC – COOPERATIVA DOS ARTESÃOS DE DOIS CÓRREGOS EM SÃO PAULO.

CLT – CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO.

COOPARIGS – COOPERATIVA DOS ARTESÃOS DO RIO GRANDE DO SUL.

D.C – DEPOIS DE CRISTO.

EJA – EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS.

FAM – FEIRA DO ARTESANATO MUNDIAL.

FINNAR – FEIRA NACIONAL DE NEGÓCIOS DO ARTESANATO.

FNA – FEIRA NACIONAL DE ARTESANATO.

GOV- GOVERNO.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.

ICP – INFRAESTRUTURA DE CHAVES PÚBLICAS BRASILEIRA.

KM – KILÔMETTROS

MP – MISTÉRIO PÚBLICO.

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO.

ONG'S – ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL.

P – PÁGINA.

PA – PARÁ.

PAB – PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO.

PNAD – PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS.

SC- SANTA CATARINA.

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS.

SENAC – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL.

SICAB – SISTEMA DE INFORMAÇÕES CADASTRAIS DO ARTESANATO BRASILEIRO.

SP – SÃO PAULO

TV – TELEVISÃO

UENF – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E CULTURA.

RESUMO

A temática da tese gira em torno do processo e organização do trabalho em artesanato e a construção dos processos identitários pelos trabalhadores. A intenção é mostrar em seu conjunto, quatro pontos essenciais: existe uma identidade constituída a partir de um apanhado de elementos, sejam culturais, sociais ou laborais entre os artesãos presentes em várias regiões brasileiras e na cidade de Goiânia. Essa identidade vem sendo gerada, formada, desenvolvida ao longo dos tempos. Características e particularidades do processo e organização do trabalho desses artesãos foram modificadas ainda que alguns elementos permaneçam relacionados ao processo e à organização do trabalho industrial. O artesanato é um tipo de trabalho em que, os gêneros se misturam em suas atividades laborais, com algumas ressalvas. O objetivo geral é analisar o processo laboral e a construção da identidade no trabalho em artesanato em Goiânia e no Brasil. Entre os objetivos específicos estão: reconstruir os fundamentos teóricos sobre o surgimento do artesanato como forma de trabalho. Analisar a relação entre a forma identitária laboral e outras formas identitárias construídas na trajetória biográfica do trabalhador em artesanato. Analisar a relação entre identidade social do trabalhador em artesanato e identidade cultural relacionada ao artesanato regional e nacional. Analisar a divisão social do trabalho em artesanato e a construção do gênero entre trabalhadores em artesanato em Goiânia e no Brasil. Como metodologia foi utilizada uma abordagem quali-quantitativa, utilizando-se primeiramente bases de dados governamentais que continham dados sobre o trabalho em atividades artesanais, como o Censo do IBGE e a PNAD. Na etapa qualitativa empregamos entrevistas presenciais com artesãos e artesãs com o uso de gravador, a partir de um roteiro de entrevista, o qual orientava as questões centrais no processo de coleta de dados, a pesquisa documental, a aplicação de questionários de forma on line empregando o aplicativo Google Docs, diálogos informais e a utilização de blogs, redes sociais e bases de dados relacionados a portais ou sítios da internet.

Palavras-Chave: Trabalho, artesanato; identidade; Brasil, Goiânia.

ABSTRACT

The thesis theme discuss in the process and organization of work in handcraft and the construction of the identity process by the workers. The intention of it is to show its group, four points are essential: there is an identity built from de mixture of elements, as cultural, social and labors between the handcrafters present in many Brazilian regions and in the city of Goiânia. This identity has been concepted, made and developed all over the years. This characteristics and particulates of work process and organization of this handcrafters were still modified some elements have relations to the process and the industrial work and organization, the handcraft is a kind of work which the genders mixture themselves in your labors activities, with some modifications. The main objective is to analyses the labor process and the construction of identity in the work of handcraft in Goiânia and Brazil. The specific objectives are: to built the theoretical fundaments about the origin of handcraft as a way of work; to analyses the relation between the labor identity and another identity forms built in the biographical trajectory of a worker in handcraft; to discuss the relation between the worker social identity in handcraft and the cultural identity related to regional and national handcraft; to examine the social division of the work in handcraft into handcraft and the construction of the gender between workers in handcraft in Goiânia and in Brazil. As methodological process, it was used an approach quality and quantity used, at first, the bases of governement which had informations about the work in handcraft activities. The archives were IBGE and PNAD. In the quality step, we made presently reporting with handcrafters by a recorder following a schedule of central questions in the information of the documental research. We applied of the questionnaires' were made in on line version with help of the applicative of Google Docs, informal dialogues and the utilization of blogs, social networking and base of information related to internet sites.

Key-words: work; handcraft; identity; Brazil; Goiânia.

INTRODUÇÃO

O objeto desta tese é o trabalho no artesanato e a construção de uma identidade que se relaciona com esse tipo de atividade no Brasil, com destaque para a cidade de Goiânia. A temática proposta na tese gira em torno da compreensão do processo e organização do trabalho em artesanato e a análise da construção dos processos identitários desenvolvidos. A sua construção remete a problemáticas consideradas na sociologia do trabalho, bem como em outras áreas de conhecimento que tratam do objeto em questão.

Emergem, inicialmente, as seguintes questões: como se desenvolve a organização e o processo de trabalho no artesanato e dos estilos de vida com ele envolvidos? Existe uma valorização subjetiva das atividades laborais na constituição da identidade do artesão? O artesanato que se faz atualmente em Goiânia e no Brasil se constrói sobre alguma identidade profissional? O trabalho em artesanato é informal e precário, em algum nível, em sua organização e condições de realização prática? Em relação à divisão sexual no trabalho com o artesanato, como ela se dá? Qual é o perfil do artesão goiano e brasileiro como trabalhador hoje? Como eles se apresentam como artesãos e profissionais frente à sociedade?

Em termos gerais, a tese parte do conceito de artesão¹, empregando determinadas perspectivas teóricas, distinguindo artistas de artesãos e empregando uma abordagem histórica para a compreensão do trabalho no artesanato. É importante também considerar as diferentes perspectivas teóricas sobre o conceito de identidade. Por outro lado importa também relacionar a construção de formas identitárias com elementos em dimensão macrossocial, como os processos de globalização e hibridização cultural. Esse repertório instrumental orientará a análise da organização do trabalho e a intersecção com gênero no artesanato em Goiânia e no Brasil, bem como a identificação do perfil social nesse tipo de trabalho e a compreensão de como os elementos subjetivos trazidos pelas narrativas dos artesãos são pertinentes à construção de suas formas identitárias.

As hipóteses subjacentes neste trabalho relacionam-se com quatro pontos essenciais: primeiro que, existe uma identidade constituída singular a partir de um apanhado de elementos sejam culturais, sociais ou laborais entre os artesãos

¹ Quando a tese se referir ao termo artesão, entenda-se que se refere aos sexos feminino e masculino dos trabalhadores na atividade.

presentes em várias regiões brasileiras e na cidade de Goiânia. Segundo, essa identidade é constituída historicamente. Terceiro, características e particularidades do processo e organização do trabalho desses artesãos foram modificados, bem como, continuam caminhando junto ao processo e organização do trabalho industrial; quarto, o artesanato é um tipo de trabalho em que prevalece uma distribuição de atividades laborais não orientadas por gênero, com algumas ressalvas. Defende-se aqui, a partir de argumentos teóricos e empíricos distribuídos em quatro capítulos, que o artesanato possui uma organização laboral, é um trabalho diferenciado com dinâmica diferenciada da utilizada no processo de trabalho industrializado e, por fim, que compreende formas identitárias singulares expressas pelos artesãos trabalhadores.

A tese possui como objetivo geral a análise do processo laboral e a construção da identidade no trabalho em artesanato em Goiânia, especificamente com um estudo na Feira do Cerrado² dessa cidade e no Brasil. A proposta deste estudo é fruto da trajetória empreendida durante o curso de mestrado em sociologia da Universidade Federal de Goiás entre 2002 e 2005, que esteve voltada para o tema da informalidade nas relações de trabalho. Durante o curso buscou-se compreender os processos de interação social nos espaços públicos de Goiânia, a partir da observação das atividades dos “vendedores ambulantes”³ estabelecidos geograficamente no Mercado Aberto⁴. Dessa forma a pesquisa que se quer realizar dá continuidade às questões referentes ao trabalho, antes focalizadas nas feiras organizadas – como o Mercado Aberto – procurando centralizar a análise agora, nos trabalhadores artesãos e na identidade construída entre os mesmos referente ao processo de produção, distribuição e consumo de seus produtos artesanais.

² A Feira do Cerrado está localizada atrás do Estádio Serra Dourada, próximo a BR-153 na cidade de Goiânia aos domingos.

³ Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações vendedor ambulante é descrito como aqueles que “Vendem mercadorias em vias e logradouros públicos. Estipulam prazos e condições de pagamento e fornecem descontos nos preços. Planejam atividades de vendas e definem itinerários. Compram, preparam e transportam mercadorias para venda, visitam fornecedores, fazem levantamento de preços e negociam preços e condições de pagamentos. Providenciam licença para exercer a ocupação”. (Classificação Brasileira de Ocupações). Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em 20 de maio de 2012. 17h15min.

⁴ O Mercado Aberto situa-se na Avenida Paranaíba, no Centro de Goiânia. Esse centro de comércio popular teve origem na ação da Prefeitura de Goiânia em regularizar o mercado informal que funcionava nas Avenidas Goiás e Anhangüera, sendo reestruturado em seções e sob uma cobertura em lona tensionada. (OLIVEIRA, 2005, p 102).

A análise, que está inserida na linha de pesquisa “Trabalho, Emprego e Sindicatos” do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências Sociais revela também a emergência de novas discussões, novos debates, colaboração na produção científica tanto para a sociologia do trabalho quanto para outras áreas de conhecimento que lidam com o assunto.

A tese inicia-se, em seu primeiro capítulo, com fundamentações teórico-metodológicos a respeito do artesanato em sua origem histórica, partindo da compreensão do período medieval do artesão, numa relação de trabalho, bem como de seus elementos constituintes, como a habilidade artesanal, a motivação, o talento, a figura do artífice, as oficinas, as guildas, a autoridade artesã, a consolidação da profissão e do ofício. Segue-se considerações sobre as transformações sociais, o desenvolvimento do artesanato, num contexto global, moderno e industrial e a reestruturação da organização do trabalho. Discute-se a construção do artesanato a partir do conceito de identidade cultural e social, e da relação entre as formas identitárias e a essência do artífice. Há também informações sobre o artesanato no Brasil e em Goiânia com suas características peculiares expressos nos produtos e sobre alguns projetos que envolveram o artesão, já realizados em cada região brasileira. Ao longo do segundo capítulo, fez se uma abordagem sobre o perfil do artesão da cidade de Goiânia e de algumas regiões brasileiras, bem como, conceituações sobre o trabalho artesanal definidas em documentos, suas formas de disposição nas sociedades.

No terceiro capítulo trabalha-se os elementos empíricos identificados a partir da pesquisa quantitativa e qualitativa, no sentido de compreender a relação entre a identidade profissional e outras formas de identidades construídas no trajeto profissional dos artesãos trabalhadores determinados na pesquisa.

O último capítulo trouxe uma abrangência maior dos elementos expostos pelos artesãos e artesãs entrevistados que puderam servir de análise para entender a construção das relações sociais travadas pelos trabalhadores artesãos, compreender suas identidades profissionais construídas junto a outras identidades, entender o desenvolvimento do trabalho dos artesãos junto ao mercado, as relações de gênero presentes no trabalho com o artesanato e as transações identitárias desenvolvidas com o artesanato enquanto trabalho.

A investigação empírica e teórica em torno da problemática exposta decorre da curiosidade intelectual acerca da dinâmica observada no mundo do

trabalho com seus sujeitos, formas de produção, de gestão, particularmente, num recorte específico, na forma de trabalho desenvolvida pelo artesanato em Goiânia e no Brasil. Emprega-se uma abordagem quali-quantitativa, utilizando-se primeiramente bases de dados governamentais que contêm dados o trabalho em atividades artesanais, como o Censo do IBGE e a PNAD. Na etapa qualitativa empregamos entrevistas presenciais com artesãos e artesãs com o uso de gravador, a partir de um roteiro de entrevista, o qual orientava as questões centrais no processo de coleta de dados. As entrevistas presenciais possibilitaram reter respostas tanto das questões abertas propostas no roteiro, quanto informações não previstas nas perguntas, porém, faladas pelos entrevistados. Assim, utilizamos nessa metodologia, a gravação das entrevistas, a transcrição dos dados e logo, “a construção de uma nova realidade no texto produzido e por meio dele”. (UWE, 2004, p. 266)

Realizamos dezoito entrevistas com artesãos através de um roteiro de entrevista com questões direcionadas, e em sua aplicação pode-se obter respostas dos artesãos com elementos subjetivos expressos além do roteiro. Foi possível também mesmo com o roteiro, a reconstrução dos conteúdos da teoria subjetiva apresentada, onde foram realizadas perguntas controladas pelos assuntos que se pretendia enfocar.

Para enriquecimento da pesquisa foram desenvolvidos diálogos informais com todos que, de alguma maneira contribuísem para a realização do objetivo central, no contexto da problematização que norteia o trabalho empírico, bem como, a utilização de blogs e redes sociais (*Facebook*) relacionados ao tema. Partiu-se de bases de dados relacionadas a portais ou sítios na Internet que permitem apreender, no âmbito do Brasil o processo e organização do trabalho⁵.

Foram enviados centenas de questionários online, empregando o aplicativo Google Docs, a artesãos identificados nos portais de comércio em artesanato mencionados atrás. Foram elaboradas questões (ver reprodução do questionário em anexo 2), organizadas nos seguintes tópicos: 1. Sexo. 2. Idade. 3. A cidade em que reside. 4. Tempo que reside na cidade. 5. Local onde desenvolve sua atividade profissional. 6. Tempo que trabalha neste local. 7. Motivos que o (a) levaram a trabalhar com o artesanato. 8. Tipo de artesanato trabalhado. 9. Inspiração relacionada a seu trabalho com o artesanato. 10. Escolaridade. 11. Questões

⁵www.artesanatonarede.com.br,
www.elo7.com.br.

www.portaldeartesanato.com.br,

www.tudoarte.com.br,

relacionadas à posição social do artesão às suas formas identitárias, quanto à identificação do artesanato a alguma questão social, como, ambiental, saúde, regional, associativismo, cooperativismo e/ou outras questões, se o seu artesanato está relacionado de alguma maneira a alguma Instituição Social, se o trabalho que desenvolve com o artesanato se identificaria melhor com o fazer masculino ou com o fazer feminino, se o artesão ou a artesã acredita que o trabalho que desenvolve com o artesanato contribui ou contribuirá para sua inserção na vida social. 12. Questões sobre a Identidade de gênero, a respeito da visão do homem artesão e da mulher artesã, sobre o seu trabalho com artesanato e questões relacionadas aos dados socioeconômicos. Utilizamos também a pesquisa documental realizada em arquivos ligados ao artesanato em Goiânia, como a Central do Artesanato em Goiânia e através dos endereços eletrônicos destas instituições.

O artesanato, em suas relações de trabalho e em suas produções identitárias, e mais especificamente naquelas feitas pelos artesãos trabalhadores, pode ser analisado e compreendido numa perspectiva teórico-metodológica que remete à teoria da estruturação de Giddens (1989, p. 7), a partir dos elementos da “agência” e da “estrutura”. Para compreender a teoria da estruturação é necessário afastar-se do dualismo associado ao subjetivismo individualista e ao objetivismo que remeteria à sociedade. A prioridade está em entender as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo, sem privilegiar a análise da experiência do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social. A estrutura e o agente caminham juntos nesse processo da estruturação.

Quanto ao agente, Giddens se refere às atividades recursivas dos indivíduos, as quais, não seriam propriamente criadas pelos atores sociais nas atividades de trabalho, mas, continuamente recriadas por eles, através dos próprios meios pelos quais eles se expressam como atores. O artesanato desenvolvido pelos trabalhadores foi visto de forma metodológica inserido num contexto de interação da prática desse trabalhador com o meio que vive e trabalha. Parte-se da ideia do trabalhador artesão enquanto agente que intervém em seu meio (estrutura) e recebe deste, elementos que influenciam suas ações futuras. Desenvolvem suas ações laborais pela monitoração reflexiva e pela racionalização da ação.

O ser humano nessa análise está inserido na ordenação recursiva das práticas sociais, é entendido como um agente intencional⁶, ou seja, o sujeito possui razões para desenvolver suas atividades. O agente terá a agência como elemento, fará suas ações por meio de suas capacidades de criar, de realizar as coisas, ou seja, existirá no agente um monitoramento reflexivo da sua atividade a desenvolver e que vai envolver a conduta não apenas do indivíduo, mas, também de outros. Essa perspectiva teórica foi verificada ao longo da pesquisa ao compreender o artesão trabalhador enquanto aquele que produz suas práticas laborais orientadas por razões diversas, por muitos motivos que se encontram nos bastidores do ser trabalhador artesão homem ou mulher, em suas variadas formas: na escolha do artesanato, escolha dos materiais utilizados no artesanato, influência para entrar no trabalho com artesanato, inspiração para produzir seu próprio artesanato e outros.

A partir da recriação dessas intenções, no contexto de suas vivências profissionais, culturais e sociais onde estão imersos, reelaboram suas práticas laborais em função desse contexto. Existem demandas culturais, profissionais e sociais às quais eles devem se atentar sempre, tendo em vista a divulgação de suas obras artesanais e da manutenção de sua sobrevivência. Tem-se, portanto, a reflexividade nessas práticas, o agente (artesão trabalhador) faz suas ações (laborais) por suas razões, mas também, por influências do meio (mercado, estilo cultural, vocação, ofício). A agência enquanto elemento para se fundamentar e compreender a teoria da estruturação é pensada como aquilo que o indivíduo faz e reproduz na estrutura social.

Outro elemento da teoria da estruturação diz respeito à estrutura, cuja concepção está voltada para a “delimitação de tempo e espaço em sistemas sociais” (GIDDENS, 1989, P. 13). A estrutura era vista como um conceito isolado, separado do agente, e era concebida por muitos teóricos como composta de regras que podem exercer poder de coercitividade sobre o indivíduo. Na proposta metodológica da teoria da estruturação, o construto une a capacidade subjetiva e reflexiva do agente com estrutura social, resultando não em um dualismo entre os dois elementos, mas sim, numa dualidade. Dessa forma, a análise da estruturação enquanto teoria metodológica requer estudar os modos como os sistemas sociais, fundamentados nas

⁶Por intencional é entendido como o que “caracteriza um ato que seu perpetrador sabe, ou acredita, que terá uma determinada qualidade ou desfecho e no qual esse conhecimento é utilizado pelo autor para obter essa qualidade ou desfecho” (GIDDENS 1989, p. 8).

atividades cognitivas dos agentes envolvidos em regras e variados contextos, são produzidos e reproduzidos em interação. Agentes e estruturas se interagem um ao outro, “a estrutura não tem existência independente do conhecimento que os agentes possuem a respeito do que fazem em sua atividade cotidiana. Os agentes humanos sempre sabem o que estão fazendo no nível da consciência discursiva.” (p. 20)

Pensa-se o artesão trabalhador nesse contexto de interação entre os seus fazeres e a sociedade, os grupos e as inserções que vivenciam. O fazer do artesão passa pela sua atitude de produzir um produto por etapas planejadas. Esse fazer requer uma prática, uma atividade essencial e unicamente própria, que difere do fazer de outros artesãos. Cria-se nesse fazer a sua individualidade enquanto artesão. Para que este fazer se realize é necessária uma aceitação da pessoa do artesão, de modo que o fazer se torne um elemento constituidor de sua identidade, que não mais se define predominantemente por sua nacionalidade nem por sua religião, nem é fiel a uma ideia nem a uma imagem, mas a uma prática: o seu ofício. Esse ofício se adequará ao meio social em que o artesão está inserido. Tito reflete este ofício (2004) como uma característica que está presente no artesanato e que de certa forma o define.

Cardini (2004) compreende o artesanato como inserido em elementos como a tradição familiar, a continuidade de saberes que se desenvolvem em diferentes tempos e espaços, a memória, tida como ferramenta na transmissão destes saberes e a consagração como instância de validação que configura a construção de capital artesanal. Tudo isso é associado a outras trajetórias biográficas, sendo suas atitudes para fazer o artesanato, ligadas às escolhas dos outros, aos desejos dos outros, às condições de espaço físico para expor seus produtos, a incentivos de grupos ligados ao Estado para fomento, às organizações sociais que incentivam o artesanato, à aprovação dos clientes quanto às suas peças, à disposição dos materiais no mercado ou na própria natureza para que seja possível a produção de suas peças. Muitos são os diálogos que os agentes (artesãos trabalhadores do Brasil e da cidade de Goiânia) devem empreender com agentes nas estruturas sociais em que se situam. A organização do trabalho desses artesãos depende de todos estes elementos, bem como de, suas construções identitárias.

A ideia de processo civilizador de Elias (1993 e 1994) leva à compreensão da condição humana como uma lenta e prolongada construção do próprio homem. Existe nessa teoria a compreensão da civilização como processo que se faz com um

sentido, dado pelo homem em suas vivências. Sua premissa principal é a de que as mudanças na estrutura social estão relacionadas às mudanças na estrutura de comportamento e da constituição física do indivíduo, ou seja, parte-se da existência das ligações entre mudanças na organização estrutural da sociedade e mudanças na estrutura de comportamento e na constituição psíquica.

Pensa-se na articulação de cada elemento da cultura humana para a compreensão dos modos e formas dos homens produzirem e viverem, sendo a sociedade definitivamente obra do próprio homem, sem naturalismos. Aborda-se o progresso no pressuposto do sentido e o sentido é a civilização. Essa forma teórica metodológica de pensar a sociedade e seus homens remete à análise das maneiras de como os homens são formados, criados, educados e conduzidos socialmente e à ideia de que existe um sentido na história: “o desenvolvimento dos modos de conduta, a civilização dos costumes, prova que não existe atitude natural no homem”. (ELIAS, 1994)

Os artesãos pesquisados possuem identificações do seu fazer com o reconhecimento da sociedade sobre este fazer não correlacionadas apenas e unicamente ao processo cultural local, regional e nacional, mas ao processo de identificação do seu fazer através do olhar do outro, olhar externo, portanto, aos elementos sociais. O artesão trabalhador, nessa perspectiva teórico-metodológica, pode ser percebido enquanto homem que vive na humanidade desenvolve uma prática profissional que está inserida num processo tanto manual e de habilidade em seu ofício que vem de longos anos na história, quanto em outros processos que vão além de suas atividades artesanais, mas se configuram em um todo social, cultural e histórico, ficando as suas produções manuais, mesmo que, expressas por vocações ou dons naturais, nas condições do estilo de vida legitimados pela modernidade e pela sociedade industrializada. O sentido da civilização olhada a partir dos artesãos trabalhadores está em vivenciarem todos esses processos e serem educados e condicionados neles.

As formas identitárias identificadas ao longo dessa tese e atuações de artesãos como trabalhadores foram moldadas pelas condições sociais do momento, as quais tiveram suas construções ao longo da história. Representativa foi a questão do ofício do artesão trabalhador no Brasil e na cidade de Goiânia, ao ser consolidados em muitos a partir do aprendizado com base no trabalho de um membro da família,

vindo de gerações enunciando um continuísmo das práticas profissionais, também como um processo.

Além das duas perspectivas apontadas em Giddens e em Elias, o estudo do sentido da ação social em seu caráter subjetivo se faz relevante ao apresentar uma natureza subjetiva à ação do agente, chamada de ação social, uma ação conceituada por Weber (2004) como uma “ação que, quanto ao seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso” (p.3) Há um sentido na ação laboral dos artesãos que é motivado racionalmente, afetivamente ou tradicionalmente. Suas ações são sociais, pois, denotam suas subjetividades e possuem perspectivas nos outros variados, revelam-se profissionais, mas com significados construídos em vários sentidos, como se pode citar alguns descobertos durante a pesquisa: sentido dado pelo incentivo da família para se tornar um trabalhador artesão, sentido oferecido por buscar um trabalho, sentido vindo da busca por uma reestruturação emocional e reestruturação profissional, sentido produzido pelo gosto natural em produzir artesanato.

Os entrevistados utilizados metodologicamente para esta pesquisa se dividiram em dois grupos: primeiro aqueles abordados via e-mail cadastrados em sites de venda de produtos artesanais, em redes sociais como o facebook e blogs, esses de várias regiões do Brasil. Nessa abordagem surgiram outros artesãos aleatoriamente, dos quais também fizemos o registro. Foi feito o levantamento desses artesãos e o registro de seus e-mails, e em seguida o início do envio dos questionários e o recebimento de algumas respostas com formulários preenchidos.

Outro grupo foi focado em artesãos da cidade de Goiânia, concentrados na Feira do Cerrado nesta cidade. Com esses, houve uma aproximação física maior, pois, realizaram-se entrevistas presenciais. Para cada artesão foi dado um nome fictício. Todos os grupos foram pesquisados entre 2010 e 2014. As entrevistas presenciais foram realizadas no momento que a Feira do Cerrado estava acontecendo, aos domingos, entre 8h e 13h.

As subjetividades desses artesãos foram muito bem demonstrada tanto presencialmente quanto via e-mail, quando respondiam às questões proposta de formas oral ou escrita, deixando bem explícita a sua identidade como artesão ou artesã. Muito determinante ficou a forma como todos eles e elas falaram de si

demonstrando uma afirmação de que eram de fato artesãos e artesãs por várias razões, como discutidas ao longo desta tese.

Também há que se falar da forma como muitos artesãos especialmente no grupo presencial, nesta afirmação identitária demonstraram superioridade laboral ao serem entrevistados, o que leva a pensar que os artesãos, pelo menos os presentes na Feira do Cerrado se sentem profissionais diferenciados no mercado. Essa constatação veio da experiência enquanto pesquisadora na abordagem com alguns artesãos, os quais, em muitos casos, tiveram receio de falar sobre o seu trabalho, de expor o processo de produção do mesmo e de responder às questões do roteiro de entrevista, com muito cuidado e atenção ao seu próprio trabalho. Lado a lado, teve se artesãos e artesãs que ao contrário expuseram e responderam prontamente as questões, sem deixar de manter a superioridade profissional.

Algumas dificuldades metodológicas foram encontradas, principalmente no envio dos questionários via e-mail, onde, poucos artesãos de fato respondiam e devolviam o questionário, muitos nem responderam, outros diziam que iriam responder e não enviavam. Com o grupo presencial, a dificuldade esteve voltada para a disponibilidade em realizar a entrevista, muitos, negaram-se a ser entrevistados, seja na Feira do Cerrado, seja em seus ateliês. Com um universo de subjetividades em cada artesão e artesã, as respostas e percepções foram bem diversificadas, tendo que, ao longo da pesquisa agrupá-las em categorias possíveis de análises.

1. ARTESANATO: ATIVIDADE DE TRABALHO E SUAS FORMAS EMBRIONÁRIAS.

Pretende-se compreender o artesanato como um tipo de trabalho a que corresponde uma forma identitária, sob o olhar especialmente da sociologia do trabalho. Neste primeiro capítulo o objetivo é analisar os fundamentos teóricos sobre o surgimento do artesanato como um tipo de trabalho. Nessa perspectiva faz-se importante conhecer o artesanato em sua forma mais embrionária, bem como seus fundamentos conceituais. O artesanato como um trabalho aqui será compreendido e analisado como um conjunto de elementos que, juntos formam o produto final, numa construção em que o fazer e o pensar do artesão caminham juntos.

O artesanato será considerado no sentido de uma diversificação de fazeres, de atividades, de técnicas disseminadas, que, varia entre o fazer à mão e o fazer industrial. Nem todos os produtos elaborados pelos artesãos caracterizaram-se apenas pelo trabalho manual. Há complemento de partes industrializadas, porém, com predominância manual no processo. Além disso, também se encontra uma variação entre os conceitos de arte e de artesanato entre os próprios artesãos.

Esta tese acolhe as duas visões, o artesanato como arte e artesanato como produto, o qual de acordo com Silva (2006) desde o período da história categorizado como período neolítico tem-se o começo da produção e o desenvolvimento de artefatos no sentido de garantir a sua sobrevivência e bem-estar individual e coletivo, ao produzir objetos com suas próprias mãos. Portanto, um início do artesanato se dá com a criatividade instintiva da humanidade, tendo na Antiguidade adquirido funcionalidade, a partir da produção de peças e ferramentas para o trabalho agrícola, expressando-se, dessa forma, como objeto de uso prático, utilitário, acessível e tangível.

O artesanato, segundo o ponto de vista do artesão, só é de fato artesanato quando está pronto para exposição e envolve um processo de produção, conduzido pelo trabalhador, que, poderá explorar os materiais necessários para tal. Antes disso, é um composto de materiais, que serão procurados e encontrados por cada artesão conforme a sua necessidade. A fase de exploração é uma primeira fase na pretensão de encontrar o melhor material para o produto que deseja criar. Assim que encontra e reúne os materiais, o artesão inicia a aplicação da sua criatividade e das suas habilidades.

Essa habilidade existe como um dos elementos utilizados na produção artesanal. Conceitualmente é entendida por Sennett (2009) como um estilo de vida que desapareceu com o desenvolvimento da Revolução Industrial, que se expressa como “um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo” (p.19). Dessa forma entendida, a habilidade artesanal se realiza como um fazer intrínseco à vida cotidiana do artesão interligada às suas visões de mundo, junto à utilização de ferramentas e técnicas para se atingir os objetivos adequados. A habilidade artesanal se faz essencial no tratamento do material, tendo a motivação e não apenas o talento como peça fundamental para que ela se desenvolva e o orgulho pelo próprio trabalho como seu cerne. O elemento motivação se faz mais importante que o talento, pois, o desejo de qualidade do artesão faz com que ele realize o seu trabalho numa constante busca pela perfeição.

Além da habilidade artesanal, o artesão pode ser pensado além de sua condição. Pode ser compreendido como um artífice, uma categoria analisada por Sennett (2009), a que alude como um símbolo do desejo de realizar bem um trabalho pelo prazer de ver a coisa benfeita. Existe um artífice em todo artesão, nesse sentido, pois, este busca no desenvolvimento da sua habilidade artesanal, em longo prazo, se aperfeiçoar, amadurecer no que faz, não apenas imitando algo, mas desenvolvendo técnicas. Durante o seu fazer, o pensar amadurece, de forma que, o fazer não estará dissociado do pensar, em uma produção artesanal.

Nesse símbolo do artífice, que oferece ao artesão um sentido em sua produção, temos a autoridade que reside na qualidade de suas habilidades. Por exemplo, no período medieval, existiam os chamados ourives medievais, com suas oficinas:

A oficina-residencial medieval não seguia as regras de uma família moderna unida pelo amor. Organizada num sistema de guildas, a oficina proporcionava outras recompensas emocionais mais impessoais, notadamente uma posição honrosa na cidade. (SENNETT, 2009, p. 67)

Nessas oficinas os artífices dormiam, comiam e criavam seus filhos nos locais de trabalho; assim, eram tratadas também como residências de famílias, eram pequenas e abrigavam no máximo algumas dezenas de pessoas. As oficinas possuíam a ideia de família e de trabalho ao mesmo tempo, e a condição da autoridade desenvolvida pelo mestre com suas habilidades junto à obediência do aprendiz ou do jornaleiro a esse mestre.

Uma essência da oficina está em sua configuração de demarcar quem manda e quem obedece na relação de aprendizado e construção do artesanato. O mestre possui a autonomia em mandar, sem a interferência de outros, sendo os desníveis de capacitação e experiência questões diretas e pessoais dentro das oficinas. As mulheres não podiam ser membros das guildas, apenas serviam para limpar e cozinhar nas casas das oficinas da cidade. Percebemos dessa forma, a existência hierárquica no ensinamento que estabelece a partir de um superior, os padrões de ensino e o treinamento.

A autoridade era masculina, e absorvida nos três níveis de hierarquia de mestres, jornaleiros e aprendizes. Os “vereditos dos mestres eram definitivos, sem possibilidade de recurso” (SENNETT, 2009, 73). A figura do mestre nas guildas medievais onde se desenvolviam as oficinas era de autoridade e autonomia, sendo, o trabalho técnico do artífice norteador pelo comportamento ético. Todas as guildas medievais se baseavam na hierarquia da família, não necessariamente a partir de laços de sangue, ou seja, o mestre artífice era legalmente o *loco parentis*⁷ em relação aos jornaleiros e aprendizes que dependiam dele, mesmo que não fossem propriamente seus parentes.

Essa autoridade do artífice medieval se fundamentava no fato de ele ser cristão, pois o cristianismo primitivo dava credibilidade à dignidade do artífice: “era importante tanto para os teólogos quanto para o leigo que Cristo fosse filho de um carpinteiro, servindo as origens humildes de Deus para mandar um sinal sobre a universalidade dessa mensagem” (SENNETT, 2009, p. 69). A condição de artesão mestre na figura do artífice expressava um labor que condenava a autodestruição, por parecer pacífico e produtivo, realizado com habilidades humanas e criativas.

Segundo Imbroisi e Kubrusly (2011), no período medieval as mulheres bordavam, costuravam, faziam renda, tricô e crochê, mas, mesmo produzindo suas peças e possuindo a habilidade nesta produção, não eram admitidas nas oficinas dos artesãos ou, como já dito, nas guildas medievais. Sua participação era proibida. Portanto, dominavam as técnicas e também o fazer e o pensar artesanal, porém, não eram consideradas como artesãs e nem participantes do mercado de trabalho, mas sim, mulheres prendadas para o âmbito doméstico e familiar, ou seja, ostentavam atributos esperados de mulheres jovens que pretendiam se casar.

⁷ Ideia de local familiar ou conhecido.

Sennett (2009) compreende o processo de produção como realizado pelas mãos e pela mente, expressado na figura do artífice, um símbolo do homem Iluminista. O fazer e o pensar estão numa lógica conjunta, onde a mão inteligente, aquela que faz e que pratica, é aquela que adquire habilidades, e dá ao artífice possibilidades de aperfeiçoamento do seu fazer, da sua técnica. As ações concretas são relacionadas ao artífice como “laboratórios nos quais os sentimentos e as ideias podem ser investigados” (SENNETT, 2009, p. 30). Caso a cabeça, que envolve o pensar e a mão que exprime o fazer, ficassem separados no processo de produção artesanal, “cabeça é então prejudicada, o entendimento e a expressão ficam comprometidos” (SENNETT, 2009, p. 30).

Nessa perspectiva teórica, o fazer deve estar relacionado com o pensar, e o desenvolvimento desta relação fará o aperfeiçoamento da habilidade, a qual deixará de ser apenas uma técnica (somente fazer):

Vários estudos demonstram que, progredindo, a habilidade torna-se mais sintonizada com os problemas, como no caso da técnica de laboratório preocupada com o procedimento, ao passo que as pessoas com níveis primitivos de habilitação esforçam-se mais exclusivamente no sentido de fazer as coisas funcionarem. Em seus patamares mais elevados, a técnica deixa de ser uma atividade mecânica; as pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem. (SENNETT, 2009, p. 30).

A produção artesanal envolve uma relação interna entre o artesão e a coisa que ele faz. A partir do pensamento de Mills, tendo-o como uma das referências importantes para se compreender o artesanato enquanto conceito, (2009, p. 59) o trabalho feito como artesanato expressa um modelo, que envolve seis características principais: a primeira compreende que, o principal motivo para a produção do produto se faz pelo processo de criação desse produto. A segunda, os detalhes do produto são todos contextualizados, pensados em conjunto para a obra inteira. Terceira e quarta, o artesão, tratado nessa tese como um trabalhador, é livre para aprender com o trabalho realizado, usar e desenvolver suas capacidades e habilidades na produção do mesmo, de modo que, o artesanato é uma das formas que o artesão, enquanto homem encontra para desenvolver a si mesmo. Quinta, não existem rupturas entre trabalho e diversão, eles caminham juntos, complementam um ao outro, pois, a produção do artesão é uma habilidade natural, uma realização pessoal no fazer e por

fim, a forma como o artesão “ganha seu sustento determina e impregna todo o seu modo de vida”, ou seja, o artesão vive a sua produção cotidianamente.

Concomitante a essa concepção do fazer e do pensar compreendidos juntos na produção artesanal temos a ideia do engajamento, como uma forma prática e não instrumental de realização do processo de produção e como representação de uma condição humana, essencial na análise que Sennett (2009) faz da figura do Artífice. Numa outra dimensão de análise, é possível a compreensão dos elementos que possibilitam a regressão desse artífice, como a competição, a qual é analisada pelo autor como uma forma que, “incapacitou e desalentou os trabalhadores, permanecendo sem recompensa ou invisível o *ethos* do bom trabalho pelo bom trabalho que orienta o artífice” (SENNETT, 2009, p. 48).

Além das percepções conceituais referenciadas teoricamente, apresentaremos algumas caracterizações do artesanato relacionadas às visões de organizações sociais que trabalham com o artesanato. Uma das caracterizações que se faz do artesanato⁸ é tratá-lo como a transformação da matéria-prima em objetos úteis, pelo artesão, a pessoa que faz à mão objetos de uso frequente na comunidade que, reproduz objetos que chegaram até ele através de várias motivações⁹. Os produtos artesanais foram caracterizados pela UNESCO em 1997 como produtos feitos manualmente ou não, por fins diversos e que tenha a predominância do fazer à mão:

Aquele confeccionado por artesãos seja totalmente à mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias-primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social. (BORGES, 2011)

Existem no Brasil outras conceituações a respeito da ideia sobre o artesanato e outras formas de trabalhos que podem se aproximar da produção artesanal. Segundo informações publicadas no Diário Oficial da União, seção 1¹⁰, o

⁸Caracterização retirada do site: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-artesanato/hist.php>. Acesso em maio de 2013.

⁹Essas motivações são analisadas, trabalhadas no capítulo quatro, a respeito da identidade dos trabalhadores artesãos no Brasil e em Goiânia.

¹⁰Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico <http://www.in.gov.br/autenticidade.html>,

artesão é aquele trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Possui o domínio técnico sobre os materiais, as ferramentas e os processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças.

Não é considerado artesão aquele que trabalha de forma industrial, com o predomínio da máquina e da divisão do trabalho, do trabalho assalariado e da produção em série industrial. Nesse caso ocorreria apenas a realização de um trabalho manual, sem transformação da matéria-prima e fundamentalmente sem desenho próprio, sem qualidade na produção e no acabamento. Realizaria-se somente uma parte do processo da produção, desconhecendo o restante.

O conceito de artesanato gira em torno da ideia de que toda a produção artesanal é resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduos que detenham o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios.

A parte da simples montagem, com peças industrializadas e/ou produzidas por outras pessoas, a lapidação de pedras preciosas, a fabricação de sabonetes, perfumarias e sais de banho, com exceção daqueles produzidos com essências extraídas de folhas, flores, raízes, frutos e flora nacional, com habilidades aprendidas através de revistas, livros, programas de TV, dentre outros, sem identidade cultural, seriam traços e trabalhos não considerados como artesanato. Neste, a destreza manual do homem é que confere ao objeto uma característica própria e criativa, refletindo a personalidade do artesão e a relação deste, com o contexto sociocultural do qual emerge.

A arte popular já constitui outra forma de fazer, um conjunto de atividades poéticas, musicais, plásticas, dentre outras expressivas que configuram o modo de ser e de viver do povo de um lugar. A diferença entre a arte popular e o artesanato

estaria no profundo compromisso com a originalidade que o artista popular possui e que para o artesão essa seria uma situação meramente eventual. O artista necessitaria de dominar a matéria-prima como o faz o artesão, mas estaria livre da ação repetitiva frente a um modelo ou protótipo escolhido, partindo sempre para fazer algo que seja de sua própria criação.

O artesão, quando encontra e elege um modelo que o satisfaz quanto à solução e forma, inicia um processo de reprodução a partir da matriz original, obedecendo a um padrão de trabalho que é a afirmação de sua capacidade de expressão, como também concorda Silva (2002). A obra de arte é peça única que pode, em algumas situações, ser tomada como referência e ser reproduzida como artesanato. Há uma complementaridade e ao mesmo tempo uma diferenciação da peça de arte e do produto em artesanato. Uma narrativa de um artesão demonstra essa questão:

um está contido no outro, não há tanta diferenciação não. O artesão é um artista. Agora existe diferenciação na arte. Porque o artesão é arte? Aí vai depender, a Arte é uma coisa mais política, existe uma essência maior, mais diferenciada, impar vamos dizer assim, a diferença do artesão e a arte em si é porque o artesanal é feito em série a Arte não. (JOÃO, 2010)

Compreendemos também algumas características delineadas sobre o artista e sobre a arte popular, ela pertence ao povo, expressa a identidade cultural regional, personifica a peça, o artista produz obras assinadas, busca a realidade, traduz o belo, o artista sozinho realiza a peça, a arte popular apresenta elementos estéticos, possui maior valor econômico que as peças artesanais, o artista expressa emoção do momento da criação, a arte popular revela expansão cultural de um povo, possui um espaço determinado nas galerias, exposições e eventos, a arte popular é auxiliada pelo folclore e pela globalização, é feita por qualquer pessoa, independente do seu nível econômico ou social e requer um olhar diferente para ser entendida.

Quanto aos trabalhos manuais, são conceituados como aqueles em que, em geral, são utilizados moldes pré-definidos e materiais industrializados. As técnicas são aprendidas em cursos rápidos oferecidos por entidades assistenciais ou fabricantes de linhas, tintas e insumos. Normalmente constituem uma ocupação secundária, realizada no intervalo das tarefas domésticas ou como passatempo.

Em alguns casos, os trabalhos manuais configuram-se como produção terceirizada de grandes comerciantes de peças acabadas que utilizam aplicações de

rendas e bordados como elemento de diferenciação comercial. Trata-se de produtos sem identidade cultural e de baixo valor agregado. Seguem moldes e padrões pré-definidos difundidos por matrizes comercializadas e publicações dedicadas exclusivamente a trabalhos manuais, apresentam uma produção assistemática, ainda que não sejam criadas de fato como no caso do artesanato. Utilizam-se matérias e técnicas de domínio público, produtos baseados em cópias, sem valor cultural que identifique sua região de origem ou o artesão que o produziu. Normalmente empregam matérias-primas industrializadas ou semi-industrializadas e recebem influência global.

No caso dos produtos típicos são resultantes das atividades ou de trabalhos manuais. São produzidos a partir de matéria-prima regional e em pequena escala. Compreendem os alimentos processados por métodos tradicionais. Os artigos de perfumaria. Cosméticos e aromáticos. Utilizam embalagens, rótulos e etiquetas artesanais. Devem revelar identidade cultural e observar a legislação vigente que regulamenta a comercialização. Os produtos semi-industriais são aqueles produzidos em pequenas fábricas. A característica predominante é o baixo custo de produção, de venda, e saturação do mercado. Normalmente são lembranças, recordações de viagem ou souvenir destinado aos turistas.

Compreendido o que seria de fato, uma produção artesanal, pode-se remeter a uma das formas de análise do trabalho com o artesanato pensando-o a partir de numa dimensão cultural. O artesanato que se encontra na sociedade contemporânea, é umas das formas de trabalho o qual pode se revelar como uma “produção artesã” que, nos dizeres de Canclini, não é mais privilegiada pela conquista da técnica anunciada por quem a produz, mas é comandada, “decidida nas galerias de arte e nas cadeias de televisão, nas editoras e nas agências de notícias dos Estados Unidos e da Europa” (2008, p.130), ou seja, o artesanato pode ser visto num contexto de globalização direcionado especialmente pelo mercado e pela cultura global e também inserido no processo de informalidade no que diz respeito à sua relação com a sociedade, mais especificamente da forma como esse produto é produzido, exposto e possivelmente vendido. Constitui-se como um tipo de trabalho e mais uma forma de se conseguir a sobrevivência. Pode-se dizer que o artesanato tem se desenvolvido em meio a formas de trabalho precário e informal.

Nessa perspectiva de Canclini, que privilegia a noção de artesanato numa vertente especialmente cultural, temos um artesanato medido conforme as condições

históricas. Faz-se logo, o estudo das mudanças históricas pelas quais o artesanato passou, enquanto atividade de trabalho.

1.1. DIMENSÕES HISTÓRICAS NO ARTESANATO E SUAS TRANSIÇÕES.

A habilidade artesanal desenvolvida pelo artífice e suas capacitações, começam a desaparecer com o advento da sociedade industrial, especialmente com a legitimidade da máquina. Conforme havia o amadurecimento desta cultura da indústria e da máquina, o artífice do século XIX não se expressava como um mediador destas transformações históricas e sim como seu inimigo, ao se deparar com a tentativa da rigorosa perfeição maquinaria frente às variações, defeitos e irregularidades do trabalho manual.

Os artesãos enfrentaram, portanto, as mudanças tecnológicas a partir de três frentes: dos empregadores; dos trabalhadores sem qualificação que tomam seus empregos e das máquinas. Essas mudanças expressas especialmente pelo processo de produção norteado pelas máquinas formaram a decaída e a transformação do artífice. A sociedade industrial criou novas habilidades artesanais, que se desenvolveram com novas imagens, aliada às inovações tecnológicas. O que se percebe é que o artesanato não desapareceu, entretanto, adaptou-se aos novos contextos históricos.

O artesanato que se insere no contexto mundial modifica-se a partir da demanda, no próprio processo histórico. Pode-se discutir o caso do Japão para se entender como essa transição se desenvolveu fora do Brasil. Nesse país tinha-se a figura do *oyakata* que eram tidos como intermediários entre os operários e a empresa; muitos deles controlavam centenas de trabalhadores e eram empreiteiros. Contratavam aprendizes de 12 a 15 anos, que hospedavam e a quem garantiam também a alimentação e roupas. Esses aprendizes aprendiam os trabalhos olhando os *oyakatas* e os operários mais velhos. Eram eles que dirigiam e controlavam os trabalhos nas empresas, a organização das equipes de trabalho. A empresa desenvolvia seus operários e seus trabalhos dessa forma e a eles confiava o trabalho. Legitimava todo esse processo de aprendizagem e de formação dada pelos operários mais velhos e pelos *oyakatas* no local de trabalho. Havia nesse sentido uma formação

interna junto os *oyakatas* e uma formação externa junto à empresa, duas formações consideráveis pelas empresas.

Após a Primeira Guerra Mundial, as grandes empresas do Japão investiram na formação interna de seus operários. Para tanto, angariavam jovens com formação escolar concomitante à mecanização e com o desenvolvimento técnico durante as crises. Esse movimento minou muito a atuação intermediária dos *oyakatas*, pois, a preparação empírica e manual já não eram mais adequadas e necessárias ao novo processo de trabalho.

Nesse caso específico do Japão, houve em discussões e resultados de pesquisas feitas por Hirata (2002) a substituição de uma qualificação artesanal pelo trabalho fragmentado e especializado, o qual se apropriava a um controle global e direto do processo de trabalho e logo o desaparecimento da instituição do *oyakata* nas décadas de 1910 e de 1920.

Essa realidade a respeito do trabalho industrializado no Japão foi expressa por uma artesã, em seu depoimento sobre sua produção artesanal nos dias atuais: “Eu trabalhei no Japão e lá é tudo muito mecânico, fábrica, mesmo as pessoas, é uma linha de produção e você trabalha em série e o artesanato não, ao mesmo momento que eu estou fazendo hoje um trabalho com tecido, amanhã posso trabalhar com biscuit, se a artesã tiver essa flexibilidade” (ISADORA, 2012) ¹¹. A artesã morou por algum tempo no Japão e durante a sua adolescência, nunca trabalhou em empresas, mas conhecia quem trabalhava. Sempre produziu no Japão bijuterias, por influência de sua mãe que sempre confeccionou jóias no Japão. Iniciou o trabalho e o processo de produção com o artesanato ao produzir pequenas e poucas peças que vendia em feiras. Sua narrativa nos demonstra a ênfase que faz na diferenciação do processo do trabalho industrializado e do processo de trabalho com o artesanato.

É possível entender que, com o industrialismo, o trabalho com o artesanato não saiu de cena por completo, ele continuou, porém, foi sendo desenvolvido e impulsionado como trabalho por diversos motivos. Um contexto que permite essa discussão está na crise contemporânea e nas metamorfoses que o mundo do trabalho adquiriu ao longo dos anos.

Antunes (2003) expressa a década de 1980 em países capitalistas, como o momento de profundas transformações nas formas de organização do trabalho, bem

¹¹Entrevista concedida em Ceres-Goiás. 2012.

como, nas representações sindicais e políticas. Mudanças essas ocorridas a partir dos avanços tecnológicos, automação, robótica e a microeletrônica, as quais inserem-se nas formas de produções e nas relações de trabalhos já existentes. Entretanto, no aspecto da produção no trabalho, o fordismo¹² começa a ser substituído pela acumulação flexível¹³ e logo, pelo toyotismo¹⁴. É nesse sentido que se traz a reflexão a respeito desses novos modelos de produção, no sentido de verificar a continuidade dos trabalhos industrializados junto aos trabalhos manuais ou artesanais. O momento é de mudanças para os países capitalistas, no entanto, essas mudanças aconteceram não somente na materialidade das fábricas, mas houve interferências nas subjetividades dos trabalhadores, em suas “formas de ser” (ANTUNES, 2003, p. 23)

Todos os processos pelos quais passaram o trabalho enquanto atividades laborais produziram consequências. Dentre elas, o aumento do desemprego estrutural, o retrocesso da ação sindical e o individualismo exacerbado. (HARVEY, 1999) Ao vivenciar especialmente esse desemprego, trabalhadores tiveram que procurar novas alternativas de trabalho, até pelo fato de alguns não adequarem-se às novas exigências que a acumulação flexível impunha¹⁵. A procura por essas novas formas impulsionou a busca pelo trabalho informal e o trabalho com o artesanato está nesse contexto.

É certo que, o trabalho com o artesanato nos moldes do artífice existe desde antes à produção capitalista e industrializada, mas, com esse novo cenário de transformações na forma de trabalhar, a busca pelo artesanato fez-se também pelas características que esse tipo específico de trabalho apresenta-se. Para fugir do

¹²Produção em série de massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos, através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista e da produção em série fordista, pela existência de trabalho parcelar e pela fragmentação das funções, pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho, pela existência de unidade fabril concentrada e verticalizada. (ANTUNES, 2003, p. 25)

¹³A acumulação flexível apóia-se na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. (HARVEY, 1999, p. 140)

¹⁴Produção toyotista é variada, diversificada e pronta para suprir o consumo. É este quem determina o que será produzido, e não o contrário, como se procede na produção em série e de massa do fordismo. Desse modo a produção sustenta-se na existência do estoque mínimo. O melhor aproveitamento possível do tempo de produção (incluindo-se o transporte, o controle de qualidade e o estoque), é garantido pelo *just in time*. (ANTUNES, 2003, p. 34)

¹⁵Para atender às exigências mais individualizadas de mercado, no melhor tempo e com melhor qualidade, é preciso que a produção se sustente num processo produtivo flexível, que permita a um operário operar com várias máquinas (em média cinco máquinas, na Toyota), rompendo com a relação um homem/uma máquina que fundamenta o fordismo. E a chamada polivalência do trabalhador japonês. (ANTUNES, 2003, p. 34)

estresse dos trabalhos nos formatos da acumulação flexível contemporânea, para ter uma nova renda no orçamento junto com outro trabalho ou um a renda apenas com o trabalho artesanal, ser um trabalhador livre das condições de horários que as empresas fornecem, fugir da exploração do trabalho no universo da produção, o trabalho com o artesanato teve sentido para muitos trabalhadores, como bem percebeu-se em conversas com alguns artesãos, e narrado por um trabalhador artesão da cidade de Goiânia: “O artista não tem fronteiras, não tem limitações, se alguém me mandar eu não faço, mas se pedir eu faço duas vezes, mas se mandar eu não faço! Ninguém me manda, quem manda em mim sou eu! Não me mando, eu me polio”. (PEDRO, 2010)

Outra questão a considerar-se na discussão a respeito do artesanato como trabalho e suas transformações históricas, é compreender o contexto moderno-industrial, onde há que se considerar também, o desenvolvimento das intensas e rápidas transformações provocadas pelo processo chamado de globalização, que rompe com os modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular de uma sociedade (local ou global), na medida em que se torna um elemento de interferência na convivência e vivência das pessoas.

A globalização pode ser entendida muito mais do que um simples conjunto de transformações no interior da própria organização capitalista internacional, não se constituindo apenas num processo puramente econômico, que derive somente dos avanços tecnológicos ou da evolução competitiva dos mercados. Na realidade, tem se revelado mais como um processo que envolve vários aspectos, que incluem, além do econômico, o social, o político e o cultural.

No campo das relações existentes no mundo do trabalho, por exemplo, as transformações causadas pela globalização são extremamente visíveis no cotidiano dos indivíduos, em razão da adoção de uma política neoliberal de reestruturação produtiva: mercado flexível, trabalho flexível e trabalho precarizado, interações profundas entre os chamados setores formais e informais. Tem-se um processo de flexibilização do trabalho que irá representar uma ruptura como o modelo tradicional de relações trabalhistas. E no caso do Brasil, os trabalhadores tiveram que se adaptar às novas exigências, sendo polivalentes, multifuncionais, capacitados e com alto grau de escolaridade. No Brasil, esse processo de reestruturação produtiva obrigou muitas empresas a modernizarem-se e a utilizarem-se de novos métodos de gestão e produção, como, estratégias de racionalização de custos, redução de jornada de

trabalho, de salários e até mesmo demissões. A consequência desse ajuste para o Brasil foi principalmente o desemprego (SILVA FILHO. In: NEVES, 2009). O mercado de trabalho das décadas finais do século XX e primórdios do atual tem se mostrado dinâmico ao incorporar todas essas tendências mundiais do capital. No cenário internacional, o neoliberalismo tem-se configurado como um projeto político e econômico, um arcabouço ideológico ideal para a consolidação da reestruturação produtiva e da globalização. Nos anos 1970, discutia-se o conceito de economia informal¹⁶, como

um complexo de atividades de pequeno porte, voltadas para a geração de renda e sobrevivência dos novos moradores das cidades, que a elas aportavam em razão do processo de êxodo rural, provocado pela modernização das sociedades e pela oportunidade de emprego nas atividades industriais. Fenômenos tais como a contratação ilegal de trabalhadores sem registro em carteira, os contratos atípicos de trabalho, as falsas cooperativas de trabalho, o trabalho em domicílio, os autônomos sem inscrição na previdência social, a evasão fiscal das microempresas, o comércio ambulante e a economia subterrânea, podem ser evocados como exemplos da diversidade de situações que podem caracterizar o que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) denomina “economia informal”. Mas, apesar dessa disparidade de manifestações, há um denominador comum: o fato de que, geralmente, envolvem trabalhadores cuja condição tende a ser mais precária em razão de estarem em atividades em desacordo com as normas legais ou fora do alcance das instituições públicas de seguridade social. (KREIN; PRONI, 2010)

Vale ressaltar que a noção de informalidade foi ampliada ao longo do tempo, incluindo-se nela, também, as atividades pequenas de caráter duradouro, as atividades inovadoras de ocorrência natural e espontânea, que permaneciam à margem da legalidade, das leis comerciais, fiscais e trabalhistas e dos cálculos estatísticos. Os trabalhadores inseridos na informalidade procuram sobreviver em ocupações improvisadas, escapam dos meandros da burocracia e do pagamento de impostos. São camelôs, barraqueiros, donos de fábricas de fundo de quintal. Alguns resvalam para a ilegalidade: vendem cigarros e remédios falsificados, CDs pirateados, que entram clandestinamente no País, ou uma miríade de badulaques coloridos que enfeitam as ruas de qualquer cidade.

¹⁶**Economia informal: aspectos conceituais e teóricos.** KREIN, José Dari; PRONI, Marcelo Weishaupt. Escritório da OIT no Brasil. Brasília: OIT, 2010, 1 v. Série Trabalho Decente no Brasil. Documento de trabalho n.4. Disponível em: http://www.oit.org.br/sites/default/files/topic/employment/pub/economia_informal_241.pdf. Acesso em 03/06/2012.

Referente à precarização pode-se entendê-la a partir da concepção teorizada por Pelegrino (2006, p.34): “nessas atividades se verifica a ausência de garantias trabalhistas, como estabilidade, férias e outras conquistas dos trabalhadores”. Compreendido além das formas existentes de relações de trabalho, o atributo da precarização também engloba as novas formas de emprego designadas como atípicas. Esse processo traz mudanças nas estruturas das relações sociais dos indivíduos.

As mudanças trazidas pela globalização discutida antes, são encontradas também expressas nas formas de vida das pessoas que a vivenciam, portanto, pode-se pensar no que Giddens (1991, p.11) compreende a respeito do que denomina modernidade, como “um estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Tal modernidade se desenvolverá no processo globalizante, à medida que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredarem pela superfície da terra como um todo. A modernidade difundirá os produtos da atividade, racional, científica, tecnológica, administrativa, implicando uma crescente diferenciação dos setores da vida social, política, econômica, vida familiar, religião, e da arte em particular. A modernidade possuirá sua fé recalcada na racionalização, seu único princípio de organização da vida pessoal e coletiva.

Com o desenvolvimento do industrialismo, do processo de globalização, do estilo moderno de se viver, novas formas de relações trabalhistas vão se legitimando, como aqueles excluídos do mercado formal, que passam a se inserir na precarização a que nos referimos atrás e serem considerados resíduos.

A função do artesanato se modificará com a chegada da industrialização, com transformações na estrutura da civilização ocidental, ou seja, o artesanato constituinte de uma produção única do fazer a partir da habilidade, da necessidade de criação, utilizando estratégias e ferramentas inéditas, manuais, com aperfeiçoamentos, passa a ser uma forma alternativa de produção no contexto de industrialização. Há uma ruptura entre criação e produção: entre o processo do fazer e do pensar. Enquanto os artesãos criavam o que produziam, os operários contratados pelas novas fábricas eram incapazes de criar – não havia este estímulo – limitando-se a operar as máquinas que fabricavam em série os produtos desenvolvidos pela figura do designer. Estes operários, eram pessoas que, saíram do

campo, trabalhadores agrícolas, entretanto, sem qualificação ainda, para o trabalho nas indústrias.

Em contrapartida, a qualificação dos artesãos se dava de pai para filho, com ofícios hereditários, dando a estas famílias um capital cultural e social. Conforme Imbroisi e Kubrusly (2011) havia aprendizes, vindos de outras famílias, que pagavam por sua formação profissional nos ateliês. Existiam códigos de condutas entre esses artesãos, que possuíam regras de convivência e comercialização quanto aos preços entre regiões e a utilização de técnicas ou ferramentas capazes de aumentar ou acelerar a produção em relação às de seus parceiros de profissão.

Na tentativa de combater a industrialização, muitos movimentos surgiram na Europa, como, por exemplo, o movimento *Arts and Crafts*¹⁷, na Inglaterra. Eram defensores do conceito de peça única com qualidade funcional e estética, do convívio e da colaboração recíproca entre artistas e artífices. Defendiam o artesanato em oposição à produção mecanizada e em série, o fim da distinção entre arte e artesanato e o conceito de “Arte para Todos” (IMBROSI e KUBRUSLT, 2011).

Formavam um grupo de artistas, arquitetos, filósofos e intelectuais, os quais refletiram as formas massificadas que a produção intelectual estava construindo, dando prioridade à quantidade em detrimento da qualidade. Muitos participantes desse movimento defenderam a extinção sumária das novas tecnologias e a volta ao sistema puramente artesanal de produção (Imbroisi e Kubrusly, 2011). Temos também o Movimento Hippie, o qual estimulou o artesanato no mundo inteiro nos anos 1960, a partir das passarelas de moda e vitrines de decoração. Influenciado e modificado por questões históricas, sociais, culturais, far-se-à a compreensão do artesanato condicionado por elementos sociais e profissionais.

1.2. ARTESANATO: PRÁTICA DE SABERES. PROFISSÃO E OFÍCIO.

Dubar afirma que é possível associar a “oposição entre profissões e ofícios a um conjunto de distinções socialmente estruturantes e classificadoras que se reproduziram através dos séculos” (2005, p. 164 e 165). O termo profissão em francês (*profession*) possui dois sentidos diferentes que correspondem a dois termos em inglês: pode remeter à totalidade de empregos (*occupations*) ou a profissões liberais e

¹⁷ Artes e Artesanatos.

científicas (*professions*). A ideia das profissões liberais e dos ofícios tem no Ocidente uma origem nas corporações. As artes liberais e artes mecânicas, os artistas e os artesãos, os trabalhadores intelectuais e os manuais faziam parte de um mesmo tipo de organização corporativa que assumia a forma de ofício juramentado em cidades juramentadas onde se professava uma arte. Com o desenvolvimento das universidades, essas artes liberais e artes mecânicas começaram a se dissociar, levando a uma oposição entre:

As profissões oriundas das *septem artes liberales* ensinadas nas universidades e cuja produção cabe mais ao espírito que à mão; e os ofícios oriundos das artes mecânicas, em que as mãos trabalhavam, mais que a cabeça e que se desvalorizam na sociedade do antigo regime a ponto de a Enciclopédia dar a eles a seguinte definição no século XVIII: ocupações que exigem força braçal e que se limitam a determinado número de operações mecânicas. (DUBAR, 2005, p 164 e 165).

Profissionais e oficiais faziam parte de um mesmo modelo de origem, as corporações¹⁸. Aprender um ofício não era apenas adquirir uma habilidade necessária para exercer uma atividade adulta. Além de tudo isso, era participar de uma comunidade moral com motivações profundas, com juramento religioso solene bem parecido com os juramentos pronunciados pelos padres, monges, pelo rei em sua coroação, pelos universitários, pelos cavaleiros, um estado juramentado (termo da carta e Henrique III, de 1585), de fidelidade; logo, caracterizavam-se como uma fraternidade espiritual juramentada. Nessas condições a ideia de pertencimento é bem legitimada. A profissão de artesão nesse contexto histórico do antigo regime designava o pertencimento a uma corporação e o seu engajamento até o fim da vida:

O estado de um artesão determinava definitivamente sua posição na ordem social e definia seus direitos, dignidades e obrigações, de maneira bastante semelhante ao pertencimento de um indivíduo a um dos três estados do reino, o clero, a nobreza e o terceiro estado, em um nível mais elevado. O ofício era considerado, pois, um meio de estabelecer sua posição na vida. (DUBAR, 2005, p. 167).

Compreende-se que a ideia do pertencimento e da aquisição de comportamentos morais esteve presente na forma de ser artesão como ofício. Nessa perspectiva teórica percebemos que o artesanato possui um grande diferencial, o qual

¹⁸Corpos, confrarias e comunidades no interior dos quais os membros eram unidos por lações morais e por um respeito das regulamentações detalhadas de seus *status*. (DUBAR, 2005, p. 165).

se dá pela aquisição de saberes práticos, teóricos e profissionais. Há uma mistura desses saberes.

A partir dos estudos empíricos realizados para essa pesquisa, em entrevistas com artesãos trabalhadores na cidade de Goiânia e pelas informações vindas dos questionários aplicados via e-mail a artesãos de diferentes regiões do Brasil, pode-se compreender que a atividade laboral do artesão se constituiu com laços familiares e de forma natural, ou seja, a maioria dos artesãos brasileiros e goianos aprendeu a fazer artesanato com familiares próximos e, à medida que foram se inteirando do processo do fazer artesanato, aprimoraram a produção.

A vocação natural, o gosto por fazer, a criatividade, a liberdade em criar, o sentido em cada obra feita, expressa por histórias nelas contidas e as habilidades para desenvolver o artesanato, foram apontados como elementos presentes na produção dos trabalhos. Exemplos são apresentados nas narrativas a seguir, pelos artesãos¹⁹, da cidade de Goiânia:

Todos nós temos dons, você só não pinta porque você não tem aquela vontade, mas eu tive aquela vontade desde criança, meus cadernos eram desenhados então eu fui despertando aos poucos essa vontade igual a pessoa 'eu gosto de futebol e tal, eu gosto de ler, vou ler, eu gosto de cozinhar e vou cozinhar, eu gosto de escrever vou escrever, eu gosto de cantar vou cantar' isso é de cada um, eu tive essa vontade de desenhar, pintar, então eu não consigo ficar sem fazer isso. Então eu acho que não é um dom, não existe essa questão dom, há o que é importante pra você. São habilidades. (NETO, 2012)

Artesão é um dom, uma coisa boa dentro da gente, a gente vai criando peças cada dia melhora mais, e se você não praticar você nunca vai saber se você faz um coisa boa. (REGINA, 2012)

Na verdade eu não consigo desenhar nada, eu já pego e já tenho alguma coisa na cabeça, então já tenho aquilo e vou montando e saí. (PAULO, 2012)

O belo é a força, expressão do trabalho. Eu estou falando aqui, mas ela está apreciando a nossa prosa, ela está ouvindo, ela tem uma vida, porque eu conto uma história na obra, eu dou vida para o metal. Eu não faço uma escultura para ganhar dinheiro e comprar arroz e feijão, eu faço uma história, eu conto uma história na obra, tem uma história. Essa história fica impregnada na peça quando as pessoas apreciam e olham, como se fosse hipnotização, as pessoas ficam hipnotizadas, tem uma expressão. (PEDRO, 2012)

Todos são costurados na máquina, mas eu que invento as peças, criação minha mesmo. Não tem mistério, o artesanato ele vai da

¹⁹Artesãos entrevistados na Feira do Cerrado na cidade de Goiânia. Entrevista concedida em 2012.

minha visão que eu quero trabalhar. Eu cortei uma pimentinha e dessa pimentinha já vem uma pétala de flores, vem a coruja, vem o elefante, tudo eu invento. (MATILDE, 2012)

Pode-se analisar o quanto os depoimentos são expressivos e refletem bem a vontade em fazer o seu artesanato, seja pela forma habilidosa de fazer artesanato com que cada um encontra, seja pela forma de dom, como um fazer já enraizado na pessoa que faz, seja pela forma inventiva, criativa de fazer algo, seja pelo significado com que cada artesão oferece à sua obra, impregnando nela a sua visão, a história que deseja contar para as pessoas através dela.

As identidades profissionais, culturais, sociais expressas pelas atividades laborais dos artesãos são construídas por meio de processos específicos de saberes e socialização diversificada. A habilidade manual e mental ao criar e ao fazer é expressa pelo artesão como uma forma singular desse tipo de trabalho. Concomitante à caracterização do artesão de modo geral como um trabalhador diferenciado que expressa um ofício fundamentado em saberes práticos, tem-se a compreensão do trabalhador artesão brasileiro e do trabalhador artesão da cidade de Goiânia, nos próximos escritos.

2. ARTESANATO: ATIVIDADE LABORAL NO BRASIL E NA CIDADE DE GOIÂNIA.

2.1. UM OLHAR SOBRE O TRABALHADOR ARTESÃO NO BRASIL.

Este capítulo traz algumas caracterizações da produção artesanal no Brasil, conceituações institucionalizadas em documentos a respeito do artesanato brasileiro e na cidade de Goiânia, a organização, distribuição e outros elementos que caracterizam o artesanato no local, bem como, a compreensão de quem é o artesão trabalhador brasileiro e o artesão trabalhador da cidade de Goiânia. Destacaremos alguns traços que identificam o artesanato em algumas regiões brasileiras, com o intuito de verificar como essa atividade é compreendida em sua formação embrionária e disseminada no Brasil e em específico na cidade de Goiânia.

Junto às formas legitimadas e institucionalizadas que o artesanato encontra para se realizar nas sociedades, temos o entendimento sobre a tipificação do artesanato no Brasil. A tipologia oficial para se definir o tipo de artesanato neste País determina a classificação por gênero, utilizando como referência a matéria-prima predominante, bem como sua funcionalidade na produção artesanal. Os materiais recicláveis não constituem uma tipologia específica, dada a sua diversidade e possibilidade de enquadramento em outras tipologias. Inicialmente tem-se a matéria-prima natural de origem, animal, vegetal e mineral representado pela areia colorida; borracha; ceras, massas, gesso e parafina; chifres, ossos, dentes e cascos; conchas, escamas de peixes; couro, peles, penas, cascas de ovos, crina de cavalo; fibras vegetais.

Kubrusly e Imbroisi (2011) apontam, por exemplo, que a técnica artesanal da cestaria é uma realização nativa brasileira e o crochê, o bordado, a renda, a tecelagem em tear de trama perpendicular são de origem européia. A tecelagem caseira tornou-se essencial para atender às necessidades domésticas. A técnica da tecelagem foi praticada nos engenhos no início da plantação de cana-de-açúcar no Nordeste, tornando-se uma atividade forte a partir do século XVIII em Minas Gerais com a descoberta das jazidas de ouro, pois, muitas famílias portuguesas ou descendentes delas se instalaram próximas a estes territórios dificultando o acesso às metrópoles; com isso, houve a necessidade de produzir tudo por perto, especialmente os tecidos de roupas.

O crochê²⁰, a renda e o bordado vieram das mãos das rainhas que praticavam o artesanato de agulha e linha. Segundo a história da Renda Renascença e da renda Irlandesa, trazidas pelas freiras da Irlanda para o Sergipe, a Renda Irlandesa se caracterizava pelo uso do lacê ou fitilho que serve de base para o trabalho feito com a agulha e desenvolvimento das formas de renda. Tem como suporte um papel grosso, onde é alinhavado o lace sobre um desenho, que, depois, é fixado em uma almofada ou travesseiro, para ser confeccionada a renda.

Acredita-se que esta técnica foi ensinada a alunas das freiras, bem como, a escravas e empregadas pelas senhoras ricas, para que, produzissem suas peças de renda, utilizadas em toalhas de mesa, acessórios, ornamentos e roupas. Hoje, é utilizada tradicionalmente na região Nordeste do Brasil: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Bahia, havendo diferença no emprego da matéria-prima empregada e variações de feitura para a produção desta renda. Durante as pesquisas realizadas com os artesãos da cidade de Goiânia e pelos questionários enviados por e-mail a artesão cadastrados em várias regiões brasileiras, percebeu-se a intensa utilização das técnicas e materiais descritas acima.

A partir de um trabalho realizado por um designer, Imbrosi (2011), que atua também como um consultor em regiões brasileiras e no exterior, algumas características foram delineadas nas regiões do Brasil quanto à produção artesã, desenvolvidas pela motivação de projetos e a utilização marcante de algumas técnicas artesanais.

Na região Sudeste do Brasil, por exemplo, especificamente em Muquém, a técnica principal utilizada é a tecelagem; em Carmo do Rio Claro, seria o crochê; e, Igarai, seria o bordado, com o projeto Café Igarai, uma associação com 13 associadas.

Na região Centro-Oeste, como em Brasília, no Distrito Federal, tem-se grupos que se dedicam à produção artesanal tais: a Associação dos Artesãos de Planaltina, o grupo Agulha Mágica, Associação de produção artesanal de Santa Maria (Apas), Cia do Lacre e Panteras do Lacre²¹, Bordadeiras de Taguatinga²²,

²⁰Palavra francesa *crochet* que quer dizer gancho que, significa a forma da agulha, conforme Kubrusly e Imbroisi (2011, p. 23).

²¹Antes de o grupo ter essa denominação, era chamado de Associação Moda e Tradição, fundada em 1997 por um grupo de mulheres que acrescentou em 2001, o nome de fantasia Cia do Lacre. Depois o grupo se dividiu em dois: Cia do Lacre e Panteras do Lacre. (KUBRUSLY e IMBROSI, 2011, p. 81).

²²Baseado na imagem de migrações, os moradores da cidade de Taguatinga observam que a capital reúne pessoas de todo o Estado nacional, de forma que todos estão aqui representados de alguma

Bonequeiras da Estrutural²³, Samambaia/Ser Brasileiro²⁴, Artesanata²⁵, Mãos que Criam²⁶, as Floristas²⁷, João de Fibra (antigo Capim Colonial)²⁸, Palha Dourada²⁹, Flor do Cerrado³⁰, Crochetando³¹, Art Crochê³². Nestes lugares as principais técnicas utilizadas são o bordado, a cestaria e o crochê. Tem-se também, o grupo ArtFlora que, desidrata, trata e tingue flores e fibras do Cerrado. Em Campo Grande, estado do Mato Grosso do Sul, seria o crochê³³. Em Primavera do Leste a 340 km da Capital Cuiabá e Pedra Preta e Rondonópolis, estado do Mato Grosso, tem-se o projeto Algo D+³⁴ e como técnica principal utilizada, o bordado.

Na região Norte, nos municípios de Mateiros e o povoado de Mumbuca em São Félix e o povoado do Prata, no Jalapão, estado de Tocantins, há o

forma. Como cada um traz consigo os seus hábitos e suas práticas, a capital reúne os fazeres de todo o país, operando como o local da síntese dos fazeres tradicionais. Essa ideia de síntese se constrói na própria experiência de formação dos grupos de trabalho. As mulheres começam a se reunir e a entrar em contato com outras mulheres, que por sua vez também trazem suas práticas e fazeres artesanais, descobrem-se mutuamente as semelhanças e diferenças. Observam então que mulheres provenientes de várias regiões do Brasil possuem habilidades para fazer o bordado, por exemplo, mas os tipos de pontos e o modo de fazer em si podem variar um pouco de lugar para lugar. Reunidas em Brasília, no Centro do Brasil, elas trocam experiências e pontos de bordado, e acabam por concluir que no centro do Brasil se encontram representadas as variações regionais provenientes de várias localidades, resultando numa síntese de saberes e de fazeres brasileiro. Informações encontradas no site: <http://diariodeantropologa.blogspot.com.br/2008/10/parte-i-captulo-3-as-bordadeiras-de.htm>. Acesso em 21 de janeiro de 2013.

²³Grupo de artesãs fundado em 2004, a partir de um curso que uma artesã ofereceu na cidade Estrutural, uma invasão. (KUBRUSLY e IMBROSI, 2011, p. 94).

²⁴Idem.

²⁵Grupo de artesãs que produzem itens de cozinha com variedade de arremate de crochê e cores. (Idem, p. 123).

²⁶É uma Associação na invasão Cidade Estrutural. (Idem, p. 105).

²⁷Grupo de Artesãs que fazem almofadas, mantas de cetim e algodão. (Idem, p. 124).

²⁸Constitui-se de uma empresa cujo responsável é o João Gomes que veio do Ceará, onde a mãe fazia Chapéus trançados. Trabalha como instrutor e ensina outros grupos a técnica do trançar. Utiliza fibras do cerrado e um capim que dá em beira de estrada, que ele chama de capim colonião. (Idem, p. 106).

²⁹Grupo de mulheres agricultoras em Braslândia, área rural próxima ao Distrito Federal. Produzem cestaria combinada com crochê de buriti e fazem frutas e flores de crochê aplicando em cestinhos, caixinhas e sacolas de palha. (Idem, p. 112).

³⁰Grupo-empresa que desenvolve a esquelitação de secagem das folhas, mantendo a estrutura intacta. Extrai a matéria prima da flora do cerrado, na época e com a forma correta de coleta das folhas para não prejudicar o desenvolvimento da planta, usa produtos não poluentes, reaproveita a água. Usa principalmente a folha-moeda, típica da região. (Idem, p. 117).

³¹Grupo de artesãs na região administrativa de Riacho Fundo do Distrito Federal. (Idem, p. 126).

³²Grupo que desenvolve trabalhos na linha de joias de crochê. Fabricam flores em crochê, colares dourados, prateados e coloridos. (Idem, p.102).

³³Desenvolvido pelo grupo de crocheteiras que produzem peças de bichos característicos do Pantanal tais: onça pintada, jacaré, capivara, arara azul, arara vermelha, colheiro, tuiuiú, piranha e sucuri. (Idem, p. 128).

³⁴Constituído por dois grupos que produziram uma manta: o grupo Colônia de Mulheres, de Primavera Leste. Que tingiu e bordou usando o fio de algodão fiado pelo grupo Fibra do Cerrado, de Rondonópolis. (Idem, p. 131).

desenvolvimento do Projeto Capim Dourado³⁵, com a utilização principal da técnica da cestaria. Esta cestaria feita com capim dourado se desenvolveu inicialmente por todo Jalapão e logo foi se aprimorando com a inserção de pedrarias, com acabamento feito em metal dourado. O trabalho com o capim dourado se expandiu por diferentes localidades brasileiras, até por aquelas as quais o capim nem cresce. Em São Gabriel da Cachoeira, e distrito de Iauareté, estado do Amazonas, as técnicas desenvolvidas principalmente são a cestaria e o crochê de agulha, a partir do projeto Tucum³⁶. Na região Nordeste e no Norte existem potencialmente as fibras vegetais das palmeiras, onde um grupo chamado ArteSol organiza oficinas, ensinado a outros trabalhos manuais.

Na região Sul do Brasil, em São Borja, a técnica principal utilizada é o bordado, pelo projeto Favos do Sul, que nasceu de uma pesquisa sobre uma tradição local, a respeito da utilização dos favos das bombachas gaúchas tradicionais, que são as calças largas com punhos apertados nos calcanhares. Possuem enfeites nas laterais externas chamados favos ou favos de mel, e em outras regiões do Brasil são tidas como casinhas de abelha, por lembrar o desenho das colmeias. Esses favos são feitos com a técnica do plissado e do belisco, um pinçamento de algumas pregas para formar os losangos similares aos favos. A bombacha e a vestimenta masculina com lenço no pescoço, camisa, faixa na cintura e botas são considerados como traje oficial desde 1989. A ideia era levar estes favos para os acessórios de decoração e moda. (KUBRUSLY e IMBROSI, 2011, p. 173).

Tem-se ainda nessa região, o desenvolvimento pelo projeto Lã Puro, da técnica do crochê. A intenção deste projeto é a fabricação de peças com a lã, porém, peças que pudessem ser comercializadas em outras regiões do Brasil e não apenas no inverno. Nos municípios de Camaquã, em São Lourenço do Sul, em Pelotas, em Arroio Grande, em Rio Grande, São José do Norte, Piratini, na Região do Mar de Dentro e sudeste do estado do Rio Grande do Sul, pelo projeto Bichos do Mar de

³⁵Capim muito comum no Jalapão, típico de cerrado. Para utilizá-lo os artesãos esperam a fibra amadurecer até atingir seu brilho máximo e colhem antes que comece a secar e ficar quebradiça. Este capim dourado brota depois do fogo, culturalmente dito, depois das queimadas naturais do cerrado. Costuram o capim com a seda do buriti, que é um fio bem fino dessa fibra. (Idem, p. 136).

³⁶A Fibra da palmeira do tucum é amplamente utilizada no artesanato indígena. É uma tradição que correu o risco de se perder, caso as gerações mais novas não encontrassem estímulos para lhe dar continuidade, se não fossem recuperadas algumas práticas artesanais que estavam sendo abandonadas. É uma palmeira que possui muitos espinhos. As artesãs coletam o tucum na mata ou plantam em suas próprias roças. Utilizam uma vara comprida com uma forquilha na ponta para pegar a folha, de onde retiram a fibra. Utilizam o olho da palmeira, que quer dizer, a parte interna da folha, antes de ela se abrir. As artesãs fiam torcendo a palha com a mão sobre a própria coxa. (Idem, p. 134).

Dentro, tem-se a produção de peças em crochê, representando animais como o cisne-de-pescoço-preto, ave migratória encontrada em lagoas locais, capivara, graxaim-do-campo, jacaré-do-papo-amarelo, zorrilho e mão-pelada. Todos com representatividade local e valor agregado, servidos como “vitrine” da preservação ambiental, onde o crochê e o bordado são as técnicas artesanais mais utilizadas.

Na região Nordeste, tem-se em Monteiro, em Zabelê, em São João do Tigre, em São Sebastião do Umbuzeiro, região do Cariri, estado da Paraíba, pelo projeto A Paraíba em Suas Mãos, o desenvolvimento da técnica da renda Renascença. Este projeto teve como objetivo transformar o que já se produzia. As artesãs inseridas nesse projeto produziam peças leves e modernas, tirando o excesso de renda Renascença.

Em Divina Pastora, estado de Sergipe, pelo projeto Renda de Divina Pastora, utiliza-se essencialmente a renda Irlandesa, por um grupo de 18 (dezoito) artesãs. Em Santa Rita de Cássia, estado da Bahia, o bordado é o mais utilizado, incentivado pelo projeto Canções de Bordar e pela Associação de Artesãs de Santa Rita de Cássia. Neste caso, as artesãs produziam suas peças cantando canções de roda.

Em Barreirinhas, em Tutoia, região de Lençóis Maranhenses, estado do Maranhão, através dos projetos Linho dos Lençóis e Mãos das Águas, há a produção artesã pela tecelagem e pelo crochê com fibra de buriti. O buriti é o material mais forte na região de Lençóis Maranhenses, onde a palmeira é muito comum. As artesãs utilizam o linho da fibra, que é o fio do olho da palmeira, bem fino e delicado. Fazem macramê³⁷, tecelagem, crochê e outras técnicas. Em Porto do Sauípe, estado da Bahia, tem-se o projeto Cá e Lá onde se desenvolve a cestaria.

Além destes tipos de artesanato demonstrados em regiões do Brasil com algumas singularidades próprias, existem outras formas de artesanato presentes no País, sem estarem relacionadas a algum traço cultural, regional brasileiro. Segundo Borges (2011) outros materiais se disseminaram pelo Brasil, como a fibra de bananeira. Retirado o fruto, a árvore é toda cortada e deixada no solo para decomposição. Esse material logo é transformado em placas, papéis, e tecidos, destinados a usos variados. Outra exploração artesanal está na indústria pesqueira,

³⁷O Macramé é a arte de tecer fios com nós para fins práticos ou decorativos. Disponível em: <http://pt.wikihow.com/Praticar-Macram>. Acesso em 21 de janeiro de 2013.

onde tem crescido a utilização dos couros ou peles de peixes, normalmente descartados no meio ambiente, para a produção de mantas por artesãos.

Muitos artesãos utilizam o papel reciclado e artesanal³⁸. O processo é milenar, mas a evolução tecnológica tornou a produção do papel uma questão preocupante para a preservação do meio ambiente. Na tentativa de produzir mais com menores impactos ambientais e suprir a demanda, as indústrias de celulose e papel passaram a produzir de forma mais sustentável, priorizando o uso da madeira reflorestada. Outro grupo que produz artesanato no Brasil em várias regiões é o grupo daqueles que reciclam materiais. Muitos empregam pneus, latas, ferros, papel, e outros produtos considerados inúteis para reaproveitamento de acordo com a criatividade e técnica de cada artesão.

O resgate da celulose desprezada e o aproveitamento de outras fibras, com a finalidade de reduzir o corte desnecessário de árvores, têm resgatado as técnicas artesanais de produção do papel, contribuindo para a preservação da memória individual e coletiva dessa arte. O papel reciclado, hoje, já pode ser produzido também em escala industrial, mas o artesanal, feito a partir do reaproveitamento do lixo ecológico e industrial, é o que desperta o potencial criador do artesão. A técnica de fabricação do papel artesanal é simples e de baixos custos.

A cerâmica também é trabalhada por alguns artesãos no Brasil. Refere-se à produção de artefatos a partir de argilas, que é moldada quando umedecida. Depois de submetida a uma secagem lenta à sombra, para retirar a maior parte da água, a peça moldada é submetida a altas temperaturas que lhe atribuem rigidez e resistência mediante a fusão de certos componentes da massa, fixando os esmaltes das superfícies. A cerâmica pode ser uma atividade artística, em que são produzidos artefatos com valor estético, ou uma atividade industrial, que produz artefatos utilitários.

Classifica-se a cerâmica de acordo com o material e técnicas utilizadas³⁹, como a terracota – argila cozida no forno, sem ser vidrada, embora, às vezes, pintada; a cerâmica vidrada – o exemplo mais conhecido é o azulejo; a grês – cerâmica vidrada, às vezes pintada, feita de pasta de quartzo, feldspato, argila e

³⁸Disponível em: http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato/sobre-artesanato/tipologias-e-categorias/utilitarias-e-decorativas/integra_bia/ident_unico/18416. Acesso em 30-08-12.

³⁹Disponível em: http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato/sobre-artesanato/tipologias-e-categorias/utilitarias-e-decorativas/integra_bia/ident_unico/18416. Acesso em 30-08-12.

areia; a faiança – louça fina obtida de pasta porosa cozida a altas temperaturas, envernizada ou revestida de esmalte sobre o qual pinta-se motivos decorativos. O termo descreve também um tipo de técnica de majólica com esmalte branco e decoração sóbria, desenvolvida na Itália, durante o Renascimento.

Não existe uma estruturação única, adequada e detalhada da cadeia produtiva de cerâmica. A sua formatação dependerá do tipo de artesanato desenvolvido e do nível de cruzamento com diversas outras cadeias produtivas como, por exemplo, as de tecidos, móveis, fruticultura, gemas, jóias, couro e calçados, entre outras.

Existe outro tipo de cerâmica, a chamada Cerâmica Marajoara que, é fruto do trabalho dos índios da Ilha de Marajó. A fase mais estudada e conhecida se refere ao período de 400/1400 dC. Marajó é a maior ilha fluvial do mundo, cercada pelos rios Amazonas e Tocantins, e pelo Oceano Atlântico. Localiza-se no estado do Pará-PA, região norte do Brasil. O maior acervo de peças de Cerâmica Marajoara encontra-se no Museu Emilio Goeldi em Belém-PA. Há também peças no Museu Nacional no Rio de Janeiro, (Quinta da Boa Vista), no Museu Arqueológico da USP em São Paulo-SP, e no Museu Universitário Prof Oswaldo Rodrigues Cabral, na cidade de Florianópolis-SC e em museus do exterior – *American Museum of Natural History* – Nova Iorque e Museu Barbier-Mueller, em Genebra.

Visando aumentar a resistência do barro, nas peças de cerâmica Marajoara agregava-se outras substâncias-minerais ou vegetais: cinzas de cascas de árvores e de ossos, pó de pedra e concha e o cauixi – uma esponja silicosa que recobre a raiz de árvores, permanentemente submersas. As peças eram acromáticas (sem uso de cor na decoração, só a tonalidade do barro queimado) e cromáticas. A coloração era obtida com o uso de engobes (barro em estado líquido) e com pigmentos de origem vegetal. Para o tom vermelho usava-se o urucum, para o branco o caulim, para o preto o jenipapo, além do carvão e da fuligem. Depois de queimada, em forno de buraco ou em fogueira a céu aberto, a peça recebia uma espécie de verniz obtido do breu do jutaí, material que propiciava um acabamento lustroso.

Nas urnas funerárias, os índios colocavam os restos de seus mortos-ossos acompanhados de objetos. Externamente, tais urnas eram decoradas com desenhos gráficos relativos às crenças e aos deuses adorados. A decoração da Cerâmica Marajoara era feita com traços gráficos simétricos e harmoniosos, em baixo e alto relevo, entalhes, aplicações e outras técnicas.

Além de algumas das várias formas de produção artesanal espalhadas pelo Brasil apresentadas com técnicas e materiais diversificados, observou-se formas bem particulares de se usar o artesanato, por exemplo, utilizado como instrumento de apoio no desenvolvimento humano. Pode-se fazer a referência ao artesanato lúdico⁴⁰ (Cf. Termo de Referência Sebrae - Artesanato 2010), uma categoria que agrupa objetos produzidos para o entretenimento e para representação do imaginário popular. São exemplos de artesanato lúdico jogos, bonecos, brinquedos, entre outros. Não se sabe precisar em que época surgiram os brinquedos populares, sabe-se apenas que eles apareceram em todas as sociedades desde as mais remotas. No contexto folclórico o brinquedo popular é peça fundamental para o desenvolvimento intelectual e coordenação motora da criança.

Caracterizado como produto artesanal, o brinquedo age de forma interativa no mundo de fantasias da criança, aproximando-a da realidade social em que vive, desenvolvendo experiências internas e externas ao seu mundo, promovendo melhores resultados na aprendizagem. Com o advento da revolução industrial, o brinquedo sofreu grandes modificações tecnológicas. Diminuiu a demanda artesanal e a sociedade passou a consumir os brinquedos industrializados, com novas formas e roupagens que fugiram da realidade social das crianças de classe média e baixa.

Entretanto, apesar do avanço tecnológico, o brinquedo artesanal continua com a sua identidade cultural, que envolve crianças de todas as gerações e classes sociais. O brinquedo artesanal nunca deixou de ser fabricado, principalmente nas regiões mais pobres do Brasil, onde o artesanato é o meio de subsistência da maioria da população. É grande a variedade destes brinquedos, que vai desde os carrinhos de madeira ou de lata, bonecas de pano, marionetes, aviãozinho de papel, pião, baladeiras, estilingue, bodoque, papagaio ou pipa, peteca e outros. Todos são encontrados nas feiras livres, mercados, mercearias e museus.

Os carrinhos, outro tipo de artesanato lúdico, podem ser confeccionados a partir de sucatas industriais como latas de leite, óleo, doce, dependendo da criatividade do artesão. São encontrados em cores vibrantes e de vários modelos como as carretas, ônibus, carros de corridas, locomotivas. As ferramentas utilizadas para confecção são a bigorna, alicate, ferro de solda e martelo. São encontrados nas feiras livres, mercados e mercearias.

⁴⁰Disponível em www.sebrae.com.br. Acesso em 30-08-12.

2.2. FORMAS DE ORGANIZAÇÃO.

Ao considerar as formas de organização do artesanato no Brasil, primeiramente tem-se a constituição de Núcleos de Artesãos, um tipo de agrupamento com poucos integrantes, organizado formalmente ou não, com objetivo comum de desenvolver e aprimorar temas pertinentes ao artesanato. São atividades essenciais do núcleo, entre outras: o manejo, a produção, a divulgação, a comercialização e o ensino.

O núcleo de artesãos⁴¹ pode ser classificado em grupos de produção artesanal – organização informal de artesãos atuando no mesmo segmento artesanal (até duas tipologias); núcleos de produção familiar – a força de trabalho é constituída por membros de uma mesma família, alguns com dedicação integral e outros com dedicação parcial ou esporádica, podendo ser formais ou informais e núcleos mistos – artesãos que trabalham com diferentes matérias-primas e técnicas de produção, que se unem formalmente ou informalmente, para integrar os processos de desenvolvimento de produtos, buscar benefícios comuns e estabelecer estratégias conjuntas de promoção e comercialização.

Tem-se também como uma forma de organização a Associação, uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, constituída com o objetivo de defender e zelar pelos interesses de seus associados. Regida por estatuto social, com uma diretoria eleita em assembléia para períodos regulares, a associação tem uma quantidade de sócios ilimitada.

Outro tipo de organização se dá pela forma de cooperativa, uma entidade e/ou instituição autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, com número variável de pessoas, não inferior a 20 participantes, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida (CLT). Seu objetivo essencial na área do artesanato seria a busca de uma maior eficiência na produção com ganho de qualidade e de competitividade em virtude do ganho de escala, pela otimização e redução de custos na aquisição de matéria-prima, no beneficiamento, no transporte, na distribuição e venda dos produtos.

⁴¹Informações presentes no documento: Base Conceitual do Artesanato Brasileiro, Programa do Artesanato Brasileiro. Brasília, 2012.

Os sindicatos também podem ser formados no artesanato por pessoas jurídicas de direito privado que têm base territorial de atuação e são reconhecidas por lei como representantes de categorias de trabalhadores ou econômicas (empregadores). A representação sindical constitui um direito fundamental dos trabalhadores e empregadores nos termos do artigo 8º da Constituição Federal de 1988. A Federação seria uma organização que congrega outras associações representativas de atividades idênticas, similares ou conexas, podendo ter base regional ou estadual. A Confederação se faz pela coligação de federações para um fim comum.

A prática do artesanato no Brasil foi objeto, nessa pesquisa, de um survey, com base no envio de questionários a artesãos cadastrados em sites que comercializavam produtos artesanais, entre os anos de 2010 e 2014. Analisaram-se também fontes secundárias, como os microdados do Censo de 2010 (IBGE). Considerou-se uma possibilidade de analisar a forma como o artesanato brasileiro se constitui como trabalho na realidade social brasileira por meio da compreensão da identidade social e laboral dos trabalhadores artesãos a partir de vários elementos.

Uma dos elementos considerados foi a presença de aspectos regionais, que marcaram de alguma forma a produção artesanal no Brasil em várias localidades. A predominância do elemento regional traduz uma expressão cultural espacialmente configurada, e nos faz entender a influência cultural-regional na identidade do artesão brasileiro, dentre outras questões. Ao perguntar aos artesãos se no local em que trabalhava com o artesanato existia algum elemento regional marcante, em sua maioria a resposta foi positiva, com 75% (setenta e cinco por cento) de afirmação e 25% (vinte e cinco por cento) de negação⁴². Quando o artesanato produzido revelava uma influência da cultura no âmbito da região, perguntou-se aos artesãos, com qual aspecto o seu artesanato se relacionaria. Logo, 50% disseram que o seu trabalho com artesanato relaciona-se com a arte popular (festas culturais, artesanato), 15% com a alimentação do local, 8% com artes visuais (pintura, escultura, etc), 5% com artes cênicas e 5% com a música, 17 % outros aspectos.

É considerável na compreensão da dinâmica do artesanato pelo Brasil, o seu desenvolvimento espacial em feiras abertas no geral, como podemos citar algumas: a Expotchê que, realiza-se em Brasília no Pavilhão de Feiras Parque da

⁴²Informações do questionário enviado via e-mail a artesãos e artesãs.

Cidade com mostra de produtos, cultura, turismo e gastronomia gaúcha realizada fora do estado do Rio Grande do Sul; a Feiarte em Curitiba, que acontece no Pavilhão de Exposições do Parque Barigui, a qual é uma feira de artesanato internacional com comemorações culturais de um país escolhido a cada ano, o qual recebe uma homenagem na feira, tendo os seus produtos artesanais e gastronômicos destacados naquele dia; a feira Brazil Patchwork Show, no Centro de Convenções Frei Caneca em São Paulo que, reúne num único local as empresas fornecedoras de materiais e artesãs que trabalham com patchwork e produção de objetos de tecidos, tanto à mão como à máquina.

Temos também a Mega Artesanal que, realiza-se no Centro de Exposições Imigrantes em São Paulo; a FINNAR, (Feira Internacional de Negócios do Artesanato) que acontece no Centro de Convenções Ulysses Guimarães em Brasília; a FAM, (a Feira do Artesanato Mundial) que acontece em várias localidades, a cada ano, sendo que, em 2013 realizou-se em Caldas Novas, no Estado de Goiás; a Feira Artesanatos Do Mundo que em 2013 será no Shopping Iguatemi Campinas em São Paulo; a FNA (Feira Nacional de Artesanato) que em sua vigésima terceira edição) irá realizar-se em dezembro, no Expominas, em Belo Horizonte; a Fenearte (Feira Nacional de Negócios do Artesanato) que ocorreu em julho de 2013 no pavilhão do Centro de Convenções, em Olinda-Pernambuco; a Art Mundi Santos, uma Feira Mundial de Artesanato que realizará em 2013 em Santos, São Paulo, no Mendes Convention Center e a Feira de Caruaru em Pernambuco. Além do artesão que trabalha nessas feiras, ou por conta própria, em sua casa, em seu ateliê, vendendo seus produtos em sites de venda especialmente de artesanato, através de blogs ou redes sociais, há também o artesanato institucionalmente apoiado por órgãos estatais e particulares. Pode-se verificar que, o artesanato brasileiro tem sido utilizado como instrumento de resgate social visto em muitos programas e projetos no Brasil.

Destacam-se alguns desenvolvidos e apoiados, por exemplo, por Universidades, como o projeto feito pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)⁴³ divulgado pelo SEBRAE. Alguns programas foram criados a

⁴³Projeto Arte Educação e Cidadania: Oficina de Cerâmica "Caminhos de Barro". O Projeto Arte, Educação e Cidadania: Oficina de Arte Cerâmica "Caminhos de Barro", iniciou-se no ano de 2000, no âmbito do Centro de Ciências do Homem da UENF, com a expectativa de criar um espaço alternativo e privilegiado para a educação e a formação artística, cultural e técnica da comunidade do Município de Campos, contribuindo para o processo de desenvolvimento econômico do Pólo Cerâmico da região, fomentado pelo governo do Estado do Rio de Janeiro.

partir de projetos em torno do artesanato como trabalho no Brasil, como o ArteSol/Artesanato Solidário, um projeto com o intuito de combater à pobreza em regiões de muita seca, sendo concebido em 1998 como um programa social, e a partir de 2002, tornou-se uma Oscip (Organização da Sociedade) com o objetivo de elaborar projetos e ações voltados para a valorização da atividade artesanal de referência cultural brasileira, proteger o Patrimônio Cultural Intangível, e realizar a inclusão cidadã e produtiva dos artesãos brasileiros.

Tem-se o projeto Vendedor, em parceria com a Casa do Brasil em Madrid que é apoiado pela Agência brasileira de promoção de exportações e investimentos (ApexBrasil), o qual realiza-se esse ano (2013) um encontro de negócios entre empresários brasileiros e potenciais importadores do setor de artesanato. Outro projeto apoiado pelo banco Caixa Econômica no Brasil é o Projeto Caixa de apoio ao Artesanato brasileiro – a identidade de um povo feito à mão, o qual surgiu desde 2003 e possui a intenção de estimular o potencial criativo de artistas nas regiões brasileiras. Pela iniciativa do SEBRAE Nacional tem-se apoio do projeto Brasil Original Artesanato, que tem objetivo proporcionar aos artesãos a possibilidade de profissionalização e a oportunidade de comercializar seus produtos tanto para compradores nacionais como internacionais.

No Brasil, há o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB)⁴⁴ que, segundo informações disponibilizadas no site do SEBRAE⁴⁵, foi criado em 1995 com o intuito

A Oficina trabalha em parceria com o Colégio Estadual Leônicio Pereira Gomes, e constitui hoje um dos projetos de extensão universitária, concebido como uma estratégia para fomentar o desenvolvimento humano local. Sua finalidade é educar para a cidadania através da capacitação integral na arte da cerâmica, a população desfavorecida da comunidade de São Sebastião e localidades vizinhas, *locus* privilegiado de produção artesanal e industrial de telhas e tijolos do Município de Campos dos Goytacazes. Informações disponíveis em: <http://www.uenf.br/Uenf/Pages/CCH/UESI/Ceramica>. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

⁴⁴O Programa do Artesanato Brasileiro - PAB está vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, conforme Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995, compondo a estrutura da Secretaria de Comércio e Serviços. O PAB atua na elaboração de políticas públicas envolvendo órgãos das esferas federal, estadual e municipal, além de entidades privadas, priorizando a geração de ocupação e renda, e o desenvolvimento de ações que valorizem o artesanato brasileiro, majorando seu nível cultural, profissional, social e econômico. O PAB é representado em cada uma das 27 Unidades da Federação por meio das Coordenações Estaduais do Artesanato. O PAB tem como principal objetivo a geração de trabalho e renda e a melhoria do nível cultural, profissional, social e econômico do artesanato brasileiro. As ações do Programa possibilitam a consolidação do artesanato brasileiro enquanto setor econômico de forte impacto no desenvolvimento das comunidades, a partir da consideração de que a atividade é disseminada em todo território nacional, possuindo variações e características peculiares conforme o ambiente e a cultura regional. A finalidade do PAB é coordenar e desenvolver atividades que visem valorizar o artesão, desenvolver o artesanato e a empresa artesanal. Nesse sentido, são desenvolvidas ações voltadas à geração de oportunidades de trabalho e renda, o aproveitamento das vocações regionais, a preservação das culturas locais, a formação de uma mentalidade empreendedora e a capacitação de artesãos para o mercado competitivo, promovendo a

de estabelecer ações conjuntas entre o setor público, privado e artesãos. O projeto tem gerado postos de trabalho, preservado culturas locais e incentivado o empreendedorismo entre os trabalhadores.

O programa conta com várias ações que foram executadas em todos os estados do País. Segundo o programa e o SEBRAE, os resultados das ações mostraram uma maior profissionalização e investimento no artesanato brasileiro. Em 2009 foram realizadas oito feiras e eventos de comercialização de produtos artesanais, onde foram vendidas mais de 200 mil peças, faturando cerca de R\$ 4 (quatro) milhões. No mesmo ano foram capacitados aproximadamente 1.400 artesãos. Outro avanço que o projeto proporcionou ao artesanato brasileiro foi o cadastramento de informações artesanais no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (Sicab). Mais de 40 mil artesãos foram cadastrados no sistema. Este Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro foi desenvolvido pelo PAB/MDIC com o propósito de promover a junção de informações necessárias à implantação de políticas públicas para o setor artesanal⁴⁶.

Muitas cooperativas foram criadas em torno do trabalho com o artesanato, como *Cooperativa de Artesanato Tramas da Terra*, a *COARTE*, a *Cooperartes*, a *Cooperativa de Artesanato de Sabará* em Minas Gerais, a *Cooarte*, *Cooperativa de Artesãos de Toledo* no Paraná, a *Cooperativa Mistura Carioca* no Rio de Janeiro, a *COOPARIGS*, *Cooperativa dos Artesãos do Rio Grande do Sul* e a *Cooperativa dos Artesãos de Dois Córregos* em São Paulo (*CADOC*).

Observa-se que, o artesanato pode ser pensado a partir de uma abordagem cultural, de lugar para lugar e assim compreendê-lo inserido num contexto de costumes, de tradições, valores regionais, marcas e simbologias locais, e necessidades pedagógicas do indivíduo.

profissionalização e a comercialização dos produtos artesanais brasileiros. O Programa é responsável pela elaboração de políticas públicas em nível nacional, contando com a parceria das Coordenações Estaduais de Artesanato, unidades responsáveis pela intervenção e execução das atividades de desenvolvimento do segmento. As Coordenações Estaduais integram a estrutura de órgãos do estado. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br>. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

⁴⁵Disponível em: http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato/sobre-artesanato/identidade-cultural/bia-184-01-programa-do-artesanato-brasileiro/BIA_18401. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

⁴⁶O sistema foi implantado em 2007 e reúne, em um único ambiente, dados dos artesãos e suas organizações de todo País. A finalidade do sistema é oferecer uma base de dados ao Programa do Artesanato Brasileiro – PAB que possibilite o cadastramento único dos artesãos do Brasil de modo a unificar as informações em âmbito nacional. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna>. Acesso em 17 de janeiro de 2013.

Na tentativa de caracterizar o artesanato brasileiro, privilegia-se alguns elementos pertinentes à problematização, com início na distribuição pelas unidades da federação. O maior número de artesãos no Brasil encontra-se em São Paulo, com 22,1% dos artesãos num total de 290.976, e no Rio Grande do Sul, sendo, 14,5% dos artesãos trabalhadores presentes, estando o restante (63,4%) espalhado em outros locais (Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal). Também pela pesquisa realizada via e-mail com artesãos cadastrados, a concentração maior ficou em São Paulo, com 47%. No que refere-se à espacialidade dos artesãos trabalhadores no Brasil em suas regiões temos uma maior concentração na região sudeste, com 35% de artesãos trabalhadores e na região sul, com 28,6%.

A maioria dos artesãos habita domicílios na área urbana, com 84,6% (246.062) do total de artesãos brasileiros; apenas 15,4% (44.915) estão presentes em áreas rurais. Essa realidade presente entre os artesãos trabalhadores brasileiros concorda com a realidade da população brasileira segundo a situação de domicílio, onde, também se tem um maior número de brasileiros que moram em áreas urbanas, com um total de 160.925.804 residentes e nas áreas rurais tem-se 29.829.995 residentes em domicílios rurais⁴⁷. Em relação à identificação pela cor/raça, 52,9% (153.319) se declararam brancos, 38,6% (112.193) pardos e 7,1% (20.547) da cor preta. Outros 2.828 declararam-se amarelos e 1.495 indígenas.

Numa visão da população brasileira em sua estratificação social por raça ou cor, como um todo, tem-se entre aqueles que declararam-se pela cor ou raça branca, preta ou parda, um total de 190.755.79 entre homens e mulheres, onde, desse total, 47,5% declararam-se da cor branca, 43,7% da cor parda, e 7,5% da cor preta⁴⁸, além de 1,5% amarelos e indígenas. No levantamento on-line realizado, a maioria se declarou como brancos 77%, 20% como pardos ou mulatos e morenos e nenhuma declarou-se como negro, indígena ou amarelo e 3% não consideraram-se pertencentes a nenhuma dessas categorias.

⁴⁷ Conforme resultado do Censo Demográfico de 2010 do IBGE. População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio e os grupos de idade - Brasil – 2010.

⁴⁸ Conforme resultado do Censo Demográfico de 2010 do IBGE. População residente, por cor ou raça, segundo o sexo e os grupos de idade – Brasil – 2010.

Os artesãos trabalhadores brasileiros são em sua maioria homens, ocupando 58,4% do trabalho e 41,6% de mulheres, o que difere da realidade dos dados resultados da pesquisa feita com questionários via-e-mail com artesãos cadastrados em todo o Brasil, com uma porcentagem de 67% de mulheres artesãs e 33% de homens. Praticamente todos os artesãos entrevistados no Censo 2010, 97,9% são brasileiros natos, o que nos faz entender que, o artesão ocupado é predominantemente brasileiro.

A respeito da escolaridade dos artesãos trabalhadores percebemos que, a sua maioria sabe ler e escrever, sendo 93,3% (27.1467) e 6,7% (1.951.6) que não sabem ler e escrever. Referente ao total da população brasileira quanto à alfabetização (saber ler e escrever)⁴⁹, percebe-se uma proximidade entre a taxa de alfabetização dos artesãos trabalhadores e da população brasileira em geral, pois há 89,6% pessoas de cinco ou mais anos de idade que são alfabetizadas no Brasil. Entre os artesãos trabalhadores, alguns frequentam curso regular do ensino médio, 32,8%, outros, o curso regular do ensino fundamental, 31,4%, 4,3% o curso de alfabetização de jovens e adultos, 8,6% o curso de educação de jovens e adultos – EJA – ou supletivo do ensino fundamental, 10,9% frequentam o curso de educação de jovens e adultos – EJA – ou supletivo do ensino médio, e 11% frequentam o curso superior de graduação. Esses ainda não concluíram o curso, ou seja, vão fazê-lo. O restante está inserido em outros cursos como na classe de alfabetização (CA), em especialização de nível superior e mestrado. Como nível de instrução, os artesãos declararam-se sem instrução e com curso fundamental incompleto, com 49,8%, com curso fundamental completo e médio incompleto, foram 22,7% e com curso médio completo e superior incompleto, 24,2%, com curso superior completo (2,9%) e o restante sem determinação de nível de instrução. Essa realidade demonstrada nos microdados do Censo de 2010 do IBGE revela que no Brasil em geral os artesãos trabalhadores brasileiros possuem um nível de estudo e conhecimento que está entre o médio e o fundamental.

Em suas relações de parentesco ou de convivência com a pessoa responsável pelo domicílio, encontrou-se que os trabalhadores artesãos em sua maioria são as pessoas responsáveis pelo domicílio, com 42,1% do total e 26,5% são

⁴⁹Conforme resultado do Censo Demográfico de 2010 do IBGE. Pessoas de cinco anos ou mais de idade, por cor ou raça e sexo, segundo a condição de alfabetização e os grupos de idade - Brasil - 2010.

cônjuges ou companheiros, companheiras de sexo diferente, 12,6% é filho (a) do responsável ou do cônjuge, 8,8%, filho (a) somente do responsável, 1,6% encontra-se na posição de genro ou nora, 1,2% como pai, mãe, padastro ou madastra, 1,3% como neto (a), 1,8% como irmão ou irmã, 1,5%, classificam-se como outros tipos de parentesco com a pessoa responsável pelo domicílio, ficando o restante (2,6%) em outros tipos de parentesco (cônjuge ou companheiro (a) do mesmo sexo, enteado (a), sogro (a), agregado (a), convivente, pensionista, individual em domicílio, coletivo). O tipo de moradia foi verificado a partir dos questionários via e-mail, onde, 68% dos artesãos vivem em casas próprias, 20% moram em casas alugadas, 8% com seus pais em casas próprias, alguns moram parentes (3%) e outros possuem outros tipos de moradia (4%).

O contexto religioso vivenciado pelos brasileiros no geral, quanto à religião da maioria, conforme censo de 2010 do IBGE demonstra que, a maioria é, portanto, católica (123.280.172), logo, Católica Apostólica Brasileira (560.781), Católica Ortodoxa (131.571), em segundo lugar com número maior tem-se a religião evangélica (42.275.440), a religião Evangélica de origem pentecostal (25.370.484), a Evangélica não determinada (9.218.129), outras religiões cristãs (1.461.465), Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias (226.509), Testemunhas de Jeová (1.393.208), Espiritualistas (61.739), os espíritas (3.848.876), Umbandas (407.331), da religião Candomblé (167.363), de outras declarações de religiosidades afro-brasileiras (14.103), do judaísmo (107.329), Hinduísmo (5.675), Budismo (243.966), novas religiões orientais (155.951), outras religiões orientais (9.675). Islamismo (35.167), tradições esotéricas (74.013), tradições indígenas (63.082), outras religiosidades (11.306), sem religião (14.595.979) e como ateus (615.096). Fica em consonância apenas que, a religião presente na maioria dos artesãos brasileiros quanto na população em geral são católicos.

Segundo o levantamento on-line, a maioria dos informantes que declarou religião posicionou-se como católicos (50%), depois como espíritas (13%), pentecostal (5%), protestantes (10%), outras religiões (15%; nenhum artesão declarou-se como ateu ou da religião afro-brasileira e 7% estão sem religião.

Em relação à distribuição religiosa da população brasileira em geral, fica em consonância apenas que a religião presente na maioria dos artesãos brasileiros, assim como na população em geral, é a católica.

Os trabalhadores artesãos brasileiros em sua maioria, no que diz respeito à convivência, residem em companhia de cônjuge ou de algum companheiro ou companheira (61,3%) e 24, 4% nunca viveram dessa forma e 14,3% não vive em companhia de cônjuge ou de algum companheiro (a), mas já viveu. Para esses que já viveram com alguém, a natureza das suas uniões está entre a união consensual, com 41,5% e o casamento civil e religioso (37,8%), logo, tem-se aqueles em que só possuem o casamento civil como natureza da sua união (17,1%), apenas o casamento religioso (3,6%).

O estado civil dos trabalhadores artesãos, mesmo com alguns casados, é predominante solteiro ou solteira, com 51,6% do total, 39,1% de casados ou casadas, 2,4%, desquitado (a) ou separado (s) judicialmente, 3,6%, divorciado (a) e 3,6% de viúvo (a). Já entre os que responderam o formulário on-line a maioria é casada (as) ou vivem em união estável (73%), 23% são solteiros (as), 2% são separados (as) ou divorciados (as) e 2% são viúvos (as). No que refere-se à situação de residir com alguém, foi possível através dos questionários via e-mail saber que, 43% dos artesãos, moram com o (a) esposo (a) e com filhos (as), 38% residem com o (a) esposo (a) e 13% com outros parentes, compartilhando as despesas, 6% moram sozinhos, sendo dessa forma, a maioria, nessa abordagem metodológica, casado e com filhos.

Os trabalhadores artesãos do Brasil são, em sua maioria, artesãos de pedra, madeira, vime e materiais semelhantes com 30,9% do total de ocupações. Outros 29,6% são ceramistas e afins e outros 19,9% são artesãos de tecidos, couros e materiais semelhantes. Existem ainda os joalheiros e lapidadores de gemas, artesãos de metais preciosos e semipreciosos (10,8%); redatores de cartazes, pintores decorativos e gravadores (4,5%) e os demais são artesãos de outros tipos de materiais, além de cortadores, polidores, jateadores e gravadores de vidros e afins.

Quando responderam, na PNAD de 2011, a respeito de quantas ocupações possuíam na semana de referência, os artesãos disseram em uma porcentagem considerável, 95,8% afirmaram que mantinham apenas o trabalho com artesanato e o restante, 4,2% tinham dois ou mais vínculos de trabalho. Já na amostra que respondeu o *survey* on-line, 55% disseram que possuem outra atividade profissional ou outro tipo de ocupação além do artesanato e 45% vivem somente do artesanato como atividade profissional ou ocupação.

Esses artesãos desenvolvem outras formas ocupacionais, a maioria no setor de serviços em atividades burocráticas e técnicas. A compreensão dessa forma de trabalhar em várias dimensões, seja ela mecanizada, técnica ou manual e criativa, é possível pelo fato de perceber o trabalho com artesanato como opção que propicia uma autorealização, seja como atividade que proporcione melhor qualidade de vida emocional ou familiar, financeira, terapêutica⁵⁰. No quadro a seguir (Quadro 1) é possível perceber que, todas as ocupações descritas, são funções praticadas por indivíduos que logo se fizeram artesãos e artesãs, no contexto de atividades com características burocratizadas e técnicas, no sentido de trabalho industrializado frente a um trabalho que vai à sua contramão ao longo do processo histórico de um trabalho qualificado como não técnico e não burocrático da forma industrializada.

QUADRO 1. FORMAS DE TRABALHO ANTERIOR AO TRABALHO COM ARTESANATO.

ATIVIDADES DE TRABALHO ANTERIOR AO TRABALHO COM ARTESANATO CORRESPONDENTES AOS SETORES DA ECONOMIA.	
SETOR TERCIÁRIO	
01.	FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS.
02.	ATENDIMENTO DOMICILIAR EM FISIOTERAPIA.
03.	VENDEDORA EM REVISTARIA E LIVRARIA.
04.	SEGURANÇA PESSOAL E EMPRESARIAL.
05.	SECRETARIA.
06.	FARMACÊUTICA BIOQUÍMICA.
07.	ARTISTA NUMA EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO DE JOGOS ELETRÔNICOS.
08.	PROFESSORA DE INGLÊS, DEPOIS DE PSICOLOGIA, SOCIOLOGIA. TRABALHOS EM CONSULTÓRIO, AULAS, REUNIÕES, PALESTRAS.
09.	AUXILIAR DE ALMOXARIFADO E DIRETOR FINANCEIRO.
10.	PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS.
11.	BIBLIOTECÁRIA E DOCUMENTALISTA.
12.	AUXILIAR DE ESCRITÓRIO E SECRETARIA.
13.	BANCÁRIA.
14.	PROPRIETÁRIO DE LOJA.
15.	TRABALHO COM PROJETO RESIDENCIAL.
16.	DIGITADOR.
17.	TRABALHO COM JORNALISMO IMPRESSO.
18.	AUXILIAR DE CONTABILIDADE.
19.	AUXILIAR ADMINISTRATIVO

⁵⁰Questionário: Pesquisa: Identidade e Trabalho no Artesanato. 2012.

20. COMÉRCIO DE AUTOPEÇAS.
21. OFFICE BOY, VENDEDOR DE ROUPAS, REPOSITOR, ESTOQUEISTA, VENDEDOR DE TINTAS GRÁFICAS, FRENTISTA, EDUCADOR SOCIAL EM UMA OBRA SOCIAL MARISTA E POR ULTIMO PROFESSOR DA REDE ESTADUAL DE ENSINO, AGORA EFETIVO DA REDE.
22. ANALISTA DE SISTEMAS E PROGRAMADOR.
23. TRABALHO COM EDUCAÇÃO.
24. COORDENADORA ADMINISTRATIVA DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL.
SETOR PRIMÁRIO
01. TRABALHO RURAL.

Fonte: Survey com base em formulário on-line. Construído pela autora. 2014.

Entre os trabalhadores que também possuem renda vinda do artesanato⁵¹, além de outras rendas, têm-se níveis de importância econômica do trabalho com artesanato em seus orçamentos. De modo que, a importância atribuída variou entre 100% de importância nos rendimentos e 25% de participação da renda com o artesanato em seus orçamentos. Essa variação é compreensível, pois, alguns possuem outras fontes de renda e possivelmente outros rendimentos, enquanto outros, já vivem totalmente do artesanato, ou considera essa renda como um valor de maior peso em seus rendimentos.

Grande parte dos trabalhadores artesãos ativos em 2012 trabalha por conta própria (41,8%), mas 32,8% são empregados com carteira assinada e alguns (22,6%) empregados sem carteira assinada, 1,9% não remunerado e o restante empregado pelo regime jurídico dos funcionários públicos e empregador. Dentre os que são empregadores (2.579) 73,98% empregavam de 1 a 5 pessoas e 26,02% artesãos empregavam seis ou mais pessoas. Em relação a dependentes, 10,3% dos artesãos tiveram dois filhos, 8% apenas um filho, 6,8% tiveram três filhos, 3,1% quatro filhos e 1,3% cinco filhos. O restante (60,6%) teve mais de seis filhos e 9,9% não tiveram nenhum filho.

O rendimento mensal de acordo com o censo do IBGE (2010) dos trabalhadores artesãos no Brasil encontra-se numa média de R\$ 688,75 de rendimento de seu trabalho principal. A partir da abordagem on-line pode-se verificar que, em média apenas com o trabalho com o artesanato, o artesão trabalhador brasileiro retira mensalmente de R\$ 200,00 até R\$ 4.500,00 de rendimento. Ao incluir

⁵¹Questionário: Pesquisa: Identidade e Trabalho no Artesanato. 2012.

outras atividades junto ao orçamento do trabalho com o artesanato, o rendimento já atinge R\$ 8.000,00. Já o valor total dos rendimentos da família do artesão e de outras pessoas agregadas que habitam no domicílio, incluindo o artesanato, outras atividades remuneradas e rendimentos decorrentes de aposentadoria, pensão, aluguel etc, o rendimento chega mais ou menos R\$ 23.000,00. Segundo o questionário enviado por e-mail, o artesão trabalhador ou algum dependente dele tinha acesso aos seguintes tipos de bens: carro (25%), casa própria (25%); computador de mesa (25%), notebook (10%), apartamento (5%), motocicleta (3%), sítio (3%) e outro tipo de imóvel (4%). Quanto aos tipos de serviços que esse artesão ou algum dependente seu teria acesso, o cartão de crédito ficou como serviço de maior porcentagem entre eles (80%), logo, a TV por assinatura (73%), assinatura de revista, o serviço de empregada doméstica com 38% cada uma, a assinatura de jornal (8%), segurança particular ou privada (8%), alguns possuem o serviço de babá (3%), de creche (5%) e outros tipos de serviços (15%)⁵².

2.3. TRABALHADOR ARTESÃO DA CIDADE DE GOIÂNIA.

O artesanato em Goiás, especialmente em Goiânia, é bem diversificado e expressivo. Encontra-se artesanato exposto em vários locais da cidade, em feiras de bairros, em feiras especializadas para venda de produtos artesanais, como a Feira do Cerrado, em outras feiras: Feira do Sol⁵³, Feira da Lua⁵⁴, Feira Hippie⁵⁵, Feira entardecer⁵⁶, Feira Cora Coralina⁵⁷, Cooperativa de Artesanato e Manufaturas do Estado de Goiás (localizada na praça do trabalhador em Goiânia-Goiás). Para compreendermos alguns aspectos sobre a identidade do artesão trabalhador da cidade de Goiânia, foi selecionada prioritariamente a Feira do Cerrado, por ser um espaço que, a predominância dos produtos é fruto do trabalho com artesanato, ou seja, há nesse ambiente, uma frequência de vendedores que são artesãos e vendem propriamente artesanato, bem como, outros artesãos que residem em Goiânia e possuem ateliês na cidade.

⁵²Questionário: Pesquisa: Identidade e Trabalho no artesanato. 2012.

⁵³Realiza-se aos domingos, na praça do Sol, setor Oeste, em Goiânia-Goiás.

⁵⁴Realizada aos sábados na Praça Tamandaré, é dividida ao meio pela Avenida Assis Chateaubriand em Goiânia-Goiás.

⁵⁵Acontece aos domingos ao lado da Rodoviária de Goiânia no Centro. Goiás.

⁵⁶Realizada nas sextas-feiras no Cepal do Setor Sul, Rua 115, Setor Sul, em Goiânia-Goiás.

⁵⁷Realiza-se aos sábados na Rua do Lazer ou Rua 8, no trecho compreendido entre a rua 3 e a avenida Anhanguera em Goiânia-Goiás.

A maioria dos trabalhadores artesãos da cidade de Goiânia está em áreas urbanas, com um total de 99,1%, sendo o restante em áreas rurais. Além desses artesãos ditos urbanos, que vendem e muitas vezes moram na cidade de Goiânia ou outras do Estado de Goiás, existem alguns poucos artesãos ditos rurais, os quais vivem no campo e em cidades do interior e fazem artesanato como um complemento de renda e por satisfação pessoal. É o caso, por exemplo, de Benedito, que segundo informações⁵⁸, deixou de lado a enxada e o trabalho na lavoura para fazer balaio. À margem da rodovia que liga Trindade a Santa Bárbara no Estado de Goiás, ele vendia seus produtos: balaio, peneira, cesta, cesto e esteira. Em seu depoimento, o artesão comenta as mudanças nos tipos de materiais. Para ele, era possível usar a taboca, tipo de bambu flexível e moldável que crescia naturalmente nas matas. Por conta dos desmatamentos, contemporaneamente se tornou difícil de encontrá-la, tendo que substituí-la pelo bambu comum.

Outro exemplo encontrado foi do artesão Batista, que trabalha em fazendas como meeiro, alternando os meses com artesão, dependendo das vendas. Dentre os trabalhadores artesãos na cidade de Goiânia (Censo 2010), a maioria é de mulheres, 54% e, 46% são homens, diferentemente do que ocorre no Brasil em geral, em que a maioria é de homens. A maioria considera-se da cor parda, com 49,4%, 47,2% declaram-se da cor branca e 2,1% da cor preta, sendo o restante da cor amarela e indígena (1,3%). Todos os trabalhadores artesãos presentes em Goiânia entrevistados durante o Censo de 2010 declararam-se brasileiros.

A respeito da escolaridade dos trabalhadores artesãos da cidade de Goiânia, 98,7% sabem ler e escrever, dado que concorda com a situação no Brasil como um todo, como se viu atrás. A maioria frequenta o curso regular do ensino médio, (39,1%), outros 27% fazem o curso superior de graduação e há aqueles que fazem o curso regular do ensino fundamental, 15,1%; outros frequentam o curso de educação de jovens e adultos – EJA – ou supletivo do ensino médio (7%), especialização de nível superior (6%) e curso de educação de jovens e adultos – EJA – ou supletivo do ensino fundamental (5,7%). O nível de instrução desses trabalhadores é o médio completo e superior incompleto com 36% do total, logo, outros 26,8% possuem como nível de instrução o curso fundamental completo e

⁵⁸ História de artesãos retirada do Acervo da Biblioteca Municipal Cora Coralina na Avenida 24 de outubro, na Praça Joaquim Lúcio, 66, setor Campinas em Goiânia-Goiás, 2012.

médio incompleto, 30,1% são sem instrução e possuem fundamental incompleto e 7,2% possuem instrução de nível de curso superior completo.

As peças produzidas por artesãos são comercializadas em feiras, lojas particulares, em ateliês próprios, em espaços criados para o incentivo da venda do artesanato na cidade, através de cooperativas, blogs, aplicativos de redes sociais e sites especializados na venda de artesanato. Em Goiânia há a Casa do Artesanato⁵⁹ um programa da Secretaria de Indústria e Comércio de Goiás (SIC) em parceria com o Ministério de Indústria e Comércio (MDIC), criado com a intenção de apoiar o trabalho com o artesanato na cidade, oferecer cursos, cadastramento, e disponibilidade de espaços para comercialização dos seus produtos. Ainda na organização estatal do artesanato em Goiás e particularmente em Goiânia, há o Programa Estadual do Artesanato Brasileiro ligado ao Programa de Artesanato Brasileiro, em nível nacional, comentado atrás. O SEBRAE-Goiás também apóia o artesanato da cidade, tendo parceria com a Casa Cor⁶⁰ desde 2003, que tem como propósito, incentivar a profissionalização dos artesãos e *designers* goianos. Na cidade existem cooperativas que direcionam seus trabalhos ao artesanato, como a Cooperativa Bordana constituída por bordadeiras do Cerrado Goiano e a Cooperativa de Artesanato e Manufaturas do Estado de Goiás, bem como vários blogs que divulgam trabalhos em artesanato.

Há algumas iniciativas desenvolvidas pelo Sistema S, como o espaço na mostra Morar Mais apoiado pelo SEBRAE-Goiás, dedicado à produção artesanal do estado de Goiás, com o propósito de disseminar a produção artesanal de Goiás e Goiânia. O objetivo do evento anual é apresentar projetos criativos que mostram soluções de fácil resolução para renovar a decoração de casas. Expõe peças de artesãos de municípios goianos, que participam de programas de capacitação do SEBRAE em Goiás.

O trabalho em artesanato na cidade de Goiânia é desenvolvido em ateliês e possui uma dinâmica de horário individualizada, como se pode demonstrar em alguns casos. Muitos desses artesãos expõem seus produtos em feiras, como na Feira do Cerrado. Os ateliês são espaços que elegem como meios físicos para a

⁵⁹A Casa do Artesanato fica na Rua um, no centro de Goiânia, próxima à Praça Pedro Ludovico Teixeira e à Avenida Goiás. A Casa do Artesanato é chamada institucionalmente de Central do Artesanato e atende todos os artesãos do Estado de Goiás.

⁶⁰Evento que incentiva mostras de arquitetura, decoração e paisagismo.

produção das obras, como no caso de um artesão (PAULO, 2012), que faz peças em barro, em sua maioria peças religiosas encomendadas: “Tenho um atelier lá em Aparecida e tenho um forno a lenha, minha queima é bem rústica ainda, mas é grande forno, faço peças até 2 metros, qualquer tipo de peça, se a pessoa tiver o modelo, eu faço bustos”. Todo o processo de construção dos artesanatos é realizado numa rotina de trabalho estabelecida pelos artesãos, que irá depender da obra a ser feita e da conciliação do tempo com outras formas de trabalho que alguns artesãos possuem. Verificamos que esse artesão trabalha nessa atividade praticamente o dia todo; o tempo gasto com a produção faz-se das oito horas da manhã até meia noite. Uma parte pequena desse trabalho é conduzida pela esposa, mas, grande parte apenas por ele: “minha esposa ajuda na pintura, mas o resto é eu sozinho, desde a preparação da argila, queima e tudo, às vezes, tem alguma restauração, pra fazer exposição, entrega”.

Em outro caso, de uma artesã (RAFAELA, 2010), é ela mesma quem faz todo o processo e afirma que trabalha com a produção artesã, o dia todo, produzindo e vendendo peças decorativas utilizando-se do artesanato e com vários tipos de materiais para isso: “trabalho com pedras, madeiras, sementes e materiais não perecível em geral, tudo paus, papel, tecidos, couro, material não perecível todos”. Ela também possui um ateliê e expõe na Feira do Cerrado em Goiânia. Outro artesão (JOÃO, 2010) que trabalha com madeira em seu ateliê, utiliza pelo menos oito horas do dia em suas produções: “Eu trabalho oito horas por dia. Como eu trabalho aqui aos domingos (na Feira do Cerrado), às vezes na segunda-feira eu vou para o campo para carregar a madeira e levo uma vara de anzol e pesco, às vezes até poso e volto no outro dia, mas sempre trabalhando”.

Uma artesã (MATILDE, 2012), que produz peças em tecido e areia, declara que parte do processo de pinturas das peças que fabrica é feita pelo esposo e o restante por ela mesma em sua residência que, é o seu ateliê: “Só com isso aqui, eu trabalho em casa mesmo. Meu esposo é artista plástico também, então me ajuda, ele inventa, ele mexe com arte também, fica nós dois”. O marido produz artesanato com pinturas e reserva por dia umas seis horas para o seu trabalho: “Por dia é uma média de seis horas, arte você não consegue ficar o tempo todo, a questão até de produção mesmo, você não produz. Se eu falar que é oito horas por dia eu acho que é uma faixa de seis horas eu, especificamente eu” (NETO, 2012).

Em outro caso uma artesã (REGINA, 2012) que trabalha com capim dourado produzindo peças, afirma que utiliza o dia inteiro para suas produções durante a semana e aos fins de semana vende o que produziu. Pode-se compreender em outra situação de uma artesã (MORGANA, 2010), que produz peças esculturas em madeira e envolve-se com o artesanato totalmente em seu cotidiano. Além de ser professora de artes, também produz estas peças, o que para ela, o artesanato é uma arte inseparável do fazer de quem a está produzindo:

Eu dou aula de artes, e produzo no meu atelier, então é flexível, tem essa flexibilidade, mas eu percebo que a minha rotina é assim até em sonho eu estou trabalhando (risos) porque eu não paro. Principalmente quando eu estou envolvida com algum projeto, é muito fácil eu começo a trabalhar e esqueço de comer, então você fica vivendo aquilo e acaba que... O bom que tem essa flexibilidade, mas você vive aquilo, então até dormindo eu vivo trabalhando.

A artesã entrevistada Nilva (2012) gasta na produção de três sapatos de bebê feito na linha, “quatro horas sem parar. Eu faço três por dia, levanto bem cedo e vou dormir meia-noite”. Essa artesã possui ateliê em sua casa, vende para loja, própria e aos fins de semana expõe na Feira do Cerrado. Diz-nos que, a semana inteira produz os sapatos por encomenda e alguns sem ser encomenda e aos domingos, ao voltar da Feira do Cerrado que se encerra às 13h (treze horas), já começa a produção novamente. Para ela, o trabalho com artesanato faz-se o tempo inteiro.

A rotina de trabalho enquanto artesão, conforme entrevista (ANTÔNIO, 2010) faz-se conciliada com sua rotina de trabalho como marceneiro. Segundo afirma, o artesanato é um trabalho, mas em conjunto com o trabalho da marcenaria. Ele produz peças em madeira inspiradas em figuras rurais, como carrinhos de bois, carrinhos do mel para pinga, cabacinha que é decorativa, oratório, engenho e pilão. Apesar de possuir uma marcenaria com um trabalho diário, também vende peças na Feira do Cerrado em artesanato com restos de materiais: “No meu caso, que a gente aproveita resto de material, coisas que estão virando lixo, que o pessoal usa para queimar, a gente usa”. O que se percebe quanto às rotinas de trabalhos dos artesãos é que eles desenvolvem suas rotinas livrando-se da imposição de uma jornada industrializada, com pontos e horários certos para marcar. Em suas rotinas solitárias,

são donos do processo da produção no trabalho, cumprindo o horário mais especificamente na venda dos produtos, conforme o local.

Os trabalhadores artesãos da cidade de Goiânia desenvolvem seus trabalhos em sua maioria (57,4%,) na ocupação de artesãos de pedra, madeira, vime e materiais semelhantes. Outros são joalheiros e lapidadores de gemas, artesãos de metais preciosos e semipreciosos, com 16,3%. Existem também com artesãos de tecidos, couros e materiais semelhantes (16%), redatores de cartazes, pintores decorativos e gravadores (4,7%) ceramistas e afins (1,0%) e por fim artesãos de outros materiais, sem estarem classificados nesses anteriormente descritos, com 4,5%.

Esses trabalhadores artesãos possuíam grande parte deles, um trabalho apenas, com 96,5%, ou seja, o trabalho com o artesanato e 3,5% entre dois ou mais trabalhos. Nesse trabalho a maioria trabalhava por conta própria (69,6%), alguns eram empregados sem carteira assinada, 16,3% e outros eram empregados com carteira de trabalho assinada (13,1%) e não remunerados (1%). Situação semelhante ao que ocorre com os artesãos brasileiros.

Em relação aos filhos, 28,4% dos artesãos trabalhadores em Goiânia não possuem filhos, 23,5% possuem três filhos, 20,7% possuem um filho, 18,4%, dois filhos, 5,2% quatro filhos e 3,8% possuem entre cinco e oito filhos. Quanto ao estado civil dos artesãos trabalhadores da cidade de Goiânia, 42,5% são solteiros ou solteiras, 37,5% casados (as) 7,7% estão na condição de divorciados (as), 7% são desquitados (as) ou separados (as) judicialmente e 5,1% são viúvos (as). Aqueles que são casados 46,2% o foram pela união consensual, 26,2% pelo casamento civil e religioso, 19,9% apenas pelo casamento civil e 7,7% pelo casamento religioso. No que diz respeito à sua relação de parentesco ou de convivência com o responsável pelo domicílio, 47,6% são os próprios responsáveis pelo domicílio, cônjuge ou companheiro (a) de sexo diferente (26,6%), 7,6%, filho (a) do responsável e do cônjuge, 9% filho (a) somente do responsável, 1,6% é pai, mãe, padastro ou madastra, 1,5% é irmão ou irmã, 1,2% outro tipo de parente e o restante (4,9%) são, conviventes, genro ou nora, enteado (a) e cônjuge ou companheiro (a) do mesmo sexo. Esse contexto nos demonstra que, a maioria dos artesãos de Goiânia são trabalhadores solteiros e entre os que casaram prevaleceu a união consensual e a maioria são os próprios responsáveis de seus domicílios.

Verifica-se a partir dos dados, um contexto de trabalhos realizados pelos artesãos e artesãs antes de se legitimarem na atividade. Há casos de trabalhadores que abandonaram a antiga atividade de trabalho para apenas produzir artesanato e casos de alguns que, continuaram trabalhando como artesãos concomitantes à atividade anterior.

Em entrevistas com alguns artesãos em Goiânia pode-se notar que, antes de serem artesãos trabalhavam em marcenarias, ministravam aulas de artes, em estamparia de tecidos, na construção civil, com costura, em bancos e na área técnica da enfermagem. Outros continuaram, por exemplo, trabalhando na marcenaria ou ministrando aulas de artes e quando sobra um tempo durante o dia, desenvolvem o artesanato. Alguns narraram também que, vendo o pai, o amigo fabricando peças à mão, tiveram o desejo de produzir artesanato. Há também casos em que a busca por outra atividade de trabalho surgiu pelo fato da atividade de trabalho anterior vir a causar estresse. Importante entender que, em todas as conversas, mesmos ao estarem em outros trabalhos ou somente no artesanato, todos os artesãos revelaram que, existe acima de tudo uma vocação pela produção manual especialmente. Nesse sentido verificam-se algumas narrativas:

Que eu mexo com isso (refere-se ao trabalho com o artesanato) aqui tem uns três a quatro anos, mas na verdade eu trabalho com marcenaria tem trinta anos, então isso já veio de sangue, porque meu pai fabricava carro de boi, com isso eu comecei, a gente trabalhava junto com ele e começava a fazer alguma coisa com aquelas pontas de tábuas que sobrava, daí por diante foi despertando a mente. (ANTÔNIO, 2010)

Acho que desde que eu me conheço. [Quando perguntou-se quando começou a trabalhar com o artesanato] Engraçado, a criança tem essa afinidade com a criação, depois de certo tempo a gente vai perdendo isso. É algo que é natural, eu sempre tive essa afinidade mesmo em vários trabalhos diferentes: poesia, sempre gostei de cores, então assim, profissionalmente eu comecei... Eu fiz faculdade em Artes, e aí comecei desenvolver profissionalmente a partir daí. (MORGANA, 2010)

Arte, eu já faço há muito tempo, porque toda a vida eu gostei de pintar tela, toda a vida gostei de desenhar a mão livre, eu já tive estamparia de tecidos durante muitos anos, era tudo manual, era tudo estamparia exclusiva, eu produzia, não nada de repetir, então toda a vida eu gostei e a linha de decoração entrou por causa da necessidade de mudar de ambiente, de trabalho e tudo por causa de doença, do estresse, mas toda a vida eu gostei de arte. (RAFAELA, 2012)

Eu larguei a Construção Civil já por causa da idade, e eu sou uma pessoa que não tem formação, não sou formado, então hoje uma pessoa da minha idade para voltar a trabalhar teria que estudar e trabalhar com internet, então eu preferi ficar na minha garagem no meu cantinho trabalhando sozinho. Nós que somos operários de construção já somos um verdadeiro artesãos, eu gosto de uma ferramenta boa de corte, gosto criar as coisas, e nesse material você ver coisas, figuras, de baixo e alto relevo, então eu aproveito isso, pensando em tudo isso com muitas dificuldades eu já fiz algumas exposições, alguns vídeos. (JOÃO, 2010)

Costura. [Quando perguntou-se se já trabalhava com o artesanato desde então] Já costurei, mas não gosto, eu gosto de fazer trabalho manual, eu bordo os pontos, eu acho prazeroso fazer o serviço manual. Não pretendo parar quero fazer até quando eu der conta eu quero fazer. (NILVA, 2012)

Sempre trabalhei. [Com artes] Mas, paralelamente eu fui bancário, me aposentei como bancário, mas eu sempre trabalhei com arte, tanto que dentro eu escolhi uma área de RH – Recursos Humanos para trabalhar com a arte e dentro do RH, eu trabalhei na área de programação visual para mim trabalhar com a minha arte, como artista, lá trabalhei com vários projetos dentro da arte. (NETO, 2012)

Na verdade eu tinha um amigo e ele faleceu tem uns três anos, ele trabalhava com isso, eu admirava o trabalho dele e eu ia no atelier dele olhar ele trabalhando e comecei brincando com ele lá e de repente eu gostei, e não parei mais. (PAULO, 2012).

A identificação de alguns elementos a respeito do artesão trabalhador brasileiro e do artesão trabalhador da cidade de Goiânia permitiu a sua caracterização como trabalhador do artesanato. Nos campos de investigação (Goiânia e Brasil) verifica-se artesãos trabalhadores que tratam a atividade como um trabalho que precisa acompanhar o mercado, mas que, ao mesmo tempo é um trabalho que exige muito o gosto pelo fazer.

Até aqui, apresentou-se um contexto de entender o que é de fato um artesão, saber sua história, sua origem, verificá-lo na contemporaneidade presente nas regiões brasileiras e na cidade de Goiânia através de recortes de elementos que permitiram traçar o seu perfil hoje e verificar que, ainda carrega em sua essência pontos essenciais e singulares ao trabalhador artesão misturada à sua nova história inserida principalmente com o cenário dos produtos industrializados e exigências do mercado de trabalho quanto ao processo de produção.

3. IDENTIDADE: MULTIDIMENSIONAL.

O objetivo desse capítulo é discutir a partir de modelos teórico-metodológicos a identidade em dimensão cultural, social e profissional, para compreender as relações construídas por artesãos e artesãs trabalhadores. Assim, a análise incidirá sobre a construção Identidade dos artesãos e artesãs em relação à cultura local, regional, nacional ou global, m relação ao meio social, ao seu fazer técnico (fazer que identifiquem que o artesanato ao artesão é um tipo de trabalho), além de suas subjetividades e elementos externos. Inicialmente é possível entender a identidade como uma categoria que possui várias dimensões a serem estudadas em sua construção, sendo vista sob vários aspectos do indivíduo e seu relacionamento consigo mesmo e com os outros, como podemos verificar na posição de Dubar (2005):

A identidade nada mais é que, o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições. (p. 136)

A socialização é essencial para que, a identidade se desenvolva. Constitui um meio, um caminho pelo qual o indivíduo irá construir desconstruir ou reconstruir sua identidade a partir das várias esferas de atividades que desenvolverá durante sua vida. Existe, nesse caso, a perspectiva teórica de que, assim agindo, construirá sua identidade frente a si mesmo e aos outros, ou seja, teremos nesse indivíduo dois eixos de identificação: “um eixo sincrônico, ligado a um contexto de ação e a uma definição de situação, um espaço dado, culturalmente marcado, e um eixo diacrônico, ligado a uma trajetória subjetiva e uma interpretação da história pessoal, socialmente construída” (DUBAR, 2005, p. XX) A identidade é pensada e compreendida nesses termos e deve ser analisada inserida em processos históricos e contextos simbólicos.

A socialização traz a possibilidade de proporcionar no indivíduo as formas identitárias⁶¹, construções sociais partilhadas com todos aqueles que possuem trajetórias subjetivas e definições de atores homólogas, especialmente no campo profissional. Esta referência leva-nos a pensar na construção da identidade profissional a partir de experiências conjuntas e similares que podem se desenvolver

⁶¹Formas de identificação socialmente pertinentes em uma esfera de ação determinada. (DUBAR, 2005, p. XX)

entre profissionais do mesmo ramo de atividade, por exemplo. Esses profissionais poderão compartilhar ideias e experiências, as quais, nas relações sociais serão elementos de construção das suas identidades, dos seus modos de se verem enquanto pessoas e enquanto profissionais, bem como de se verem pelos outros.

Os processos identitários irão se desenvolver num contexto de transformações, as quais relativizam as identidades nacionais, expondo outro processo na construção das identidades, seja ela qual for. O processo que nos referimos é o da hibridização que de acordo com Canclini (2003) é definida como processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. (p. XIX).

Dada a fundamentação inicial de identidade no indivíduo e a crença teórica para essa tese, de que, este conceito não se faz apenas pela dimensão subjetiva, ou apenas pela dimensão cultural ou pela dimensão profissional, mas por todas elas inseridas num contexto histórico e simbólico, passa-se a compreender essa identidade, já entendida, nos indivíduos trabalhadores artesãos brasileiros e goianos.

Desde já, é possível falar dos artesãos como atores sociais que, agem combinando vários papéis: o de proletários, ou de subordinados, ou de clientes, tendo que atuar como competidores para sua sobrevivência. É possível identificar, especificamente em produtos artesanais a presença de uma cultura híbrida do mundo, a qual decorre na América Latina da mestiçagem e sincretismos e nas “sociedades contemporâneas através das interações entre o tradicional e o moderno, entre o popular e o culto, o subalterno e o hegemônico”. (CANCLINI, 2008, p. 206) O popular se constitui de processos híbridos e complexos, com signos de identificação fundamentados em elementos procedentes de diversas classes e nações. Estes processos relativizam a noção de identidade cultural.

Há na produção artesanal brasileira características marcantes regionais, como também, produtos deslocados de seus contextos regionais e misturados a partir de vários elementos de várias localidades, expressando o processo de hibridização nesses produtos e na produção. Muitos elementos tradicionais se misturam a elementos modernos complementando a ideia de que o tradicional vem se transformando, junto à modernidade, a qual não a suprimiu. Diante dessa realidade, não se pode pensar apenas num tipo de identidade fomentada apenas pelo social, mas a identidade cultural do próprio artesanato, ou seja, sua relação com uma cultura

regional ou nacional, com o que é típico, com o que identifica uma região, e posteriormente com que é preferido pela população local. A compreensão que se tem da identidade do artesanato brasileiro e da cidade de Goiânia é de que seja tanto influenciado pelas tradições familiares, quanto por elementos culturais locais e regionais, e também por elementos culturais nacionais e globais. Encontra-se tanto artesanato característico da região, quanto artesanato que carrega em si vários elementos de várias regiões, entrelaçando características de vários territórios: é um artesanato multicultural.

É fato que, a cultura pode constituir um dos elementos de explicação das diferenças de produção dos artesãos e artesãs trabalhadoras brasileiras e da cidade de Goiânia, das várias formas de se comportarem enquanto trabalhadores artesãos e artesãs em determinados locais de trabalho, da utilização de diversos materiais no trabalho, dos comportamentos frente aos possíveis clientes, no que diz respeito às suas vendas. Dependendo da tendência cultural local, regional ou nacional, o trabalhador artesão ou artesã terá que se guiar, além da sua vocação natural, por estas forças para que, a sua criação se realize, terá que, possuir a sensibilidade para que, a sua produção não se frustre, ou seja, fique totalmente perdida frente ao mercado e ao seu desejo de que as pessoas levem suas obras.

Outra questão é que, a identidade cultural desse tipo de trabalho está inserida e construída num processo de informalidade, pelo fato de não apresentar-se nas condições da CLT e estar em relações de trabalho frágeis e instáveis, também dependente de outras culturas para se formar. Segundo Strauss (1999, p. 29),

a identidade está associada às avaliações decisivas feitas por nós mesmos – por nós mesmos ou pelos outros. Toda pessoa se apresenta aos outros e a si mesma, e se vê nos espelhos dos julgamentos que elas fazem dela. As máscaras que ela exhibe então e depois ao mundo e aos seus habitantes são moldadas de acordo com que ela consegue antecipar desses julgamentos (...).

Nesse sentido o artesão ou artesão tende a produzir seus produtos, a se comportar frente ao outro – que pode ser seu cliente ou não conforme os moldes e padrões que o mercado já instituiu. Frente a esse contexto perguntamos: quem é o artesão que trabalha como artesão hoje? Como ele se apresenta enquanto artesão e profissional frente à sociedade?

Em muitas situações verificou-se nas falas de artesãos e artesãs, a caracterização do artesanato relacionado ao fazer manual, à criatividade do criador, a um aprendizado vindo de seus antepassados e uma percepção de que produzem arte de fato. A maioria destes artesãos entrevistados acredita que as peças que produzem são obras de arte, com exceção de um trabalhador que diz: “artesão é uma coisa, artesão faz obras repetidas, em série, o artes plásticas é só pintura e escultura, não importa se é de mármore ou de ferro, ele é um artista plástico. Lá é um artesão, ali na frente é um artesão, ali é artesão, esse senhor é um artesão”. (PEDRO, 2012)

Frente a esse contexto apresentado na pesquisa empírica faz-se importante uma discussão do que seja arte e do que seja artesanato. Canclini (2003, p. 242) traz a análise da distinção estabelecida pela estética moderna entre arte e artesanato. Concebe-se a “arte como movimento simbólico desinteressado, um conjunto de bens espirituais nos quais a forma predomina sobre a função e o belo sobre o útil” e o artesanato como “o reino dos objetos que nunca poderiam dissociar-se de seu sentido prático”; a arte como produto de pessoas solitárias e singulares e o artesanato produzido por pessoas anônimas e coletivas; a arte com peças únicas, irrepetíveis e o artesanato com peças produzidas em série. Esta referência teórica coloca-nos frente a uma separação entre o espiritual e o material prático e útil, ou seja, o artesanato mesmo trabalhado com criatividade e singularidade por cada artesão seria planejado para seu fim útil.

Na tentativa de compreender essa distinção na prática social dos artesãos da cidade de Goiânia e do Brasil, perguntou-se a eles o que seria artesanato. Muitos acreditam serem artistas e artesãos, mas a centralidade de percepções esteve na ideia de fazer um trabalho que se caracteriza especialmente pela liberdade em fazê-lo. Como pode se ver na fala desta artesã, quando se refere ao artesanato como um trabalho bem autônomo, deferente de outros tipos de práticas laborais, concebendo o artesanato como um fazer livre, porém, compromissado com sua vontade de fazer exercitando a criatividade:

[Perguntou-se se o trabalho com o artesanato teria alguma característica diferenciada de outros trabalhos] É uma diferença muito grande porque artesanato você trabalha com suas mãos e suas ideias, sua cabeça. Você trabalha tranquilo tem a oportunidade de criar, jogar com você o que tem dentro pra as pessoas. Aí você coloca sua ideia no produto. Então é uma coisa bem diferenciada. Bem diferente, porque você trabalha com as mãos. (MARIA, 2014)

[Perguntou-se o que seria o artesanato para ela] O quê que seria? Criações, você saber criar, você saber aproveitar idéias, eu acho que artesanato envolve isso criar idéias novas, mostrar o que você sente, porque eu acho que você representa muita coisa de você na peça eu acho que artesanato é isso. (RAFAELA, 2012)

Na composição das subjetividades, de como eles se olham enquanto artesãos e na constituição das objetividades, de como são olhados pelos outros, há elementos adjetivos que categorizam o artesanato brasileiro e da cidade de Goiânia como: peças de arte, úteis ao público que as adquire, algumas peças únicas que possuem o registro do nome artístico do artesão, algumas peças produzidas em série (aquelas que mais vendem), peças com técnicas criativas e desenvolvidas pela família ou pelo próprio artesão, peças criadas com crenças de energização positiva colocada pelo artesão. Produtos encomendados como forma de garantir a venda e a fidelização, trabalhos com materiais recicláveis e que não seriam mais utilizados, peças produzidas em horários não padronizados.

As descrições mostram que o artesão constrói sua rotina de trabalho, livrando-se da imposição de uma rotina industrializada com pontos e horários certos para marcar, uma rotina solitária. Percebe-se assim, uma coincidência entre o que é arte e o que é artesanal. Tanto o processo de produção da arte, quanto do artesanato, está incluído na circulação das pessoas se predomina a noção de que o artesanato e a arte são formas que envolvem a vocação e não são totalmente separadas entre os artesãos. Na fala dessa artesã, o artesanato é um dom: “Artesão é um dom, uma coisa boa dentro da gente, a gente vai criando peças cada dia melhora mais, e se você não praticar você nunca vai saber se você faz um coisa boa”.(REGINA, 2012).

Para essa outra artesã, o trabalho que ela realiza como flores é arte: “eu mexo com flores em tecidos, peso de portas. Minha arte é essa aí só em tecidos”. (MATILDE, 2012) Percebe-se que o artesanato na cidade de Goiânia e nas regiões brasileiras é exposto ao público, nas calçadas, em lugares abertos como feiras por um tipo de prática popular vivida pelo artesão e ao mesmo tempo pelos daquela localidade, no espaço e no tempo. O artesanato é percebido pelas pessoas que, vão a seu encontro e mesmo aquelas que não planejam este encontro o encontram por acaso, como em vitrines abertas e públicas.

Por vários momentos durante o trabalho de campo em feiras de artesanato em Goiânia, pode-se notar a interação das pessoas que olhavam os produtos expostos e procurava saber suas histórias, como as peças eram feitas, de que

material, por meio de qual técnica. Mesmo não comprando a peça naquele momento, algumas pessoas apenas paravam ao redor das bancas para conversar, desenvolver ideias junto ao artesão. Em meio aos populares, os artesanatos contavam suas histórias, sejam expressas verbalmente pelo próprio artesão ou expressas pelos imaginários que os observam ao verificar que, cada peça, fosse ela artística ou artesanal apresenta a cada pessoa, dependendo da peça, uma representação mental diferenciada de outras pessoas. Podemos compreender essa questão a partir de um artesão que cria peças a partir de restos de matérias e às vezes a peça que ele criou não condiz com o que o cliente olha e observa muitas vezes o cliente imagina outra figura, diferente do que o próprio artesão imaginou. Essa situação não pode ser aplicada como uma análise para todo o artesanato da cidade de Goiânia ou Brasileiro, mas, é uma modalidade de análise válida para determinadas obras e determinados artesãos. Dependendo do artesanato, a obra feita será óbvia, ou seja, tanto para o cliente, quanto para o artesão, a representação será a mesma.

Segundo Canclini, “hoje, a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multitécnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (2008, p. 131). O autor faz esta consideração a partir de realidades sociais desenvolvidas na cidade do México. Porém, pode-se verificar esta problemática em outros contextos sociais, especialmente brasileiros. Verifica-se que, o artesanato brasileiro em geral e, no caso específico da cidade de Goiânia, é produzido pelos traços culturais regionais, locais e nacionais, em diálogo com as inovações tecnológicas e outras tradições modernas. Alguns artesãos, por exemplo, utilizam de ideias e peças tradicionais, vindas de família, ensinadas pelas famílias, mas, com a preocupação primeira de ter para suas peças um mercado local, regional e até mesmo nacional, logo, de produzir peças que agradem aos futuros clientes, observando tanto aquelas peças que mais vendem quanto aquelas que são encomendadas com antecedência e devem ser produzidas ao gosto do cliente.

Uma questão nuclear nesta tese é como os artesãos de Goiânia e do Brasil estão conservando e resgatando tradições supostamente inalteradas e como estão interagindo com as forças sociais da modernidade? O que se tem percebido nas pesquisas é que esses trabalhadores produzem artesanato por gosto, por vocação, por ofício, mas, dentro do atual contexto de modernidade, o fazem também com a preocupação de sobrevivência, de ganhos, de criação de fidelização aos seus clientes, mesmo que, alguns tenham outras ocupações. Existe entre estes artesãos a

preocupação com a situação dos produtos industrializados quanto ao preço e à aceitação pelo mercado.

Nessa construção, práticas sociais são desenvolvidas pela motivação e pelo sentido de ir a uma feira de artesanato. As pessoas transitam entre os corredores de calçadas, entre umas e outras, param em bancas, olham, conversam, cumprimentam conhecidos ou não, sentam para lanchar, apreciam-se uns aos outros, apreciam os produtos, obtêm conhecimentos sobre as peças produzidas. É uma dinâmica construída pelo artesanato que, é exposto em um determinado espaço e tempo. Revela uma construção cotidiana especialmente ao ar livre, nas calçadas, e em alguns casos na rua, ou seja, em espaços públicos. Existe o desenvolvimento de uma cultura do trabalho de rua como traço identitário dos trabalhadores artesãos da cidade de Goiânia e do Brasil a partir das relações travadas. O encontro de vários sentidos, de várias subjetividades, é produto da possibilidade de culturação desenvolvida nesses espaços, como salienta Fontaine (2011, p. 280): “une constellation de sens et d’usages du travail de rue comme produit de sa culture”⁶². Produz-se uma Cultura do trabalho de rua cotidianamente como no diz Fontaine: “*La culture du travail de rue: une construction quotidienne*”. A cultura do trabalho faz-se traço constitutivo do artesanato laboral especialmente verificado entre os artesãos de Goiânia.

O artesanato é uma prática de trabalho informal e precário. Está inserido no contexto cultural e social da informalidade, a qual proporcionou uma nova dinâmica de vida, de comportamento e de concepção de trabalho. O artesanato como trabalho constitui uma criatividade do homem, uma alternativa possível no mercado de trabalho, cuja capacidade de absorção se encontra saturada no seu processo formal.

A informalidade contraria a formalidade encontrável no processo de trabalho. Esta implica um segmento organizado, com postos de trabalho associados a empregos regulares. A informalidade estabelece uma lógica de ocupações irregulares, construindo uma “desordem organizada”⁶³, interferindo na organização da

⁶²Uma constelação do sentido e do uso do trabalho de rua como produto de sua cultura. (Tradução da autora, 2014).

⁶³Emprego o termo “desordem organizada” na dissertação de mestrado defendida e aprovada em 2005 na Universidade Federal de Goiás, sob a orientação da professora Dr. Genilda Darc Bernardes: “Forma definida por Bataille (*apud* PERLONGHER, 1995, p. 97), qual seja, a de uma estética normatizadora entendida, aqui, como uma criação de expressões (modos, jeitos, linguagens) que se estabelecem como norma para os feirantes do Mercado Aberto, diferente da ocorrente nos espaços públicos da

cidade e lhe proporcionando um aspecto diferenciado na criação de uma dinâmica própria, a começar pelas formas e lugares utilizados para o seu exercício, os quais exprimem a ideia de liberdade, abertura, sem formalidades e com contatos pessoais mais diretos – de vendedor para vendedor (pequena distância entre uma banca de vendas e outra), vendedor para consumidor, consumidor para consumidor. O trabalho com artesanato pode ser analisado como uma forma de ocupação informal e por conta própria.

Além da identidade cultural refletida por Canclini e inserida na informalidade pode-se entender o artesanato inserido numa identidade social, no sentido de se identificar processos externos que interferem na sua produção, considerando-o como uma forma de trabalho que não depende apenas de tendências culturais. A compreensão do artesanato à luz da sociedade atual requer pensá-lo no interior de uma produção que está inserida em redes de mercado que se interligam e possibilitam a abertura para comercialização dos produtos artesanais, bem como a visualização dos mesmos por meios tecnológicos também interligados.

Giddens (1991, p. 69) refere-se a esse contexto como fruto da globalização, e o define como um “processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredaram através da superfície da terra como um todo”. A globalização é um processo presente nas relações de trabalho do artesanato contemporâneo, principalmente relacionado à divulgação e distribuição dos seus produtos.

Nesse processo de globalização os indivíduos se deslocam do seu lugar no mundo social e no mundo cultural, logo, de si mesmos, através da aproximação do que está distante realizada por pessoas de diferentes localidades. Emergem sujeitos desintegrados, que não possuem mais referências, modelos sólidos a seguir. Nesse sentido, Hall (2006) analisa que as mudanças estruturais que ocorrem na sociedade têm refletido em mudanças na identidade pessoal do indivíduo, o que nos faz pensar que a identidade pessoal é influenciada pela identidade social.

cidade, pois, acredita-se que os feirantes do Mercado Aberto produzem uma lógica própria de trabalho que se diferencia da lógica do mercado formal. Esta lógica influencia seus métodos de trabalho, sua linguagem, seu vestuário, seus modos de vender os produtos, desenvolvendo, com sua dinâmica própria, uma *desordem organizada*, que é expressa numa normatização diferenciada da existente nos espaços urbanos, regida e controlada pelos planos urbanísticos. Mesmo ocupando um espaço criado para o trabalho informal – o Mercado Aberto –, obedecendo a horários e regras internas, sendo observados em seu cotidiano, os feirantes carregam a informalidade no jeito de ser comerciante”. (OLIVEIRA, 2005, p. 13)

As mudanças ocorridas socialmente, segundo Keller (2011) alteram a identidade do trabalho artesanal, de forma que, o produto artesanal visto contemporaneamente, se faz imbuído de uma dimensão econômica e uma dimensão cultural, ou seja, o artesão não pode se preocupar em produzir uma peça apenas pelo seu estilo, pela sua habilidade em fazer o produto, mas também, deve pensar nesta peça inserida numa possibilidade de aceitação no mercado.

O design do artesanato deve estar adequado aos tempos contemporâneos, que requerem sempre a transformação das suas formas, sempre uma novidade na criação. Assim, além da produção manual, do fazer que o artesão desenvolva, temos a criação orientada pela tendência, seja ela cultural social ou econômica. Há, portanto, a criação de uma rede de relações com o mercado, com órgãos governamentais e agências de fomento, com objetivo de criar espaços para os produtos artesanais. Muitos produtos já são comercializados via internet, o que concretiza a ideia do artesão que se modela e se adéqua às novas formas de sociabilidades.

O trabalho artesanal se diferencia do trabalho industrial especialmente pela sua produção, pelos materiais utilizados, pelas formas desenhadas e dispostas, pelas motivações do produtor do trabalho e pela caracterização de cada produto que se faz único daquele artesão. Estas condições não eximem do trabalho artesanal sua articulação com as mudanças na economia e na sociedade capitalista, o que tem demandado do artesão cada vez mais além de suas habilidades e capacidades específicas consideradas criativas e manuais, a habilidade de situar seu produto no mercado como forma de garantir sua sobrevivência.

No produto artesanal encontra-se uma mistura de valores culturais e do prestígio identitário do artesão, ou seja, o produto artesanal se faz pelo trabalho criativo associado à valorização que a sociedade local, regional, nacional e internacional oferece ao produto. Esses valores agregados provocam a construção da identidade do artesão em seu trabalho. A forma como a socialização do artesão se realiza poderá interferir em sua identidade profissional.

O artesanato atual encontra-se numa escala mundial e homogênea de desenvolvimento de seus produtos. Considera-se que muitos produtos artesanais podem estar presentes em diferentes localidades do globo a partir das possibilidades que a globalização oferece independentemente, em muitos casos da cultura desenvolvida em cada região ou país. Muitos produtos artesanais podem existir em

regiões que não interferem na sua produção, mas pelo fato de possuírem uma demanda de mercado que pode ser influenciada pelas relações sociais globais.

O trabalho com o artesanato não obedece a um rigor de horário determinado, mas sim, aos horários com ritmos que dependem do ofício desenvolvido. Tito (2004) discute o trabalho do artesão como um trabalho que raramente é solitário, pois, para a autora, enquanto os artesãos trabalham podem conversar e às vezes até cantar. Quanto à organização do trabalho com o artesanato é possível pensar numa forma democrática e hierárquica de atuação, pois seu funcionamento está fundado não no poder de mando, mas sim na forma de realização do conhecimento sobre o fazer artesão, onde, neste fazer, está em jogo a criatividade com que cada artesão faz seus objetos. Tudo isso constitui o fazer do artesão.

Os artesãos, para Cardini (2004), são produtores culturais e o artesanato produzido é um produto cultural. Nesse sentido, a identidade do artesão e a do artesanato estão como interligadas às relações sociais, com intervenções das formas de produção, circulação e consumo. Os processos identitários desenvolvidos entre os artesãos na produção do seu artesanato são considerados por Tito e Cardini como componentes de suas personalidades.

A construção da identidade do trabalhador é compreendida em Dubar (2006, p. 85) como um processo que ao longo do seu desenvolvimento sofre a interferência da sociedade: “as identidades profissionais são maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns aos outros, no campo do trabalho e do emprego”. Ao pensar a identidade dos artesãos como uma identidade social, toma-se o artesão como um profissional que produz seus produtos, não apenas influenciado pelas expressões culturais de uma determinada região, mas, também, pelo reconhecimento dado e construído a partir de sua habilidade em ser um artesão, que produz singularmente suas peças, com relativa autonomia da cultura predominante no momento da sua produção.

A construção da identidade pessoal e da identidade de criatividade social passa pela interação travada entre as relações com os outros, sendo estes partes da motivação desta identidade. Para Dubar (2005, p. XXV),

a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no nascimento: ela é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida. O indivíduo nunca a constrói

sozinho: ele depende tanto dos juízos dos outros quando de suas próprias orientações e autodefinições.

A conceituação desenvolvida em Dubar (2005) de identidade não distingue a identidade individual da identidade coletiva. A identidade trabalhada por este autor se refere à identidade social, uma junção e interação entre a transação interna ao indivíduo e a transação externa que, ocorre entre o indivíduo e as instituições com as quais interage. A identidade individual está em constante diálogo com o meio externo ligado aos processos culturais, às estratégias de ordem econômica. A identidade social do indivíduo, portanto, sempre estará em construção e deverá ser constantemente reconstruída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura. Há a ideia das relações internas se relacionando com as relações externas, expressas numa socialização⁶⁴, que é um conceito referencial para o entendimento da construção da identidade entre os trabalhadores artesãos em Goiás e no Brasil, como uma das formas de compreensão do processo e organização deste tipo de trabalho.

Dubar (2005) considera a dimensão profissional como uma das dimensões mais importantes da identidade dos indivíduos. Esta dimensão que é social, portanto, intervém nas dinâmicas identitárias dos indivíduos ao longo de seu processo de socialização. Outra relação teórica importante na construção do referencial que orienta esta análise se refere à socialização como incorporação dos *habitus*, da qual Dubar (2005, p. 80) se apropria a partir de duas interpretações: considera-se o *habitus* como uma “cultura de origem, incorporado à personalidade, importando seus esquemas a todas as situações ulteriores e provocando inaptações cada vez que essas situações se afastam demais das situações da infância”; e também como “uma orientação da descendência, a identificação antecipada a um grupo de referências cujas condições sociais não são as da família ou do grupo de origem”.

Dessa forma o *habitus* pode ser pensado como uma forma de socialização de saberes passados que serão internalizados pelos indivíduos no presente e no futuro, bem como de saberes que podem ao longo de seu desenvolvimento serem reformulados, ou adquiridos fora da socialização de origem. O ofício como uma habilidade do trabalhador artesão, pode ser repassado, em muitos casos, de pai para

⁶⁴Dubar (2005, p. XXVI) se refere ao termo socialização a partir de várias conotações como: “inculcação das crianças, doutrinação dos indivíduos, imposição de normas sociais, coerções exercidas por poderes tão ameaçadores quanto anônimos...”.

filho, reproduzindo técnicas de produção, ou o trabalhador artesão pode adquirir este ofício por outras motivações que não sejam as da própria família de constituição. A reprodução acontece por meio de “saberes profissional” (DUBAR, 2005, p. 122) que se constituem a partir da socialização secundária. A análise da produção da identidade profissional do trabalhador artesanal deve ser pensada pela forma como se constroem os processos de socialização de um mundo vivido, relativo a um contexto social e a uma época histórica. Segundo Dubar (2006, p. XXI) as identidades coletivas e pessoais “são consideradas em processos históricos e contextos simbólicos”.

Uma das dimensões enfatizadas no conceito da identidade é o da subjetividade no cerne dos processos sociais. Dubar (2006, p. XXI) reflete as formas identitárias como “construções sociais partilhadas com todos os que têm trajetórias subjetivas e definições de atores homólogos, principalmente no campo profissional”. O fato, por exemplo, de o trabalhador ser reconhecido em seu trabalho pela atividade que desenvolve e de poder se empenhar na mesma são elementos construtores da identidade pessoal desse trabalhador.

O indivíduo depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições. A identidade pensada nesta pesquisa – identidade cultural e identidade profissional do trabalhador artesão – se faz a partir da vertente da socialização como sua principal forma de construção. (DUBAR, 2006). A dimensão profissional se faz como um elemento essencial na formação da identidade pessoal do indivíduo, quando se observa que, o trabalho acaba obrigando o trabalhador a se aderir às transformações identitárias vindas das mudanças que o próprio trabalho oferece. O emprego em si, condiciona a construção das identidades sociais e pessoais. Assim, segundo Dubar (2006):

A identidade profissional para si, mesmo reconhecida por um empregador, tem cada vez mais chances de não ser definitiva. É regularmente confrontada com as transformações tecnológicas, organizacionais e de gestão de emprego das empresas e da administração pública. (p. 150).

Ao verificar no trabalho do artesão um tipo de individualidade produzida para cada produto que constrói, orientada por influências, saberes e comportamentos de outros, pode-se entender este trabalho ainda, ancorado na teorização weberiana de ação social, assim definida: “uma ação que, quanto ao seu sentido visado pelo

agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso”. (WEBER, 2004, p. 3).

Em entrevistas já realizadas verificou-se que o processo de produção do trabalho do artesão pode ser mediado por sua identificação com o que se está produzindo. Há um sentido em sua ação subjetivamente realizada e com perspectiva no outro. O artesão, ao trabalhar com o material escolhido, o faz tanto expressando o que se quer a partir deste material, como também leva em conta a viabilidade econômica do produto que irá produzir e a consciência sobre a sustentabilidade do meio ambiente – dependendo da criação e do material utilizado. A realização do trabalho do artesão, segundo a entrevistada que trabalha com madeira e expõe na Feira do Cerrado, em Goiânia está relacionada à motivação interna que a artesã possuía:

O fundo de tudo é, o se conhecer e o se perceber no mundo, né, e aí, a partir disso, uma vez que você está presente aqui né, vamo dizer no mundo, vivendo, observando, você acha em todo lugar, é numa música, é num gesto, é no próprio material, na própria textura. (MORGANA, 2010).

O material participa do processo de produção do trabalho e é transformado a partir da expressão colocada pelo artesão, que o faz pensando em sua finalização como peça de arte. Nesse processo de produção alguma parte tem a possibilidade de não ser criada, mas de vir pronta, por questões de adequação do material, porém, sua essência está na criação a partir dessas partes pelo artesão. Nesse contexto é possível pensar na formação de redes profissionais que fazem parte do processo para produção do artesanato, quando o artesão necessita conforme a necessidade da sua criação, de se interligar com outras profissionais para a composição da sua obra.

Keller (2011) trabalha com a ideia da formação da cadeia de valor do artesanato considerada como um conjunto das atividades econômicas interligadas que compõem a cadeia do produto, desde o design, passando pela manufatura, o marketing e a comercialização, até o consumo final.

Segundo Tito (2004) o objeto artesanal é feito pelas mãos, não só pelo que podemos ver, mas, pelo que se pode sentir, de modo que existe uma espécie de tabu religioso como encontrado nos santos que, não se permite tocá-lo de qualquer forma. Neste objeto artesanal encontra-se uma utilidade relacionada à necessidade do objeto, porém não se resume a ela e não se reduz a um ideal matemático que padroniza o design industrial, por exemplo. A autora se refere ao design industrial

constituído de uma beleza de ordem conceitual, a partir do momento que se expressa com justeza de uma fórmula e possui uma racionalidade que se encerra numa alternativa: serve ou não serve e para o segundo caso há que se jogar no lixo.

3.1 FORMAS IDENTITÁRIAS.

Ao refletir sobre a formação da identidade nos indivíduos, Dubar (2006) analisa três grandes processos identitários como formas de compreender como a sociologia interpreta a identidade dos indivíduos. Designa esses processos como “configurações”: processo da civilização de Norbert Elias, o processo de racionalização de Max Weber e o processo de libertação de Karl Marx e Engels.

Dubar considera estes modelos como formas identitárias do eu social. Nenhum deles será de fato predominante sobre o outro, ou seja, nenhuma destas três visões sociológicas de identidade originou uma única forma de identidade universalmente dominante, portanto nenhuma delas se colocou como eixo duma nova configuração histórica. Nessa perspectiva o autor (2006) sustenta que, as identidades dos indivíduos estariam em crise: “nenhuma configuração das formas identitárias me parece ter adquirido legitimidade universal nem mesmo reconhecimento consensual” (DUBAR, 2006, p 21). A partir da sociologia de Norbert Elias, considera que,

não há identidade do Eu sem identidade do Nós, gerando a identidade Nós-Eu, onde, Elias tenta “interpretar o processo histórico a que ele chama processo de civilização e de que uma das interpretações mais frequentes da sua obra é a seguinte: a transformação do equilíbrio Nós-Eu, ao longo da história, no sentido duma primazia da identidade do Eu sobre a identidade do Nós (p. 21).

O autor cita o exemplo do povo samo, o qual baseia sua identidade na definição comunitária do Eu. Entre eles o indivíduo só possui a identidade ditada pela vontade coletiva do grupo que atribui a ele o seu lugar. Caso este indivíduo infrinja as regras deve suicidar-se ou se exilar voluntariamente.

Em Weber, Dubar (2006) identifica outro tipo construção sociológica da identidade, a racionalização. Weber não utiliza a palavra identidade, mas fala da análise compreensiva da ação humana a partir do seu significado subjetivo. A partir das grandes religiões universais tem-se o “momento essencial da racionalização religiosa’ (p, 33)”. Para Weber, o que irá caracterizar em “grande parte as primeiras

formas comunitárias da história humana será o domínio do pensamento mágico” (p. 31). A ideia é a de que as “formas comunitárias designam as relações sociais fundadas sobre o sentimento subjetivo de pertença a uma mesma coletividade” (p. 31).

Junto a esse processo de racionalização tem-se a ideia da forma reflexiva – um jeito de “identificação que consiste em investigar, argumentar, discutir, propor definições de si próprio fundados na introspecção e na procura dum ideal moral” (p. 34). Esta forma reflexiva nasce das formas comunitárias. O processo de racionalização a que Weber se refere está no significado que o indivíduo atribui às suas ações orientadas por um motivo, por um sentido. A religião torna-se cada vez mais a orientação das pessoas como uma moral de conduta a ser seguida em suas vidas cotidianas que as guiam para uma racionalização de comportamentos.

Em Weber temos uma figura identitária resultado da fase final deste processo de racionalização religiosa: o empresário capitalista puritano, no qual, conforme Dubar (2006), “existe uma afinidade estrutural, uma correspondência simbólica entre a ética puritana dos calvinistas que, acreditam na predestinação, pregando o face-a-face do crente individual e do seu Deus, gerando uma incerteza angustiada pelo compromisso no mundo, ligando profissão e vocação e o espírito capitalista que implica uma conduta de investimento orientada para o futuro, uma acumulação primitiva implicando não consumir o seu lucro, mas sim reinvesti-lo sem cessar” (p. 35).

A emergência do capitalismo moderno junto à racionalização religiosa gera o tipo social do puritano Calvino, um sujeito que quer atingir a salvação eterna pelo êxito da sua empresa. Para Dubar (2006), a dominação como exploração econômica e a exclusão societária irá emergenciar a luta de classes e gerar uma nova forma de identidade inédita.

O que Marx e Engels concebem como forma identitária do indivíduo é a “associação consciente de indivíduos livres” (p. 42), com a ideia de que o capitalismo e a sociedade burguesa societária destruíram os laços vitais constitutivos da condução humana e a revolução política sob uma forma voluntária e associativa restituiria estes laços. Para Dubar (2006), nenhuma dessas três configurações apresentadas coloca-se de fato, como forma identitária predominante, ou seja,

nem a identidade de corte, caracterizada dos Estados burocráticos modernos, nem a identidade do empresário racional, impondo num mercado uma lógica racional econômica capitalista, nem o militante revolucionário, fundindo com a sua causa comunista e o aparelho que pretende encarná-la, podem servir de pólo de identificação comum, universalmente legítimo e desejável” (p, 50).

Além das configurações históricas que delineiam as identidades, Dubar (2006) analisa as formas de construção da identidade. A primeira forma identitária é a forma comunitária do Nós, que modela totalmente o eu através da sua genealogia e através da cultura. Outra é a forma societária que une o “Nós contingentes e dependentes das identificações estratégicas a Eus perseguindo os seus objetivos de sucesso econômico, e de realização pessoal (à qual chamei forma narrativa)” (p, 49). A terceira forma é a reflexiva, onde o Nós comunitário juntamente com o Eu íntimo é voltado para o interior. Na quarta forma, a estatutária, prevalece o nós societário do tipo estatal, burocrático, institucional em conjunto com a estrutura do eu de tipo estratégico orientado para o exterior.

A partir destas “quatro apelações”, Dubar (2006) desenvolve o entendimento das transações relacionais e as transações biográficas no desenvolvimento das formas identitárias. Tem-se, portanto, primeiramente a forma de identidade biográfica para outrem do tipo comunitário, onde o indivíduo pertence a um grupo local e à sua cultura herdada. É predominante enquanto perdurar simultaneamente o poder do Nós sobre o Eu, as crenças, magias sobre as formas racionais e as formas pré-capitalistas de produção. A segunda forma é a de identidade relacional para outrem, que implica um eu socializado pelo desempenho de papéis. O indivíduo deve ligar-se às diversas instituições como forma de integração. Dubar (2006) a designa também como identidade estatutária. A terceira é a forma relacional para si, que se origina da consciência reflexiva, ou seja, o indivíduo desenvolve um tipo de identidade por desenvolver um sentido subjetivo, uma interpretação de suas atividades. A última forma de identidade é a biográfica para si, também chamada de identidade narrativa, onde, o indivíduo desenvolve o seu “si narrativo”, o si que cada um tem necessidade de ver reconhecido, não só pelos outros significativos, mas também, pelos outros generalizados. Nesse processo se questiona “as identidades atribuídas e um projeto de vida com longevidade” (p. 52).

A identidade para si e a identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis, pois, o eu se forma a partir do conceito que o outro lhe atribui e são

ligadas de maneira problemática, pelo fato do eu não saber totalmente o que o outro pensa e como o outro irá reagir frente ao eu:

Todas as nossas comunicações com os outros são marcadas pela incerteza: posso tentar me colocar no lugar dos outros, tentar adivinhar o que pensam de mim, até mesmo imaginar o que eles acham que penso deles, etc. Não posso estar na pele deles. Eu nunca posso ter certeza de que minha identidade para mim mesmo coincide com a identidade para o Outro. (DUBAR, 2005, p.135).

A Identidade social é construída nos processos de socialização que o indivíduo desenvolve ao longo de suas relações sociais e fundamentada nos eixos biográfico e estrutural. Esta identidade se faz pela articulação entre as transações subjetiva e objetiva, ou seja, entre os atos de atribuição dados pelas percepções do outro frente ao seu eu e os atos de pertencimento, aqueles que exprimem que tipo de homem ou mulher você quer realmente ser, uma identidade para si que, deve ser legitimada subjetivamente pelo eu. Disso resulta uma tentativa de relação entre as duas identidades, chamada por Dubar (2005) de estratégias identitárias, produzidas pelos indivíduos para reduzir a distância entre as duas identidades:

Elas podem assumir duas formas: ou a de transações externas entre o indivíduo e os outros significativos, visando a tentar acomodar a identidade para si à identidade para o outro (transação denominada objetiva) ou a de transações internas ao indivíduo, entre a necessidade de salvaguardar uma parte de suas identificações anteriores (identidades herdadas) e o desejo de construir novas identidades no futuro (identidades visadas), com vistas a tentar assimilar a identidade-para-o-outro à identidade-para-si. (p. 140).

As configurações identitárias se fazem pelas formas relativamente estáveis, sempre evolutivas, de compromisso entre os resultados dessas duas transações. Os outros constroem categorizações sobre o eu, e é principalmente na escola com os professores e colegas que, a criança, por exemplo, a experiência de sua primeira identidade social, a qual não é escolhida, mas atribuída pelas instituições sociais, pelas relações sociais, pela cultura pertencente, étnica, política, religiosa, profissional, dos pais respectivos, e também pelo seu desempenho escolar, ou seja, sua vivência no cotidiano da escola.

A identidade social do indivíduo se configura pela identidade que o outro lhe dá, pela identidade construída para si e pela identidade herdada pelos

antepassados e aquela adquirida pelo sistema escolar. É nesta configuração que há a produção das estratégias identitárias, como forma de equilibrar todas elas em um único eu. Quando este indivíduo deixa o sistema escolar e entra no mercado de trabalho, começa a construção de uma identidade autônoma que se fará pelo constante confronto entre estas duas experiências, processo que, fundamentará a construção da identidade profissional básica. Dubar (2005, p. 156) reconhece esta identidade como sendo:

Transmitida por uma geração à seguinte, cada geração a constrói, com base em categorias e nas posições herdadas da geração precedente, mas também através das estratégias identitárias desenvolvidas nas instituições pelas quais os indivíduos passam e que eles contribuem para transformar realmente.

A identidade básica constituirá a identidade no trabalho e uma projeção de si no futuro, já constituindo a trajetória ocupacional e a elaboração de uma lógica de aprendizagem, ou seja, a formação da “profissão”. A realização da identidade profissional e social se dá primeiramente pela identidade biográfica para si, logo, deve se desenvolver pela sua participação de alguma forma em atividades coletivas nas organizações. A experiência nas relações de trabalho forma no indivíduo que, já possui a identidade para si, relações duradouras que irão se manter pela dependendo da aceitação do outro na relação de trabalho. A identidade profissional se faz pela reciprocidade de identificação durante as relações laborais.

O indivíduo através da socialização cotidiana internaliza valores, normas e disposições que fazem dele um ser socialmente identificável, desenvolvendo elementos de identificação social e profissional especialmente, formando suas formas identitárias. Esta socialização se faz pelo processo de reprodução, de conformação à cultura do grupo, com também, pelo confronto dessa reprodução criando novos elementos. A sua identidade social passa por esta socialização que, absorve, confronta, recria elementos e se faz ser reconhecida pelos outros. O indivíduo constrói sua identidade e a desenvolve, a partir do reconhecimento dos seus outros, levando às identidades sociais e à estruturação dos sistemas sociais. A identidade do eu, portanto, é a identidade do universal e do singular.

Quando Dubar (2006) constrói estes conceitos das formas de identidade sob os eixos biográfico e relacional, tem a intenção de demonstrar que, as formas de identidade desenvolvidas nos indivíduos, são inseparáveis das relações sociais que

são formas de alteridade, as quais são constituídas de relações entre si e entre os outros. O autor analisa as identidades profissionais e as chama de formas identitárias no sentido definido como, “configurações eu-nós detectadas no campo das atividades de trabalho remuneradas” (p. 85). Podem ser tanto “relacionais (identidades de atores num sistema de ação) e também biográficas (trajetórias ao longo da vida de trabalho)” (p, 85).

O artífice, tal como categorizado por Sennett (2009) está nos percursos identitários como uma forma de identidade desenvolvida por aquele que, se ocupa em seu espaço de trabalho do fazer e do pensar dos materiais determinados. Está numa socialização e em configurações identitárias especificamente medieval. A autoridade que o artífice se fundamenta é institucionalizada pelo fato de ele ser um cristão. A religião acolhe esta figura do artífice, pelo fato de existir neste processo de trabalho uma frente contraditória à autodestruição humana com a ideia de ser uma atividade laboral pacífica e produtiva e a convicção da Roma pagã de que o trabalho com as mãos pode revelar muito sobre a alma. Há inclusive, o surgimento na idade média dos chamados artífices-santos e em “termos doutrinários, o artífice representa a manifestação de Cristo para a humanidade, mas não o seu ser” (p 70). O artífice medieval cristão vivente em mosteiros como o de Saint-Gall, na atual Suíça, além de cumprirem suas obrigações religiosas como orar, se refugiar,

Cultivavam jardins, praticavam a carpintaria e preparavam medicamentos fitoterápicos. (...) num convento das proximidades, as freiras, apesar de viverem em reclusão, dedicavam-se durante boa parte do dia às atividades práticas da tecelagem e da costura. (...) As oficinas da Saint-Gall seguiam os preceitos de autoridade do cânone dual da fé: o Espírito Santo pode manifestar-se a homens e mulheres sob essas condições; mas o Espírito não está contido por trás das paredes. (SENNETT, 2009, p. 70)

Esta autoridade do artífice fundamentada numa Instituição religiosa significava a ocupação de um lugar de honra na sociedade e também na qualidade de suas habilidades. Assim, a ética do artífice era inseparável de suas práticas artesanais. Há neste processo o desenvolvimento da forma identitária relacional para outrem, ou seja, o artífice medieval em sua forma embrionária de ser esteve ligado ao cristianismo medieval. Desenvolve o papel social frente à sociedade resguardado pela leitura social de um artesão, mas que, é considerado como tal, reforçado pela ideia da

santidade. O artífice visto dessa forma está amparado por instituições sociais religiosas, relaciona-se com elas de forma legítima, tanto é que, possui a autoridade.

Dubar analisa as relações entre a crise da modernidade e a crise das identidades. Reflete que, a crise das identidades é inseparável da crise da modernidade, a qual desvalorizou “as formas comunitárias de inserção social sem conseguir impor novas formas societárias: as antigas formas identitárias (nominais e estatutárias) desagregaram-se ou foram estigmatizadas, mas as novas formas (reflexivas e narrativas) não conseguem substituí-las” (DUBAR, 2006, prefácio).

Dubar considera que as instituições sociais, com a modernidade, se desestruturaram e, portanto, desestabilizaram as identidades pessoais. Nesse sentido, as identidades pessoais não seriam construídas apenas por essas instituições, que entraram em crise, mas também produzida pelos próprios indivíduos no decorrer de suas trajetórias e de suas interações.

Conforme Dubar (2006), a identidade se desenvolve a partir de vários domínios da vida social: nos espaços do trabalho, do emprego, da formação, das identidades sexuais e simbólicas. A identidade se compõe então, de configurações, presentes nas identidades pessoais. Por configurações identitárias, cada indivíduo “pode ser identificado e identificar-se de uma forma múltipla: a partir de sua aparência física, da sua linguagem, da sua maneira de vestir, das suas atividades, do seu nome...” (prefácio).

Quando Dubar analisa a identidade pessoal investiga outras formas de interferência e preocupa-se em compreender os elementos subjetivos do indivíduo como fonte de construção para a identidade pessoal. Analisa, por exemplo, que uma crise moral pode interferir na imagem de si, na estima de si, na própria definição que a pessoa dava de si a si próprio (2006).

A análise sociológica construída em Dubar (2006) parte do reconhecimento de que os modelos sociológicos antigos não deram conta de compreender o processo identitário dos indivíduos, mas apenas partes deste processo. A tentativa é a de expor que existem outros elementos, os quais enfatizam que podem também ser compreendidos na existência dos indivíduos como nas “relações amorosas, laços com o trabalho, crenças político-religiosas” (p. 187). Nesse sentido a identidade é pensada a partir das transformações que os indivíduos recebem entre os sexos, entre as classes, entre as gerações, nas instituições, enfim, é compreendida tendo em vista

elementos originados dos indivíduos que em modelos clássicos da sociologia até então não eram analisados.

A identidade do sujeito de acordo com Hall (2006, p. 13) “é definida historicamente, e não biologicamente”. Nesse sentido, o indivíduo possui e legítima identidades em diferentes momentos, portanto, não unificadas e absolutas, mas, mutáveis ao redor do seu eu. O processo de construção da identidade passa pelas transformações naturais, culturais, do trabalho e da sociedade e constantemente estão sendo questionadas e mudadas pelo sujeito:

à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p. 13).

Pensar na identidade dos artesãos brasileiros para essa tese tem se revelado pelas pesquisas empíricas a referência do conceito de identidade através das concepções de uma identidade construída a partir de vários elementos. O produto artesanal é obra do artesão, mas passa pelas intervenções do que chamamos do público, do popular, em suas produções artísticas.

3.2 DIMENSÕES SOCIAIS NO ARTESANATO BRASILEIRO.

A forma de trabalho com o artesanato se constitui e se legitima na sociedade formando relações em várias dimensões sociais. Essas relações se concretizam a partir do desenvolvimento do artesanato enquanto trabalho. O desenvolvimento das relações de trabalho do artesanato com essas dimensões geram formas de identidade do artesão brasileiro. Associa-se aqui o trabalho feito pelo artesão às seguintes dimensões: dimensão ambiental, dimensão relacionada à saúde, dimensão relacionada à cultura regional, ao associativismo e ao cooperativismo.

A ideia trazida no produto, fruto do trabalho artesanal e das relações de trabalho que lidam com o artesanato, é permeada da percepção e convicção de um produto que não destruiu nada para chegar a sua produção final, de um produto que em sua produção se norteou pela consciência ambiental, pela economia sustentável,

pela ideia da reciclagem, pela defesa da ecologia. Os artesãos fazem seus produtos pensando na qualidade, no conteúdo que esse produto carregará, esteja onde estiver. Nessa dimensão verifica-se a dinâmica do aproveitamento para se fazer novas peças, como nos revelou uma artesã:

[Essa artesã cria peças a partir da sobre de outras] A roupa da Maria, por exemplo, o que sobra da roupa da Maria aqui eu faço esses saquinhos, esses saquinhos serve pra colocar as calcinhas que a noivinha distribui no chá de panela. Eu ponho essência, aí fica um sachê pra perfumar a gaveta, perfumar armário, as noivinhas colocam naquele saquinho, esse saquinho eu não compro tecido pra fazer, é sempre do que sobra do corte. (ANA, 2014)

Essa lógica de trabalho do artesanato é uma das formas que temos de identificar o artesanato como um trabalho e o diferenciá-lo da lógica de produção mecanizada, massificada e repetitiva sem a preocupação de conteúdo dos produtos industrializados. Outra questão bem intensa, como elemento para se pensar a identidade do artesão brasileiro, é a concepção de que o produto finalizado e artesanal aproveitou sobras de outros materiais que não seriam mais utilizados. Mas a questão central gira em torno da transformação e criatividade.

Considera-se que o trabalho com o artesanato proporciona bem estar emocional. É apontado como um tipo de terapia para os problemas humanos como, por exemplo, a depressão. Proporciona, conforme diversas declarações de trabalhadores (as) entrevistados (as), o bem estar laboral em não estar submisso a chefes e não precisar seguir horários; o equilíbrio emocional, no caso de artesãs que trabalham em outras funções de trabalho que exigiam rotinas e plantões; o desenvolvimento da autonomia laboral, podendo fazer seus próprios horários, determinar suas regras de trabalho e até a liderar outras pessoas, criando mais estímulo e criatividade na produção; ajuda a limpar a mente e ao mesmo tempo pensar para produzir a obra visada, exigindo do seu ser paciência e reflexão ou até mesmo como um trabalho que possibilitasse mais descanso físico. Contexto esse encontrado na história de alguns artesãos, o qual se explicita nessas falas:

[Perguntou-se sobre como o artesanato havia surgido em sua vida, já que essa artesã trabalhou antes como funcionária pública] Não teve influência familiar. Isso tudo porque eu passei por um momento complicado (esse momento complicado durante a entrevista sugeriu que fosse uma depressão) e resolvi ocupar o meu tempo com alguma coisa que fosse diferente do meu dia a dia. Eu nem sabia que tinha esse dom, eu nem sabia que isso ia acontecer. Isso foi uma coisa que

foi tomando uma proporção que de repente quando eu acordei eu já estava no meio de tudo isso. (ANA, 2014)

[Quando se perguntou o que o artesanato proporcionava em sua vida] Equilíbrio você ocupa seu tempo, é o equilíbrio. Eu acho que é isso. (ROSE, 2013)

[Qual o motivo de trabalhar com artesanato] Eu tinha que fazer uma angioplastia, eu tive que ficar de repouso uns tempos, e eu fui para uma fazenda de um amigo, então a gente que trabalha na construção ver muita coisa que pode ser aproveitada, então foi o que eu vi essas madeiras tombadas e jogadas fora eu fiz algumas peças para presentear e também com intuito de aprender como faz, como trata, então eu fiz umas 250 peças só para presentear. Só que eu gastei oito meses para descobrir um produto, essa peça, então eu abracei como profissão. (JOÃO, 2010)

[Perguntou-se como o artesanato de diferenciaria de outros trabalhos mais burocratizados] Primeiro com o artesanato você tem o compromisso, vínculo com o seu cliente. A produção foi o que eu decidi fazer, quando você tem um emprego, um vínculo empregatício com todas as obrigações você as vezes se sujeita as coisas que você não acredita, mas que é a política da escola, direção. Mas que você que não é um caminho que você acredita ser o certo. Mas, você tem que submeter a estrutura de onde você está. O artesanato não! Você é livre! (ANA, 2014)

A compreensão que temos a partir da pesquisa de campo que nos foi apresentada é de que, o artesanato se insere numa dimensão relacionada à saúde, ao desenvolvimento emocional dos indivíduos, é um trabalho que participa do orçamento do artesão em níveis diferenciados⁶⁵, mas também revela características distintivas de outras formas de trabalho produtivo. Faz-se como algo prazeroso de fazer. O artesão nos mostra por esta dimensão, uma identidade de autorealização no trabalho.

A dimensão cultural salienta como as influências regionais são consideradas nesse tipo de trabalho artesanal. Está ligada a alguns aspectos, tais como, arte popular (artesanato, festas culturais etc.), alimentação, música, carnaval, artes cênicas (teatro), artes visuais (pintura, escultura etc.), como se pode demonstrar na fala dessa artesã quando se perguntou se as peças que ela produzia tinham influências regionais: “Tem. Os nossos ícones de Goiás. Já fiz muita coisa relacionada com Goiás, Cora Coralina. Tanto na porcelana, quanto na madeira.

⁶⁵Característica analisada especificamente no quarto capítulo desta tese.

Cabaça tem muito relacionada na área religiosa, cultural e meio ambiente. A gente faz o pequi e põe nas cabaças interagem”. (NUNES, 2014)

O cooperativismo e o associativismo são considerados nos trabalhos artesanais, como formas de relações desse trabalho. Muitos artesãos veem a necessidade de estabelecer diálogos institucionais ou mesmo informais com órgãos, ONG'S, estabelecimentos que, podem de alguma forma contribuir na organização desse trabalho na sociedade. Muitos artesãos que encontramos na cidade de Goiânia possuem, já possuíram ou apenas fizeram cursos oferecidos pelo SENAC, por exemplo, outros são cadastrados na Central do Artesanato em Goiânia, que auxilia na venda das suas peças. Em muitos casos a produção exige esse diálogo como forma de finalização do processo. A criação de redes do trabalho com artesanato se faz nessas condições, uma vez que, alguns produtos necessitam de matérias primas encontradas com outros artesãos. Outra situação apresentada nessa dimensão é a criação do trabalho artesanal em conjunto com outros artesãos, ou seja, muitos produzem peças, as quais serão finalizadas em outro momento, com outro artesão.

Mesmo desenvolvendo relações de trabalho com o artesanato ligado a essas dimensões do associativismo e do cooperativismo, a pesquisa nos mostrou que poucos dos artesãos trabalhadores brasileiros possuem seus trabalhos relacionados a Instituições com fins lucrativos (4%), alguns com Instituições sem fins lucrativos (13%), e a maioria (83%) demonstrou que o trabalho que fazem com o artesanato não se ligam a essas tipificações, mas, a outras. Esse contexto do trabalho com o artesanato nos faz compreender a existência de um artesão brasileiro que trabalha conhecendo essas instituições associativistas, mas não liga o seu trabalho a elas.

Esta é uma realidade presente no cotidiano dos trabalhadores artesãos da cidade de Goiânia. Eles sabem e muitos são cadastrados no Sindicato dos Artesãos do Estado de Goiás, na Casa do Artesanato, porém, em muitas conversas, revelaram não serem apoiados totalmente profissionalmente como deveriam e, assim, trabalham com seus próprios ateliês, organizam-se enquanto classe e constituem seus espaços, expondo em feiras e eventos especializados em artesanato. Os artesãos dessa cidade reconhecem que há um incentivo em promover eventos, oferecer fomentos para a produção, porém, existem limites para o apoio, onde, em geral, a ideia essencial e que reina entre os artesãos, é a sensação de não apoio por parte do Estado ao artesanato, especificamente no caso da cidade de Goiânia, evidenciadas no depoimento de artesãos entrevistados, como no caso a seguir:

Em Goiânia tem muitos artesãos, mas faltam muita oportunidade e lugares específicos para a gente expor. Tem a Feira do Cerrado, mas lá a Feira do Cerrado tem os artesões de lá e são um grupo fechado e não deixa mais ninguém entrar. Lá só entra pra trabalhar lá quem passa pela aceitação deles. Tem uma avaliação e aí eles fazem uma mesa redonda e você expõe seus produtos e eles fazem uma avaliação. [Pergunto se existe um critério de avaliação dos produtos para exposição]. Tem que ser todo artesanal e não pode ter repetido e se tiver alguém na feira que faz parecido eles não deixam você entrar. (ROSE, 2013).

A dimensão cultural no trabalho com o artesanato se constrói pelas práticas, visões e costumes da sociedade determinada, na qual o artesão está inserido, e também, pelas visões, práticas e costumes que o artesão leva para o seu trabalho. Nessa dinâmica, tem-se o artífice em sua essência, relacionando-se o tempo todo com a cultura que chega a ele por meio de pessoas, de símbolos, de ideias, de contatos, e de costumes locais, regionais, nacionais ou mesmo internacionais. Esse diálogo é verificado nas relações sociais e de trabalho dos artesãos de Goiânia e daqueles pesquisados através das regiões brasileiras.

Traz-se dessa forma, a ideia de que, o trabalho com o artesanato se faz também como um trabalho público, exposto muitas vezes na rua, ao ar livre, produzindo uma cultura que, conforme dita por Fontaine (2011) é uma Cultura do Trabalho de Rua, sendo gerida constantemente pelo cotidiano das pessoas que ali estão: indivíduos transeuntes, indivíduos que compram que fornecem que vendem que andam por ali, enfim, ela é construída cotidianamente, nas práticas apresentadas. Identifica-se o trabalhador artesão como um trabalhador também de rua, o qual deve negociar com o espaço vivenciado e de trabalho, criando novos elementos a cada dia. Produz estratégias de venda, ao expor seu artesanato, quando monta barracas abertas com seus produtos dispostos, como forma de oferecer visibilidade ao produto, quando coloca sua produção em cabides, ou pendurados nas barracas, ou mesmo, expostos ao chão sobre algum tecido.

Tudo isso, foi visto durante as pesquisas e compreendido como formas de sobrevivência laboral, existindo, portanto, formas dinamizadas de sobrevivência no trabalho com o artesanato ao montarem seus produtos para chamar atenção dos visitantes, formas planejadas nos espaços que ocupam, ao colocarem cada banca em lugar fixo, um lugar público expresso como um lugar na rua. Tem-se na prática do trabalho com o artesanato modos que se repetem nesses espaços, criando uma

espécie de cultura de rua. Essa cultura de rua é analisada por Fontaine (2011, p. 282): :

(...) les travailleurs de rue définissent une grande partie de leur quotidien em recourant à des notions faisant référence aux espaces, que ce soit pour décrire des milieux, pour em analyser les dynamiques, pour y situer leur trajectorie et leurs modes d'ocupation ou encore pour adapter les modalités et conditions de leur pratique à son contexte d'exercice⁶⁶.

O artesão trabalhador faz o seu trabalho em ruas, em feiras que são também públicas e expostas, em lojas, em comércios de galerias, em shoppings, que expressam locais mais seguros, mais reservados. Mas, o que se analisa pelas observações, é que, o artesão, assim como o artífice, possui dentre outras características a autonomia do seu trabalho. A exposição dos artesanatos em feiras, como presenciado na Feira do Cerrado expressa o contato do cliente com o artesão, a troca de culturas constantemente, a abertura em chegar às bancas sem portas, a relação direta do comprador com o artesão. Os produtos ficam expostos e acessíveis aos possíveis clientes, de modo que, não há necessidade de adentrar o ambiente e pedir ao vendedor para ver a peça desejada, já que as peças ficam expostas e estendidas para melhor visualização das pessoas. Esses levantamentos expressam em nossa análise, certa liberdade do artesão em ir e vir trabalhando, em montar suas bancas e desmontar na hora que quiserem.

O elemento cultural é de fato algo que interfere na produção artesanal e se constrói pela ideia do cruzamento de várias realidades, pela observação de que nessas realidades, temos várias subjetividades, vários sentidos dados por cada grupo à sua existência, enquanto ser humano, enquanto profissional. A cultura carrega uma constelação de elementos do lugar em que se está. O individuo que está inserido nesse lugar, sob qualquer forma de existência, deve estar o tempo todo negociando com esta cultura, no sentido de, absorver e se adequar a ela, pois, as mobilizações das ações dos indivíduos nascem dela, como um costume enraizado. O artesão que é um trabalhador está atento a estas questões. A própria produção do seu artesanato garante isso, ou seja, as pessoas, com possibilidade de serem seus clientes, são motivadas, dentre outros elementos, pela questão cultural:

⁶⁶Os trabalhadores de rua definem uma grande parte de seu cotidiano em recorrer às noções referentes ao espaço, que podem descrever o meio, por analisar, por analisar as dinâmicas, e situar sua trajetória e seus modos de ocupação ou então por adaptar as modalidades e condições de sua pratica no contexto do exercício. (Tradução da autora, 2014)

À l' intersection de multiples univers entrecroisés dont les ressources mobilisées influencent les sens et usages attribués à certaines dimensions de l' existence". Or, si étudier une culture comporte d'examiner les processus de négociation de ces références, une telle observation invite aussi à jeter un regard sur certains éléments de la constellation de signifiants mobilisée par le groupe d' acteurs concernés⁶⁷. (FONTAINE, 2011, p. 280).

Existe um ritmo adotado pelos sujeitos que buscam o trabalho, o artesanato e a peça. Muitos apenas frequentam os lugares onde o artesanato está, apenas para olhar, como expectadores de obras. Estes geralmente ficam no local, lancham e encontram amigos, parentes, pessoas conhecidas. Mas há a frequência de pessoas que vão por fidelidade ao local, por se identificarem com o que ali exposto, no caso, produtos artesanais, por se identificarem com o tipo de trabalho, o trabalho com o artesanato, por se sentirem bem no local pelas relações construídas nele.

O que se percebe na prática durante as pesquisas, corrobora com muitos depoimentos apresentados pelos artesãos situados nas regiões brasileiras, a existência legitimada por essas pessoas do encontro, de bem-estar desenvolvido, da construção de relações, a partir do artesanato. São constatações de muitas observações feitas na feira do Cerrado em Goiânia, campo de pesquisa em muitos momentos, que se tornou uma referência de investigação do trabalho com artesanato nessa cidade.

A feira é predominada pela exposição de artesãos trabalhadores. Muitos frequentam a feira quase rotineiramente, aos domingos, levando para casa suas encomendas. Outros apenas caminham, olham os produtos, conversam com amigos, lancham, levam seus cães para passear; enfim, existe uma quantidade de motivos bem diferenciados que levam muitas pessoas a estarem nesse espaço. Há o encontro de pessoas, de amizades, de conversas, de subjetividades, de sentidos, de ações, de profissionais e o encontrar ocorre em um espaço de trabalho artesanal.

Outros frequentadores que vão ao encontro desse artesanato, muitas vezes contemplam as peças, admiram, mas pelo preço dado pelo artesão muitas vezes não levam a peça, ou compram em outra banca que tem o preço menor. Alguns artesãos até abaixam seus preços, para que, a peça seja vendida, como mostra um

⁶⁷À intersecção do universo múltiplo entrecruza as suas pesquisas mobilizadas, influência os sentidos e usa atribuídos a certas dimensões da existência. Ou se estudar uma cultura comporta de encaminhar os processos os processos de negociação destas referencias, tal observação convoca assim uma lembrança sobre certos elementos da constelação significantes mobilizadas pelo grupo de atores concernentes. (Tradução da autora, 2014)

depoimento de um artista plástico que não expõe na feira do Cerrado, mas frequenta a Feira, pelo fato de sua esposa expor: “Uai o mercado é uma concorrência, você vê a feira do cerrado tem umas três bancas dessa aqui, então lida com a concorrência”. (MATILDE, 2012) O artesão trabalhador possui a percepção do mercado e tem que, administrar tanto a sua essência de artífice quanto a dinâmica do mercado no qual está inserido.

A observação nos revelou que, as pessoas vão à feira em busca de um ambiente cultural, musical, diferente de ambientes de outras feiras, pois nessa Feira do Cerrado, além da exposição de produtos artesanais, tem-se a produção de comidas, lanches, sucos, e momentos de artistas mostrarem seus trabalhos. Em várias situações, durante as observações sistemáticas na feira, houve apresentações musicais ou apresentações de grupos de teatros. Essas apresentações acontecem durante a feira, as pessoas inserem-se no contexto de venda e compra dos produtos artesanais, e ao mesmo tempo em um ambiente cultural. O conjunto proporciona o retorno a essa feira especificamente. Acredita-se que a identificação se desenvolve nesses momentos.

Portanto, essa dinâmica que a feira proporciona faz do artesanato, um trabalho diferenciado do trabalho com produção industrializada. A forma como todo o processo de produção e organização do artesanato se faz, é que o torna singular, alternativo e diferente ao industrial. A feira possui suas regras, horários de entrada e saída do artesão que nela trabalha organizações de lugares das bancas, limpeza das bancas e do local. Possui coordenadores os quais os orientam no trabalho interno. Esse controle é visto de forma positiva, segundo os próprios artesãos. Não atrapalha a autonomia que defendem possuir na produção do seu trabalho, mas organiza o ambiente em que estão como indica a narrativa da artesã ao conversar a respeito das normatizações da Feira do Cerrado: “Tem o horário determinado. A feira começa as 09h00minh porque tem os coordenadores, então começa às 9h e termina as 13h, eles são muito rígidos aqui”. Declara também que, mesmo sendo uma artesã com horários mais livres e autônoma, gosta de um ambiente bem organizado para trabalhar e não se incomoda com a rigidez dos procedimentos: “Não. Você pode ver a organização, tudo limpinho, eles não admitem que as pessoas joguem lixo, então observando, a feira é muito bem organizada”. (MATILDE, 2012)

O espaço da Feira do Cerrado revela-se como um encontro social que ocorre aos domingos, fruto de trajetos e reencontros no espaço de outros

constantemente, constituindo-se dessa forma, situações rotineiras e também de oportunidades imprevistas, de partilhas de momentos dos altos e baixos desenvolvidos, como nos indica Fontaine (2011) em suas reflexões sobre a cultura do trabalho de rua: “Le portrait reflète d’un quotidien fait de trajets et de rencontres dans l’espace de l’autre, tissé d’échanges routiniers et d’opportunités imprévues, dessiné au fil des cycles du temps, des moments partagés, des hauts et des bas traversés⁶⁸” (...) (p. 291).

As considerações já realizadas sobre a essência de um artesão com o fundamento no artífice medieval, a realidade do artesão brasileiro e da cidade de Goiânia, a compreensão da identidade em suas dimensões, serão retomadas a seguir com mais intensidade, com os diversos elementos trazidos pelas subjetividades dos artesãos em seus depoimentos, contribuindo para a análise do artesanato como um trabalho e as estratégias construídas pelos artesãos, no Brasil e especificamente em Goiânia, para conferir a essa forma de trabalho uma dimensão identitária profissional. Supõe-se que a análise até aqui efetivada compreende as condições teórico-metodológicas para a pesquisa empírica da identidade profissional do artesão no contexto brasileiro e local, temática central deste trabalho.

⁶⁸O retrato reflete o cotidiano feito de figuras e de reencontros no outro, assim muda mudanças rotineiras e de oportunidades imprevistas, desenhado ao fio do ciclo do tempo, de momentos partilhados, desde altos momentos e baixos transversos.

4. TRABALHADORES ARTESÃOS: RELAÇÕES DE TRABALHO COMO O LUGAR.

Neste capítulo a intenção principal é compreender de forma analítica, a partir de informações empíricas sobre artesãos brasileiros, como se dá, entre eles, a construção de formas de identificação social com o trabalho que realizam e seus aspectos correlatos as posições identitárias, relações de gênero que perpassam suas rotinas e criam socializações, negociações e formas identitárias desenvolvidas, o cotidiano laboral, a trajetória profissional e os vínculos; a formação para o trabalho. A análise retoma o instrumental teórico construído em capítulos precedentes na interpretação da identidade profissional, social e cultural.

A organização do trabalho em artesanato remete aos ofícios que, embora se diferenciem das profissões liberais, possuem pontos em comum: originam-se das corporações no período da Idade Média e no reconhecimento da dignidade e a qualidade de um estado juramentado socialmente legítimo. Falar de um ofício de um artesão como uma profissão conotava um voto ou juramento público solene, conforme já se comentou atrás.

As formas de se considerar o indivíduo em sua ocupação laboral remetem a um conjunto de diferenças socialmente “estruturantes e classificadoras que se reproduziram através dos séculos: cabeça/mãos, trabalhadores intelectuais/trabalhadores manuais, alto/baixo, nobre/vil, etc.” (DUBAR, 2005, p. 164). Ser artesão contemplava sua forma de ser na sociedade, desenvolver um ofício, já seria sua posição na vida, “por conseguinte, quando um artesão entrava no ofício, ele adquiria um estado particular, uma condição social e uma qualidade ontológica permanente que compartilhava com quem exercia o mesmo ofício e o distinguia dos membros das outras profissões” (p. 167). De forma geral, o ofício de um artesão requeria um compromisso público, e uma vez constituído, passava a existir definitivamente como corpo, confraria e comunidade, uma corporação, uma fraternidade espiritual juramentada.

Quando se aprendia um ofício se adquiria uma habilidade para que fosse exercida na fase adulta, mas o indivíduo envolvido nesse processo também adentrava numa comunidade moral com motivações intensas, como filhos espirituais de um santo patrono, o veneravam juntos no dia de sua festa. (DUBAR, 2005).

A ideia de ofício é bem vista entre os artesãos da cidade de Goiânia, onde se obsejou a Feira do Cerrado, como uma possível preocupação em se ter um espaço diferenciado na cidade, a partir do fazer artesanal dos trabalhadores que da Feira participam como expositores, sendo vetada a comercialização de produtos que sejam industrializados e que são vindos de processos associados à degradação ambiental e exploração de pessoas envolvidas na sua produção e também que não foram avaliados pelo Conselho de Avaliação de Produtos ou pela Comissão Gestora da Feira do Cerrado.

Especificamente na Feira do Cerrado criada na cidade de Goiânia como uma iniciativa para proporcionar a exposição e comércio de produtos de origem artesanal, tem-se a exposição de trabalhos de aproximadamente 60 expositores. Alguns objetivos dessa Feira em Goiânia são determinantes na construção da própria identidade dos artesãos, já que nesse local se encontram muitos artesãos que se organizam de forma regimental e vendem suas produções ao público. Seriam eles: resgatar, preservar e promover a divulgação da cultura dos povos do cerrado; promover a educação ambiental e incentivar a preservação do meio ambiente; propor lazer saudável e educativo para toda família goianiense.

A dedicação ao trabalho com o artesanato revelado pelos artesãos, nos questionários e entrevistas, inicia-se geralmente desde a infância, ou seja, alguns tiveram contato com o artesanato quando ainda eram crianças e outros artesãos se envolveram com o artesanato em períodos variados de tempo chegando a até mais de sessenta anos de contato e desenvolvimento da atividade.

Quando se pensa na identidade dos trabalhadores artesãos, inicialmente reconhece-se uma concepção do fazer, de produzir os seus produtos a partir de um ofício recebido. Este modo de se ver enquanto artesão nos remete a uma forma identitária “biográfica para o outro”, na qual os indivíduos estariam inseridos numa espécie de linhagem de gerações, culturalmente influenciados. O ofício dos artesãos possui esta representação: muito do que sabem produzir veio da observação, dos ensinamentos que seus antecessores lhes deram.

Nota-se que a identidade dos trabalhadores artesãos envolve características singulares, relativas ao trabalho que realizam, com traços de influências do mercado, das culturas regionais e até mesmo globais, do próprio ofício assumido, da convicção de ser uma vocação e outros. Todos esses elementos, representados por um conjunto de expressões e narrativas, compõem as identidades

social, profissional e cultural desses artesãos, reveladas em suas relações de trabalho, com o trabalho do artesanato.

4.1. CONSTRUÇÃO DE FORMAS IDENTITÁRIAS SIGNIFICATIVAS.

A partir dos depoimentos dos artesãos e artesãs retirados das respostas obtidas pelos questionários via e-mail e por meio de entrevistas com artesãos da cidade de Goiânia observou-se que o trabalho com o artesanato de maneira geral se mostra como um fazer que remeta à subjetividade, algo do próprio artesão, uma realização pessoal pelo fazer artesanato, quando perguntados sobre os motivos que os levaram a escolher o artesanato como trabalho. A forma identitária biográfica para si permite-nos perceber o si narrativo de cada artesão, ou seja, como cada um se sente enquanto artesão, como cada trabalhador fala de si próprio numa narrativa pessoal.

As respostas mais frequentes a partir dos elementos motivadores na escolha do trabalho com o artesanato (Quadro 2) giraram em torno da condição de escolha pelo trabalho em artesanato especialmente por gostar do que se faz, como se pode perceber em uma das falas: “Trabalhei muitos anos com confecção de roupas depois apaixonei pelo artesanato, o principal motivo é o amor ao que faço” (Questionário 4). Bem representada também ficou a escolha pelo artesanato como um dom, uma vocação: “Sempre tive vocação para isso, e minha família sempre trabalhou com artesanato” (Questionário 24). Outro elemento muito demonstrado pelas abordagens empíricas esteve no fato de se relacionar a prática do trabalho com a rentabilidade que ele produz. Pode-se perceber essa ideia nas seguintes respostas apresentadas:

Prazer, afinidade, fonte de renda. (Questionário 9).

O gosto pelo fazer com as próprias mãos, o prazer de pintar, a necessidade de produzir e vender algo para complementar a renda da família. (Questionário 7).

Aumento da renda. (Questionário 30).

O artesanato sempre foi muito forte em mim, tentei de tudo um pouco e não me satisfiz com nenhuma de minhas ocupações anteriores. Deixei o artesanato por várias vezes e tentei profissões conceituadas e não foi meu forte, aí depois que tive minha segunda filha, não quis trabalhar fora para poder cuidar dela e da minha primeira filha e

comecei a focar no artesanato como um objetivo único e de renda. Tive muito sucesso e hoje posso dizer que tenho um prazer enorme e felicidade de poder ganhar meu dinheiro honestamente e com artesanato algo que, para muitos nem é visto como profissão. (Questionário 37).

Nesse contexto compreende-se o artesanato como um trabalho em algumas motivações identitárias: fazer artesanato requer gostar do que faz; fazer artesanato requer uma espécie de vocação para este fazer; fazer artesanato é uma atividade que produz renda; fazer artesanato está inserido num contexto cultural e regional; fazer artesanato possui raízes familiares e o artesanato é um fazer que possibilita o amadurecimento emocional das pessoas. Há uma reconstrução das identidades desses indivíduos, especialmente quando encontram no trabalho com o artesanato um bem-estar a sua saúde mental e emocional. Formam-se enquanto trabalhador, enquanto indivíduo a partir do fazer com o artesanato. Esse fazer interfere na construção das identidades pessoais dessas pessoas. O quadro a seguir nos mostra as motivações para o trabalho com o artesanato e suas categorias.

QUADRO 2. MOTIVOS DE ESCOLHA PARA TRABALHAR COM ARTESANATO. BRASIL.

ELEMENTOS MOTIVADORES NA ESCOLHA DO TRABALHO COM O ARTESANATO.	FREQUÊNCIA ⁶⁹
GOSTO EM FAZER ARTESANATO	17
RECONHECIMENTO E REALIZAÇÃO NO TRABALHO COM ARTESANATO.	02
FALTA DE OPORTUNIDADE EM OUTRAS ATIVIDADES LABORAIS.	02
HABILIDADE NATURAL E IDENTIFICAÇÃO EM TRABALHAR COM O ARTESANATO POR HOBBY	08
NECESSIDADE DE UMA ATIVIDADE LABORAL QUE PROPORCIONASSE MAIOR DISTRAÇÃO EMOCIONAL E TECNICAMENTE POSSÍVEL.	06
ATIVIDADE LABORAL RENTÁVEL.	04
CONDIÇÃO REGIONAL COMO POSSIBILIDADE EM DESENVOLVER ALGUM TIPO DE ARTESANATO.	08
HERANÇA DE FAMÍLIA	03
ATIVIDADE LABORAL QUE POSSIBILITA FICAR PRÓXIMA DA FAMÍLIA.	01
TOTAL	54

Fonte: Survey com base em formulário on-line. Construído pela autora. 2014.

⁶⁹Em alguns casos, as respostas identificam mais de um elemento motivador.

Cada categorização proveio de narrativas construídas com elementos pessoalmente identificados, selecionados e legitimados. Nesse sentido, há uma identificação total dos artesãos com os trabalhos que fazem com os seus artesanatos, de noventa e dois por cento (92%), segundo informações dos questionários. Isso demonstra, em conjunto com as categorias atrás mensuradas, que existe uma interioridade diferenciada em cada artesão, que o motiva e traz sentido para realizar sua obra.

Os artesãos trabalham com uma variedade de materiais para a composição da sua produção artesanal determinada. Perguntamos sobre as motivações que os (as) levaram a trabalhar com determinados tipos de artesanato. O resultado com maior representatividade foram expressões dos artesãos demonstrando em sua maioria aspectos subjetivos e internos a partir do gosto individual em trabalhar com determinados materiais na produção dos seus artesanatos, através, de afinidade pessoal com o material, por gostar do próprio material, por ser um material que mais chamou a sua atenção, pelo encantamento com as cores que o material apresentava, por possuir uma vocação natural em produzir o artesanato. Tivemos também muitas falas dos artesãos voltadas para a ideia da produção artesanal como um dom. Algumas delas trazem essa subjetividade dos artesãos:

O gosto pelo tipo de desenho (mandala) aliado ao gosto pela pintura (Questionário 7).

Faço tudo aqui que gosto e que aprendi (Questionário 12).

Gosto de trabalhar com madeira MDF. (Questionário 17).

Nada em especial! Apenas gosto e tenho aptidão. (Questionário 35).

O direcionamento pelo tipo de artesanato se deu também por outros aspectos objetivos e externos, como pela facilidade de produção no que diz respeito às condições que o próprio material possuía ao tratá-lo, pelo incentivo que membros de suas famílias ofereciam, orientando-os na preferência do material, por motivos financeiros, pelo fato de muitos artesãos desenvolverem o artesanato por necessidade de trabalhar mesmo e ter algum rendimento; pela variedade de cores que expressava o próprio material, até pela facilidade em encontrar o material.

Outros escolheram trabalhar com os materiais pelos aprendizados que receberam com familiares, uma espécie de ofício repassado a gerações, o que

podemos qualificar como uma identidade de ofício, a escolha para alguns artesãos se deu também por ser um tipo de material que desenvolve uma atividade ocupacional especialmente para a mente, trazendo distração e relaxamento, muitos começaram com certos materiais, motivados inicialmente por pesquisas feitas em internet, revistas, outras por lojas, por crença na ideologia ambiental e desejo de criar novos produtos voltados para a concepção de uma produção artesanal sustentável, alguns tiveram como elementos propulsores para a escolha do seu material a sua formação profissional já obtida anteriormente e as influências regionais, pelo fato de observar que, na própria região onde vivia seu cotidiano, estavam presente traços marcantes que poderiam ser mantidos e expressos por meio do artesanato. O quadro abaixo nos demonstra estes aspectos ora apresentados:

QUADRO 3: ELEMENTOS MOTIVADORES NA ESCOLHA DO MATERIAL.

ELEMENTOS MOTIVADORES NA ESCOLHA DO MATERIAL	FREQUÊNCIA ⁷⁰
MATERIAL FÁCIL DE MANUSEAR	4
AFINIDADE E HABILIDADE PESSOAL COM O MATERIAL	7
ENCANTO PESSOAL COM O MATERIAL	3
VARIEDADE DE CORES DO MATERIAL	1
APOIO FAMILIAR	1
MOTIVOS FINANCEIROS	2
VOCAÇÃO NATURAL	3
GOSTO PRÓPRIO	14
MATERIAL CHAMATIVO	3
IDENTIDADE DE OFÍCIO	1
APRENDIZADO FAMILIAR	1
MATERIAL RELAXANTE	2
CONSCIÊNCIA AMBIENTAL	2
FORMAÇÃO PROFISSIONAL ESPECÍFICA	1
APRENDIZADO FAMILIAR	1
DESEJO DE CRIAÇÃO DO NOVO	3
INFLUÊNCIAS REGIONAIS	3
MATERIAL LUCRATIVO	3
TOTAL	58

Fonte: Survey com base em formulário on-line. Construído pela autora. 2014.

Os trabalhadores artesãos podem ser vistos também na forma identitária relacional para os outros, ao se pensar em suas inserções cada vez mais frequentes

⁷⁰Em alguns casos, as respostas identificam mais de um elemento motivador.

por conta do mercado, nas instituições que oferecem algum incentivo ao seu trabalho. Esta forma estatutária da identidade possibilita que os artesãos desenvolvam seu eu socializado com outros eus socializados, de forma que sua identidade nesse aspecto se forme por elementos institucionalizados.

As feiras organizadas para exporem seus produtos acabam construindo laços institucionalizados entres esses artesãos, os organizadores, fornecedores, e entre os clientes, os quais passam a frequentar com alguma assiduidade esses locais, podendo até criar a fidelização aos artesãos de sua escolha. Há a construção de relacionamentos institucionalizados entre os artesãos com outros profissionais, pela necessidade de cada produto e de cada artesão. Os depoimentos de alguns artesãos demonstraram esta ideia, ao serem indagados sobre a forma de aquisição dos materiais utilizados para a produção dos seus artesanatos, predominante a aquisição dos materiais que utilizam para produção de seus artesanatos em lojas especializadas e pela internet, variando de acordo com o artesanato específico, como revelam as falas:

Em lojas especializadas de artesanato (tintas, pincéis, etc), ferragens e lojas que vendem as chapas de MDF. (Questionário n.5)

Compro nas lojas especializadas da minha cidade e quando não encontro por aqui, compro pela internet. (Questionário n.6)

Comprando em casas especializadas. (Questionário n.8)

Em lojas especializadas, e em sites internacionais. (Questionário n.8)

Compro sempre no atacado. Em lojas especializadas, pessoalmente ou via Internet. (Questionário n.12)

Outras formas de aquisição do material se dão por condições de compras em geral: de fornecedores, atacadistas, distribuidores e da fábrica diretamente, adquire-se o material em sucatas, por meio de criação própria, compras, armarinhos, alguns compram material específico, ou seja, muitos conseguem os materiais buscando-os pela compra sob variadas formas. Outros artesãos já aproveitam para ter os seus materiais sem a condição da compra, mas por circunstâncias naturais de aquisição material, onde o material será reaproveitado de alguma forma, assim, retiram da própria natureza galhos de árvores, folhas secas, flores secas, frutos secos, de restos de outras produções, como aqueles em marcenarias, de reciclagens,

materiais os quais foram reciclados e são aproveitados para serem finalizados em outras produções ou resíduos encontrados. A concepção da aquisição dos materiais pelos artesãos se dá, portanto, pela compra e pela espontaneidade em encontrar o material em algum lugar específico ou aleatório e fazer desse material uma nova produção, conforme sua criatividade, ou necessidade de alguma encomenda.

Ao entrevistar alguns trabalhadores na feira do Cerrado na cidade de Goiânia encontrou-se muito a preocupação de alguns artesãos na forma de aquisição do material, com a questão ambiental e desenvolvimento sustentável. Existe entre esses trabalhadores, o si reflexivo, que provém da consciência reflexiva à sua volta, em seu meio, o qual está inserido. Nos depoimentos de alguns se percebe que os artesãos retiram da própria natureza os seus materiais de trabalho, porém, fazem questão de frisar que, os materiais já são considerados restos, ou que já estão inúteis, que já apodreceram e que, portanto, não servem mais. Há uma reflexão sobre o meio social em que vivem:

Adquiro na natureza, no reaproveitamento de material de outros profissionais quem lidam com madeira. (Questionário n.4)

(...) Eu não tiro madeira do mato, eu tiro ela já destruída, muitas vezes o pessoal fala, “vinha com a carga de madeira e prendeu a madeira, está multando madeireiro” não é aquilo que tinha que começar tinha que começar lá na floresta, proibir quem está fazendo os cortes, quem está passando pra frente. Quando ela chega aqui já está a caminho de virar pó e apodrecer. Porque não adianta. (ANTÔNIO, 2010).

Eu não preocupo com a natureza, porque eu trabalho com madeira que está tombada no mínimo 30 anos, porque ela tem que estar no sol, na chuva, para poder dá esse aspecto de erosão, então precisa da madeira estar muitos anos tombada. Eu comecei a trabalhar seis anos pra cá e não vou derrubar uma para trabalhar com ela daqui 30 anos, então eu tenho que trabalhar com a madeira que já existe que foi tombada e estar jogada fora. (JOÃO, 2010).

Sim. Até como eu estava te falando eu procuro realmente está atenta a materiais, que não são materiais a princípios são descartes, mas que eu posso utilizar no trabalho... Não pode nem mais considerar essa questão ser independente do que você faça se é artesanato, projeto em engenharia cada vez mais vai uma questão fundamental. (MORGANA, 2010).

A forma identitária relacional para si é bem expressa nas narrativas do quadro seguinte, pois, revelam o eu do artesão sendo constantemente construídos em socialização com outros eus-outros, produzindo a sua própria conduta e consciência.

Ao desenvolver relações de trabalho para a aquisição dos seus materiais, os artesãos contrõem suas preferências e seus significados para o trabalho na perspectiva dos outros. Vejamos:

QUADRO 4: FORMAS DE AQUISIÇÃO DO MATERIAL.

FORMAS DE AQUISIÇÃO DO MATERIAL.	FREQUÊNCIA ⁷¹
COMPRAS	3
RECICLAGEM	5
RESÍDUOS	1
LOJAS ESPECIALIZADAS	13
INTERNET	12
NATUREZA	1
RESTOS DA NATUREZA	1
FORNECEDOR	5
ATACADISTA	1
DISTRIBUIDORES	1
DIRETO DA FÁBRICA	1
COMPRA DE MATERIAL	2
ESPECÍFICO PARA O	
ARTESANATO	
SUCATA	1
ARMARINHOS	3
CRIAÇÃO PRÓPRIA,	1
MENTAL	
ENCOMENDA	1
RESTOS DE	4
PRODUÇÕES	
RETIRA DA PRÓPRIA	4
REGIÃO	
TOTAL	60

Fonte: Survey com base em formulário on-line. Construído pela autora. 2014.

Nas relações de trabalho do artesão brasileiro encontram-se outros elementos relacionados à atividade laboral em questão. A partir dos questionários via e-mail pode se perceber uma consciência ecológica e coletiva de modo geral com o artesanato determinado, já que 55% dos artesãos e artesãs relacionam suas atividades com alguma questão social, principalmente aspectos relacionados à defesa e manutenção do meio ambiente, conforme ilustram os seguintes depoimentos:

Faço sacolas ecológicas, portanto minha produção respeita o meio ambiente. (Questionário n.3)

Bem, comecei a fazer pesquisas com reciclagem, justamente para poder trabalhar com a arte um pouco diferenciada, principalmente

⁷¹Em alguns casos, as respostas identificam mais de um elemento motivador.

levando a construção do tridimensional e isso vem até hoje, pois nesse meio tempo fiz cursos de horta, jardinagem, agenda 21, alfabetização ecológica para poder montar um projeto com a comunidade escolar....e agora estou fazendo mestrado em ed. ambiental para poder chegar com a educação de maneira diferenciada com as crianças e fazer com que elas cheguem aos pais, transformando-os se necessário. (Questionário n.13)

Pois, são produtos economicamente viáveis, socialmente justos e ambientalmente corretos. (Questionário n.14)

Passo adiante meus conhecimentos de artesanato com reciclagem. (Questionário n.32)

Outro aspecto valorizado como motivador pelos artesãos girou em torno da questão regional, como se percebe nas seguintes falas:

Por minha região ter uma cultura muito forte de artesanato, e minha condição de saúde hoje. (Questionário n.17)

No Rio Grande do Sul faz muito frio, e toda a moda dos grandes magazines do resto do Brasil, se adaptam e criam suas coleções para satisfazer ao Sudeste do País. (Questionário n.22)

Também ficou bem exposta a influência na produção do artesanato relacionada a questões de saúde, de religião, associativismo e cooperativismo:

Quem trabalha com artesanato não precisa de divã de psicanalista (terapia ocupacional) e, na saúde pública, adotando práticas sanitárias seguras, ainda ajuda a promover a qualidade sanitária dos produtos artesanais. (Questionário n.27)

Como sou cristã procuro fazer um trabalho sempre voltado para a minha comunidade religiosa. (Questionário n.11)

Com o associativismo quando trabalhamos em parcerias para desenvolver ações nos momentos que trabalhamos na semana do folclore. (Questionário n.33)

Cooperativismo, pois, eu compro a matéria prima de outro artesão e faço o meu trabalho em cima das peças desenhada por mim, ou seja, eu faço o desenho dos jarros ,entrego a um amigo oleiro, ele faz os jarros que desenhei eu faço o meu trabalho de pintura ,e vendo! (Questionário n.38)

O artesão, em sua produção, desenvolve identidades variadas quanto às questões externas às suas subjetividades, considerando as falas abaixo descritas. A forma identitária biográfica para os outros é uma forma de identidade entre esses

trabalhadores e pode ser compreendida a partir das ideias vindas dos artesãos que responderam ao questionário e também bem expressa nas entrevistas presenciais, quando questionados se possuíam alguma inspiração⁷² relacionada ao seu trabalho com o artesanato. Os informantes demonstraram as influências do meio exterior absorvidas pelo seu ser em seu trabalho com o artesanato, a partir de vários elementos, mostrados no quadro a seguir:

**QUADRO 5 . ELEMENTOS SOCIAIS DE INFLUÊNCIA NA ATIVIDADE DO
ARTESANATO.**

ELEMENTOS SOCIAIS DE INFLUÊNCIA NA ATIVIDADE DO ARTESANATO.	FREQUÊNCIA ⁷³
QUESTÃO REGIONAL E LOCAL.	14
QUESTÃO AMBIENTAL.	16
QUESTÃO DE SAÚDE E RELIGIOSA.	10
QUESTÃO RELACIONADA AO ASSOCIATIVISMO.	12
QUESTÃO RELACIONADA AO SOCIAL.	3
QUESTÃO FINANCEIRA.	1
TOTAL	55

Fonte: Survey com base em formulário on-line. Construído pela autora. 2014.

Alguns elementos inspiradores foram bem caracterizados por remeterem a inclinações pessoais, referentes ao subjetivo, à dimensão interna ao artesão trabalhador. Muitos artesãos foram influenciados pelo gosto que já possuíam da natureza e dessa forma produziram peças que de alguma maneira representariam a simbologia da natureza, seja pelas suas formas, pelas suas crenças, pelas mitologias, pelas fantasias, pelas histórias e estórias. Outros tiveram como influência a realização e satisfação pessoal e a satisfação emocional, por quererem realizar o seu artesanato sempre motivado em terminá-lo obtendo um resultado bem feito de fato e, além disso, por verificarem que o trabalho realizado com o artesanato estava promovendo tranquilidade emocional e pela propósito em ser um tipo de trabalho em que o

⁷²Entende-se para essa tese inspiração como forma de dar sentido ao fazer artesanal. Aquilo que o impulsionou a produzir aquela peça, como indicado em conversas pelos próprios artesãos entrevistados.

⁷³Em alguns casos, as respostas identificam mais de um elemento motivador.

trabalhador é livre para sua criação, para seus horários, ideia representada por uma artesã:

A produção foi o que eu decidi fazer, quando você tem um emprego, um vínculo empregatício com todas as obrigações você às vezes se sujeita as coisas que você não acredita, mas que é a política da escola, direção. Mas que você que não é um caminho que você acredita ser o certo. Mas, você tem que submeter a estrutura de onde você está. O artesanato não! Você é livre! (ANA, 2014)

A influência de algum membro da família e da escola esteve nas falas dos artesãos como pontos de ligação ao trabalho com o artesanato, como pode-se ver nesta fala:

Lá atrás quando eu era jovem, criança eu fazia isso que eu aprendi com a minha mãe. Aí depois com o decorrer do tempo, com os anos eu parei nunca mais eu fiz, eu fui trabalhar em outras coisas, e agora com a terceira idade eu voltei e peguei o que eu sabia de antigamente bordado a mão. Então tudo eu já sabia lá atrás. E continua... Por influência da minha mãe, por influência da escola que eu estudei, eu estudei na escola técnica. Então eu aprendi bastante coisas em trabalhos manuais. Então foi bem lá atrás quando eu era bem jovem, bem adolescente. Aí com o decorrer da vida eu nunca mais eu fiz, eu fui trabalhar em outras coisas. Fui ser cinegrafista, fui trabalhar com outras coisas, agora com a terceira idade eu voltei a fazer aquilo que eu fazia antigamente. (MARIA, 2014)

Outra dimensão de influência motivadora ao artesanato está voltada para a cultura regional e cultura religiosa, pois, muitos artesãos produziram suas peças com olhares específicos em traços que marcavam a região e as principais orientações religiosas da mesma. Outra grande influência foi trazida por leituras, em observações feitas em revistas e também pela internet. A motivação econômica também foi apontada, onde, muitos artesãos dependendo de sua rotina de vida, necessitaram procurar algum trabalho e descobriram no fazer artesanato uma fonte de renda. O quadro seis nos mostra os elementos que categorizamos para apontar as inspirações dos artesãos:

QUADRO 6. ELEMENTOS DE INSPIRAÇÃO NA PRODUÇÃO DO ARTESANATO.

ELEMENTOS DE INSPIRAÇÃO NA PRODUÇÃO DO ARTESANATO.	FREQUÊNCIA ⁷⁴
NATUREZA.	4

⁷⁴A frequência revela a quantidade de pessoas que responderam às questões colocadas no questionário via e-mail enviado a artesãos de várias localidades brasileiras. Ressalta-se que, em alguns casos, em uma resposta pode-se encontrar mais de um elemento motivador.

MITOLOGIA, ESTÓRIAS REGIONAIS, CULTURA REGIONAL E LOCAL.	11
LIVROS, REVISTAS, INTERNET.	7
SATISFAÇÃO PESSOAL, EMOCIONAL E FINANCEIRA.	8
NECESSIDADE DE ENSINAR.	1
AMIGOS.	2
PESQUISA.	2
CURIOSIDADE NATA.	1
PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.	2
OBSERVAÇÃO COTIDIANA DOS FATOS.	1
FAMÍLIA.	3
TOTAL	42

Fonte: Survey com base em formulário on-line. Construído pela autora. 2014.

Muitos também foram influenciados pela lógica da perpetuação de ensinamento e por influência de amigos que já trabalhavam com o material, ou seja, uma motivação bem condicionada ao meio social.

Algumas influências que mais predominaram foram ligadas à dimensão cultural, como a mitologia, as estórias regionais. Podemos observar nas falas a seguir nesse contexto:

A mitologia e a cultura regional. (Questionário n.4)

Gosto muito de histórias de fantasia, fadas, natureza, e gosto de incorporar esses elementos nas minhas peças. (Questionário n.8)

Casas reais e imaginárias. (Questionário n.25)

Cultura local e regional, pessoas, arte antigas que tenha relação com a colonização da cidade. (Questionário).

Acredito que sim, o fato de querer divulgar a cultura goiana nas obras de cerâmicas já é um indicador de inspiração ao produzir a cerâmica. (Questionário n.33)

Faz-me feliz e me ajuda financeiramente. (Questionário n.12)

Sim, para mim é um prazer, minha inspiração é que me sinto viva, aí me sinto bem e faço artesanato. (Questionário n.17)

Leio muito, pesquiso em livros e revistas especializados de todas as nacionalidades, revistas na área de decoração, material relacionado às artes plásticas, na internet, etc. Geralmente não copio o que encontro. (Questionário n.10)

Sim, procuro sempre estar pesquisando para poder sentir a sensação de paixão pelo objeto, se não sentir isso não consigo criar. (Questionário n.13)

A minha inspiração vem das pesquisas que faço na Internet, livros especializados (importados), novos materiais. (Questionário n.19)

Uma narrativa em especial chamou a atenção, quando um artesão relatou ser incentivado em produzir peças religiosas, pois se verifica que de fato as pessoas compram mais esse tipo de imagem, pelo menos na cidade de Goiânia. O artesão declarou que fabrica a escultura de São Francisco, pois as pessoas realmente compram esse santo; outros tipos de imagens de santos ele só faz se for por encomenda. (PAULO, 2012). A compra desse santo é um pedido dos clientes, porém, o incentivo para este artesão realizar seu artesanato tem sentido econômico, pelo fato de vender mais esta peça especificamente. O artesão nesse caso se guia, portanto, pelo aspecto econômico, revelado em sua ação.

As formas sociais externas aos artesãos contribuem para a construção das suas identidades. Pelos questionários verificamos que os trabalhadores artesãos possuíam aproximações com esse trabalho a partir de suas experiências com elementos diversificados, como se verifica em depoimentos abaixo e no quadro sete:

Na família, com minha avó. (Questionário n.1.)

Comecei trabalhar com costura as 12 anos com minha mãe por curiosidade veio a prática depois a teoria. Depois descobri que podia fazer qualquer coisa sem ser roupas femininas, me veio a ideia de fazer artesanato. (Questionário n.3)

Através de revistas e internet. (Questionário n.2)

Através de revistas e meu pai que trabalhava com marcenaria e sempre foi muito habilidoso. Isso me despertou a trabalhar com artesanato. (Questionário n.5)

Sou autodidata, comecei aos 12 anos pintando camisetas para mim e para os amigos. Quando gosto de uma determinada técnica, busco conhecer e, se for acessível, tento usá-la nos meus trabalhos. (Questionário n.6)

Autodidata desde a adolescência, comprando revistas e vendo vídeos. Com patch busquei cursos de qualificação. (Questionário n.21)

Sim. Minha avó materna pintava tela e porcelana. Minha avó paterna crocheta e tricota. Minha mãe costurava. Em todas estas técnicas, o que me chamava a atenção era a cor e a textura dos

materiais. Até hoje meus trabalhos são projetados com a diversidade da paleta de cores e com a combinação entre elas. Tem que ser harmonioso, a meu ver. (Questionário n.40)

A atividade artesanal convive com uma forma identitária motivada pelos outros em suas subjetividades. A identidade desses trabalhadores é construída pela participação de outras dimensões da vida de cada artesão. A família é bem predominante como uma das formas a qual muitos artesãos se interessaram pelo artesanato, como demonstrou uma artesã de Goiânia: “Desde criança que eu tinha nove anos minha avó me ensinou, desde os nove anos que eu faço primeiro pelo prazer de fazer e depois passei a fazer pra vender”. (NILVA, 2012)

O incentivo que a família desenvolveu em seus fazeres artesanais, é bem revelado por muitos artesãos, ilustrando a forma tradicional de desenvolvimento do artesanato, passando de geração a geração. Um artesão contou-nos que sua influência para a produção de peças com o artesanato nasceu com a observação do trabalho que seu pai desenvolvia: “Isso é coisa que vai despertando na mente da gente, porque o meu pai fazia carro de boi essas coisas, mexia com engenho e ninguém nunca ensinou ele, então fico pensando que parece uma coisa que está na pessoa, aquele dom”. (ANTÔNIO, 2012) Bem expresso também nas categorias apresentadas no quadro sete, onde a família fica predominante.

QUADRO 7. ARTESANATO E OS PONTOS DE APROXIMAÇÃO DO INDIVÍDUO COM O ARTESANATO.

ELEMENTOS APROXIMAÇÃO DO INDIVÍDUO COM O ARTESANATO.	FUNDAMENTAIS PARA O	FREQUÊNCIA ⁷⁵
FAMÍLIA		19
REVISTAS, INTERNET.		7
AUTODIDATA LABORAL.		6
ARTESANATO PEDAGÓGICO.		2
TENDÊNCIAS DO MERCADO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO.		3
AMIZADES E SOCIEDADE CIVIL.		4
CULTURA REGIONAL.		2
NECESSIDADE FINANCEIRA.		1
TOTAL		44

Fonte: Survey com base em formulário on-line. Construído pela autora. 2014.

⁷⁵Em alguns casos, as respostas identificam mais de um elemento motivador.

A questão cultural é bem presente na construção do artesanato brasileiro, quando se observa elementos culturais presentes nas obras produzidas. A arte popular (envolvendo o artesanato regional e as festas culturais), os estilos musicais da região, a alimentação e as artes visuais (pintura e escultura) estão como pontos mais representativos nas peças produzidos por esses artesãos. Assim, tem-se o carnaval, as artes cênicas (teatro) e a atividade regional da agropecuária como traços culturais presentes na produção dos artesãos entrevistados em Goiás.

Observa-se que, mesmo admitindo a influência de motivações tradicionais para iniciar suas atividades, há características modernas que intervêm nesse processo também, como o uso da internet, e a constituição de redes e comunidades virtuais. Nesse ponto é relevante pensar numa condição moderna de existência dos indivíduos no mundo e que as pessoas que se interessam pelo artesanato como consumidores e aquelas que produzem o artesanato, como trabalhadores, estão inseridos nessa condição também. Hall e Giddens discutem essa ideia do sujeito moderno e pós-moderno no mundo e nos permitem compreender que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente (HALL, 2006). O artesão que pesquisamos está, a todo o momento preocupado com as exigências do mercado, com as demandas do estilo de vida moderno e ao mesmo tempo em oferecer um produto que seja artesanal por essência.

Uma artesã que trabalha e reside em Ceres-Goiás revela que pratica hoje o artesanato por influência da irmã e da mãe que são ourives; ambas já trabalhavam com a produção artesanal:

Desde criança eu mexi com o artesanato, sempre fiz bijuteria eu e a minha outra irmã. A gente sempre fez pra vender em feirinha da cidade, porque minha mãe faz joia e ela sempre ensinou a gente fazer essas coisas. A gente sempre gostou. A gente gosta desde criança mesmo. (ISADORA, 2012)

A escola foi identificada como um ponto de aproximação das pessoas com o artesanato. Nesse caso, ele é desenvolvido como forma pedagógica, porém, também como forma de trabalho, por aquele que oferece esse artesanato como instrumento para a educação. O chamado artesanato pedagógico é conhecido por professores e alunos, em casos, como encontrado nas pesquisas, de alunos que necessitam de desenvolvimentos mentais e físicos, tidos como especiais.

O que se constatou na pesquisa é que, a ideia de ensinar alunos especiais está ligada a práticas artesanais tais como, a arte, a pintura, o bordado, o crochê, o trabalho com tecidos, com madeira, com materiais para reciclagem, dentre outros elementos. Entretanto, o artesanato é relacionado ao desenvolvimento de capacidades e habilidades humanas, que requerem criatividade, liberdade de criação, preferência por cores, preferência por materiais, por formas. Durante as entrevistas realizadas com professoras da APAE que desenvolvem trabalhos artesanais com alunos especiais, foi relatado que, os mesmos ao produzirem os trabalhos artesanais criam no decorrer destes trabalhos, comportamentos que demonstram autonomia em pensá-los e em fazê-los.

As relações construídas junto ao trabalho com o artesanato proporcionam mudanças nas estruturas emocionais dos trabalhadores artesãos brasileiros, ao possibilitar felicidade laboral pelo fato de proporcionar maior autonomia, autoestima e relacionamentos novos além de relativa, independência econômica:

Sou muito mais feliz sem chefe rsrs. O simples fato de ser livre mesmo trabalhando muito mais. (Questionário n.3)

Sim. Trouxe-me uma fonte de renda através de uma atividade que me é prazerosa, permite que eu tenha independência e administre eu mesma o negócio. Gosto de trabalhar sozinha, não ter que seguir horários, dar o meu toque pessoal, etc. Com isso tornei-me mais segura. (Questionário n.8)

Sim. A vontade de crescer, criar novas oportunidades e minha visão comercial. (Questionário n.9)

Sim. O crochê se assemelha a um processo de associação livre de ideias, semelhante ao processo de meditação. Serve para "arrumar as ideias" e para "limpar a mente", vamos dizer. (Questionário n.10)

Adquiro mais experiência. (Questionário n.18)

Sim, me tornei uma pessoa mais exigente com as coisas que faço, pois sempre fui muito cobrada para atingir o nível que tenho hoje. (Questionário n.5)

Acredito demais. Mudou significativamente para melhor, tanto eu como pessoa, como professora, como cidadã. (Questionário n.13)

Com certeza. Sinto-me estimulada, mais criativa quando entrego um produto feito por mim. Muita autoconfiança e determinação, além do prazer na confecção de cada peça. Também percebo que a minha filha de apenas 3 anos esta cada vez mais ligada a essa prática, sempre junto, querendo ver, experimentar e até se arriscar. (Questionário n.21)

Sim, houve uma libertação da relação patrão/empregado, e dos horários sufocantes que precisa cumprir dentro de um trabalho padrão. (Questionário n.28)

A partir do momento que resolvi me dedicar às mandalas conheci muitas pessoas que também trabalham com o mesmo tema e com outros tipos de artesanato através da rede social orkut e depois no Facebook, tanto que em 2009, eu e mais 7 outras "mandaleiras" de diferentes cidades nos reunimos e organizamos a 1ª Exposição Mandaleiras do Universo em São Paulo-SP. Foi um sucesso!!! A amizade perdura até hoje! (Questionário n.6)

Sim, pois passei a conhecer pessoas novas, lugares diferentes e buscar informações sobre novas técnicas. Mudou meu olhar, por exemplo: quando vou a uma cidade procuro o artesanato do local, como é feito etc. (Questionário n.15)

É perceptível a relação construída pelo artesão com outras dimensões em seu próprio ser. O trabalho com o artesanato produz em sua dinâmica elementos de interdependência entre o artesão profissional e o artesão social. O trabalho em artesanato torna-se instrumento de inserção social expressa em várias modalidades, como se pode se refletir em suas respostas aos questionários. A inserção social acontece principalmente com a criação de novos relacionamentos: o artesanato proporcionou para o artesão a sua inserção social na produção de novas amizades, em meios culturais e profissionais diferenciados daqueles que já participava. Possibilitou também melhores interações com o aprimoramento da sua comunicação com os outros e com o meio acadêmico e produção de um estado de liberdade, de autonomia do ser frente à sociedade. Esse contexto pode ser percebido nas seguintes falas:

Acredito que me ajuda a fazer mais amigos, conhecer novas pessoas. (Questionário n.1)

Sim, pois com este trabalho participo de vários eventos e sou muito solicitado a participar de projetos e ideias de outras pessoas. (Questionário n. 4)

Sim, através do meu trabalho com artesanato tenho conhecido muitas pessoas, seja pela internet nas vendas através da loja virtual, como também nas feiras e bazares que participo. Isso pra mim é uma parte gratificante do meu trabalho, pois adoro conhecer pessoas novas! (Questionário n.6)

O artesanato desenvolveu também a comunicação social no artesanato e proporcionou o desenvolvimento acadêmico e social. O artesanato possibilitou nestes artesãos o desenvolvimento de elementos (categorias) que expressam a relação entre o profissional e o social, pela criação de relacionamentos novos, pela troca de ideias, valores, emoções, sentimentos, experiências de vida entre os novos conhecidos, presencialmente ou virtualmente e pela participação em novas atividades profissionais e culturais. Outro elemento encontrado foi a formação de clientes e de empregos proporcionada pelo trabalho com o artesanato trabalho a partir da venda dos produtos. O quadro oito reflete esse contexto:

QUADRO 8. ELEMENTOS DE INSERÇÃO SOCIAL.

ELEMENTOS DE INSERÇÃO SOCIAL.	FREQUÊNCIA ⁷⁶ .
PRODUÇÃO DE REDES SOCIAIS, REDES CULTURAIS E REDES PROFISSIONAIS.	25
DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL, DO ASPECTO ACADÊMICO E SOCIAL.	8
TOTAL	33

Fonte: Survey com base em formulário on-line. Construído pela autora. 2014.

Numa outra dimensão encontra-se uma realidade de preconceito quanto ao trabalho com o artesanato, de acordo com muitos artesãos brasileiros e da cidade de Goiânia. Ao serem indagados se o trabalho com o artesanato traz algum preconceito vindo da sociedade, registrou-se predominantemente que, a sociedade não é preconceituosa quanto a este tipo de trabalho, porém muitos artesãos declararam que as pessoas consideram o artesanato com ressalvas, conforme ilustram as seguintes declarações, ao responderem se existia preconceito por parte da sociedade:

Sim. Desmerecimento da profissão por não ser algo formal ou empresa constituída. (Questionário 3)

As pessoas ainda olham o artesanato como uma atividade menor na sociedade, nas feiras e bazares que frequento percebo claramente a mudança de expressão da maioria das pessoas quando notam que os produtos que faço tem como matéria prima objetos descartáveis, como o cd e mais recentemente o vinil. As pessoas questionam o preço, pechinham exageradamente, pois não tem a noção do valor do

⁷⁶. A frequência revela a quantidade de pessoas que responderam às questões colocadas no questionário via email enviado a artesãos de várias localidades brasileiras. Ressalta-se que, em alguns casos, em uma resposta pode-se encontrar mais de um elemento motivador.

trabalho que dá cada peça, desde a criação até à venda. (Questionário 7)

Creio que as pessoas não devem levar muito a sério o fato de eu trabalhar em casa, fazendo um trabalho artesanal e vendendo pela internet. Não encaram isso como um "trabalho de verdade", e sim como uma espécie de hobbie. Meu pai, por exemplo, não aceita que eu viva desta atividade. (Questionário 9)

O ato criativo com o crochê na maioria das vezes não é considerado um trabalho que envolva arte, senso estético, etc. É geralmente considerado algo menor do que um trabalho de cerâmica, uma pintura, etc. Mas pode-se fazer uma escultura com um fio, uma gravura.. Depende do ponto de vista. Além disto, o crochê nunca é feito por uma máquina, como o trico. Ele é sempre feito inteiro à mão, ponto a ponto. (Questionário 11)

Sim. Como meu trabalho eu faço em casa, muitas pessoas acham que eu fico em casa o dia todo sem fazer nada. (Questionário 21)

Sim, pois as pessoas pensam que quem crocheta e tricota são as vovós e aposentadas. (Questionário 23)

Sim! Muitos não dão o devido valor ao artesanato e acham que é algo simples, que não exige muito trabalho e dedicação! Já aconteceu de eu dizer em cadastros que minha profissão era artesã e o funcionário assinalar "desocupado", por exemplo! (Questionário 35)

Ainda existe certo preconceito. Pessoas acreditam que as peças tem que ser baratas, pois quem vende tem necessidade do dinheiro e acreditam que são peças de baixa qualidade. (Questionário 42)

Sim, as pessoas discriminam. Acham que quem faz artesanato é vagabunda, sempre me perguntam quando eu vou arrumar um trabalho de "verdade". (Questionário 43)

Algumas pessoas ainda não vêem o artesanato como opção de vida e forma de contribuir no fortalecimento das relações interpessoal. Não vem como grande item transformador de situação social e como grande ajuda para pessoas que sofrem de depressão. (Questionário 4)

O desenvolvimento do artesanato desde suas formas iniciais passando pela sua inserção nas transformações sociais, e sua realização no século atual, possibilitou aos indivíduos que se ocupam nessa atividade a construção de suas identidades pessoais ligadas a elementos externos, ditos culturais e profissionais, permitindo-nos identificar nestes artesãos uma identidade profissional.

A construção dos processos identitários dos artesãos envolve a organização minuciosa da produção artesanal. Os artesãos se preocupam com os detalhes dessa organização e com cada etapa que dará na constituição final da sua

arte. Em narrativas de artesãos pode-se perceber a intimidade com que o artesão possui ao propor-se a fazer um produto, com ênfase na criação mental, sem ter um desenho antes, planejado e a referência ao artesanato como prática nascida de uma vocação natural, como um dom:

[O artesão fala como ele fez o trabalho] Tudo sozinho, eu trabalho sozinho. Isso é quando eu tenho que modular a obra, aí tem outra técnica que é sucata, metal que proporciona aquilo que eu quero fazer, por exemplo, ela proporciona aquilo que ela é aí eu vou interagir ela junto com a criatividade com outras peças da forma daquilo que eu quero fazer. Então tem duas, três maneiras uma obra. Por exemplo, no atelier você tem que ter todo o tipo de material, você não pode ter o dedo cheio de sujeira, graxa, ferrugem, hoje eu evito coisas enferrujadas não uso. Vai criando. (PEDRO, 2010)

Na verdade eu não consigo desenhar nada, eu já pego e já tenho alguma coisa na cabeça, então já tenho aquilo e vou montando e saí. (PAULO, 2012)

[A artesã fala da sua percepção sobre o artesanato] Eu acho que é a pessoa que nasce praticamente gostando de fazer aquilo. É um trabalho que você tem que se identificar se você não gostar de fazer não dá certo. Eu falo porque a Isa tem o dom, porque eu faço assim, se eu pegar pra fazer eu faço, agora ela é muito criativa. Então ela fica na parte dos moldes, ela faz. (ISADORA, 2012).

A técnica é sempre utilizada entre os artesãos para produzirem seus produtos. A partir da pesquisa de campo realizada em Goiânia e regiões brasileiras percebe-se que todos os artesãos de alguma forma possuem seus jeitos singulares de construir determinadas peças. Vejamos o caso desse artesão entrevistado que se utiliza da argila em suas fabricações, quando perguntado sobre como produz suas peças e como era o processo de produção quanto à participação de outras pessoas:

A argila vem tipo uns blocos de terra, vem de Guapó essa argila, vem de uma fábrica de tijolo. Eu tenho duas máquinas, uma chama cilindro. Ela tritura a argila, ela fica um pó, ela fica numa caixa num recipiente fica dois dias molhada, depois passa em outra máquina que chama 'maromba', que amassa argila e aí está no ponto de trabalhar. Depois que trabalha a peça fica uns cinco dias até secar e daí vai pro forno mais 24 horas, aí já virou cerâmica. É a argila que transforma em cerâmica. Vem de Guapó de uma fábrica de tijolo. (PAULO, 2012).

Há uma controvérsia na utilização da técnica pelo artesão. Para alguns o fazer artesanato passa pela criatividade naturalmente, assim, não há necessidade de se ter de antemão uma técnica pronta, como ilustra a primeira declaração, em

resposta a possuir alguma técnica para criar o seu artesanato. Na segunda resposta a criatividade pode ser aplicada em qualquer técnica, é um processo espontâneo:

[Quando perguntamos se o artesão teria uma técnica específica em seu trabalho] Tem. Eu vou falar por mim, eu me conheço eu sei o que eu falo, e falo o que sei, pra mim não existe técnica que eu não desenvolva o trabalho, qualquer técnica, você pode por uma venda no olho e por qualquer material atrás de mim, eu viro na sequência e já saio produzindo com qualquer matéria prima que eu tiver em mãos. Eu quero fazer uma guitarra e se não tiver uma corrente, tem a outra, se não tem a outra tem o ferro, se não o ferro eu dou um jeito de pegar um cipó, mas eu vou fazer uma guitarra. (...) O material é o que tiver no momento. Eu crio uma forma vou fazer uma guitarra com forma de coruja eu crio uma guitarra com forma de coruja, cachorro, gato. São centenas de esculturas na forma de uma moto, mas se você for ver de frente vai observar que ela tem forma de um bichinho, um cachorrinho. (PEDRO, 2010).

[Para esta artesã, não precisa de técnica] Não. Pego a linha e vou fazendo, inventando. (NILVA, 2012).

O artesanato possui um contexto de produção e de venda culturalmente reconhecido, dos ateliês à exposição e comercialização em espaços públicos (feiras, eventos etc.), bem como recentemente por sites e portais pela internet. No caso de Goiânia, muitos se encontram na Feira do Cerrado todos os domingos, porém há uma descrença por parte de artesãos quanto a incentivos do governo, de autoridades do Estado e da própria organização da Feira, como se pode compreender em uma narrativa apresentada na Feira do Cerrado, comentando a falta de apoio:

[O artesão revela o que acha do apoio do Estado ao artesanato] Não, da parte do governo no artesanato nada! Tudo que o artesão precisa fazer hoje tem que correr atrás sozinho. Do governo na verdade ele não tem nada, até a Feira que é a única área de artesanato da cidade eles vão lotear esse parque, vai acabar o parque. Prometeu a área ali embaixo, mas a gente não sabe. O futuro da Feira ainda é indefinido. A Feira é uma associação. Mas essa associação até hoje não resolveu nada. O artesão tem que se virar só. (PAULO, 2012).

O artesanato em algumas instituições possui a função de servir-se como instrumento pedagógico a alunos especiais – alunos que possuem alguma deficiência física ou mental e são amparados pelo projeto da APAE. Numa outra dimensão – dimensão educacional - o artesanato é colocado como meio pedagógico para o desenvolvimento físico e mental. O professor ou a professora que ensinam artesanato a alunos especiais, de fato não se consideram artesãos ou artesãs. Entretanto, são

eles que criam as estratégias, as formas de ensino, os materiais que irão utilizar e as técnicas que aplicarão na produção das peças. Percebe-se uma forma autônoma no sujeito-professor de desenvolver o artesanato com seus alunos. Como são alunos com deficiências, devem se preocupar também, além da criação, com materiais e técnicas específicos, adequados às condições físicas e mentais dos alunos.

No contexto do emprego didático e terapêutico do artesanato, essa falta de apoio do Estado também foi percebida. A partir de uma narrativa apresentada por uma professora de artesanato que trabalha na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais⁷⁷) da cidade de Ceres-GOIÁS compreende-se que a verba destinada ao programa educacional com trabalhos artesanais foi retirada e transferida a outro programa que não atende à demanda dos excepcionais nessa Instituição. Essa situação revela uma realidade de não apoio institucional por parte do Estado no que tange ao trabalho com artesanato, seja ele, como ofício ou como parte de um ofício, como na situação acima descrita.

O trabalho dos artesãos pesquisados desenvolve-se numa espécie de rotina laboral, ou seja, durante grande parte da jornada, incluindo os sábados, muitos trabalham até meia-noite, para venderem os produtos nos finais de semana, como declaram alguns informantes, quando perguntados sobre o tempo de trabalho na produção artesanal:

O tempo inteiro, inclusive o domingo quando chego da feira tomo banho e começo de novo, porque senão não tem produção pra trazer porque é demorado. (NILVA, 2012).

Fabricando o dia inteiro e vendendo final de semana. (REGINA, 2012).

Segunda-feira. Vou garimpar. Trago material produzo, tiro escova de aço, luva, mascara, eletrodo, purpurina, vareta de oxigênio, vareta acetileno, vareta de ferro etc. Vou garimpar. Tenho terça, quarta, quinta e sexta esses são os dias do Abdiar de Sá. (PEDRO, 2010).

É uma rotina que revela intimidade, compromisso, envolvimento com o que se faz. Em muitas conversas pode-se ter a crença de que a identidade laboral se mistura à sua identidade pessoal, de modo que o trabalhador se apresenta à sociedade e à sua família como artesão o tempo inteiro.

⁷⁷Trata-se de uma associação que depende parcialmente do Estado com funcionários e professores e o restante, como materiais para a fabricação do artesanato pedagógico, provêm de doações de pais dos alunos com deficiências e amigos sócios.

Nessa rotina de trabalho, a maioria dos artesãos entrevistados adaptou seus produtos às realidades locais, levando em conta a demanda, ou seja, mesmo sendo trabalhadores com gosto pelo que fazem, com seus próprios horários de trabalho sendo donos da sua produção, utilizando-se da criatividade, orientam-se também em seu tipo de produção pelos clientes.

Muitos artesãos disseram que se envolveram com o artesanato por vocação natural. Ocorre nesse sentido o desenvolvimento de uma identidade para si, que se forja na aprendizagem *in loco*, na aprendizagem direta do trabalho, com saberes práticos na experiência direta das tarefas a realizar. Esta forma identitária está presente entre os artesãos, disseminada em suas relações sociais, profissionais e culturais. É interessante a forma como estes trabalhadores vivem os seus cotidianos no trabalho em si: produzem suas peças, obras, arte⁷⁸ com certo apego e pertencimento no que fazem. Muitos artesãos identificam suas obras com assinaturas próprias. O fato de marcarem suas obras com estas assinaturas foi expresso por alguns artesãos como formas de marcarem suas identidades profissionais.

Em muitos trabalhos em artesanato pesquisados, percebeu-se a importância atribuída por alguns artesãos referente à identificação personalizada em seus produtos. Um exemplo é o registro feito especialmente por um artesão que, se auto-identifica como *Cambota*. A inscrição em madeira em suas obras parece se perpetuar a sua referência para qualquer lugar e pessoa que a obra fosse levada. Compreendemos que, as marcas possuem um sentido, um significado, um conteúdo a ser perpetuado no trabalho, e que, por isso, se traduz em pertencimento.

4.2. CULTURA DO TRABALHO COM O ARTESANATO.

Os artesãos brasileiros e goianos desenvolvem uma cultura do trabalho associada a suas atividades laborais. Há uma identificação com o que se faz bem diferente da realidade do trabalho industrializado que possui traços repetitivos, mecanizados, homogêneos, em sua produção, proporcionando baixa identificação com o produto e até com o processo produtivo. A porcentagem de identificação com o trabalho artesanal é bem significativa nos dados colhidos através dos questionários:

⁷⁸Nas pesquisas empíricas desenvolvidas entre os anos de 2010 e 2013 encontramos variações nas determinações e identificações do que chamamos nessa tese de artesanato. Ora alguns artesãos identificam o produto final que realizam como “arte”, ora como “peça” ou “obra”.

92% declararam-se com identificação com a atividade laboral do artesanato, 3% não se identificam com o trabalho artesanal e 5% se identificam parcialmente. A identificação se desenvolve pelo pertencimento ao ofício, o qual requer além de saberes técnicos, saberes de ofício: o estabelecimento de uma relação entre conhecimentos técnicos, de natureza teórica e saberes práticos provenientes da experiência, bem como, pelo reconhecimento da sua produção.

O trabalho com o artesanato proporciona mudanças no comportamento dos artesãos e artesãs em suas rotinas de vida e nas constituições familiares em vários aspectos. É o que nos mostra a opinião de alguns artesãos, quando questionados se o trabalho com o artesanato provocara alguma mudança em sua vida e interferira de alguma forma em sua estrutura familiar e em seu espaço doméstico, ou mesmo se havia provocado mudanças em suas rotinas profissionais, emocionais, pessoais. Dentre esses elementos ressalta-se a produção de condutas e visões diferenciadas expressas em melhorias do estado emocional e profissional do indivíduo e possibilidade de maior interação familiar e social:

Sim, ajuda a não cair em depressão. (Questionário n.1)

Sim, me tornei uma pessoa mais exigente com as coisas que faço, pois sempre fui muito cobrada para atingir o nível que tenho hoje. (Questionário 6)

Sim, comecei a fazer artesanato para acalmar dos plantões de emergência que são exaustivos e estressantes e agora me preparo para ter como profissão exclusiva, pois faltam 3 anos para me aposentar (Questionário n.7)

Sim, totalmente. A partir do momento que resolvi me dedicar às mandalas conheci muitas pessoas que também trabalham com o mesmo tema e com outros tipos de artesanato através da rede social orkut e depois no Facebook, tanto que em 2009, eu e mais 7 outras "mandaleiras" de diferentes cidades nos reunimos e organizamos a 1ª Exposição Mandaleiras do Universo em São Paulo-SP. Foi um sucesso!!! A amizade perdura até hoje! (Questionário n.7)

Sim, ele preencheu meu dia, trabalha também com a mente, é com já havia dito é uma ótima terapia. (Questionário n.17)

Eu vendo pra lojas aqui em Goiânia. Eu mando pra Barretos, mas eu mando pra uma pessoa que vende lá, de vez em quando ele me encomenda e eu mando. (NILVA, 2012).

Outros pontos podem ser relacionados ao comportamento relacionado com o trabalho com o artesanato pelos artesãos e artesãs brasileiras. O artesanato proporcionou equilíbrio familiar, pessoal, profissional e emocional, possibilitou maior participação no sentido de maior proximidade e interação com a família, a interação a partir de orçamentos na contribuição de outros membros da família na produção artesanal, bem como, a mudança no orçamento da própria família com mais uma renda vinda do artesanato, a criação de nova rotina da família em torno do trabalho com artesanato como a mudança na estrutura física interna da residência onde moram e o desenvolvimento de visões culturais, regionais, locais. Vejamos o quadro nove:

QUADRO 9. ELEMENTOS DO TRABALHO COM ARTESANATO PRESENTES NA FAMÍLIA, SOCIEDADE E INDIVÍDUO.

ELEMENTOS QUE MUDARAM NA ESTRUTURA FAMILIAR, SOCIAL E INDIVIDUAL ATRAVÉS DO ARTESANATO.	FREQUÊNCIA ⁷⁹
MELHORIA NO ESTADO EMOCIONAL E PROFISSIONAL DO INDIVÍDUO.	36
PRODUÇÃO DE HORÁRIOS FLEXÍVEIS E APROXIMAÇÃO COM A FAMÍLIA.	9
AUMENTO DO ORÇAMENTO FAMILIAR.	7
PRODUÇÃO DE INTERAÇÃO FAMILIAR E SOCIAL.	9
MUDANÇA NA ESTRUTURA INTERNA FÍSICA DA RESIDÊNCIA FAMILIAR.	2
PRODUÇÃO DE EQUILÍBRIO FAMILIAR NAS RELAÇÕES.	5
DESENVOLVIMENTO DE VISÕES CULTURAIS, REGIONAIS, LOCAIS.	2
TOTAL	70

Fonte: Survey com base em formulário on-line. Construído pela autora. 2014.

⁷⁹A frequência revela a quantidade de pessoas que responderam às questões relacionadas às mudanças em suas vidas e em suas constituições familiares pelo trabalho com o artesanato. Ressalta-se que, em alguns casos, em uma resposta pode-se encontrar mais de um elemento motivador. .

O trabalho com o artesanato trouxe em sua maior representação melhorias no estado emocional das pessoas e satisfação profissional. As falas que se seguem de artesãos brasileiros são bem expressivas nesse sentido:

Sim, houve uma libertação da relação patrão/empregado, e dos horários sufocantes que precisa cumprir dentro de um trabalho padrão. (Questionário 29)

Sim. Sou mais feliz. O artesanato me acalma me dá alegria, me faz sonhar. Minha autoestima fica lá encima. (Questionário 36)

Sim com certeza... o artesanato me ajudou no tratamento e recuperação de uma síndrome do pânico, me deixou menos ansiosa e me ajuda no momento que preciso de tranquilidade, e através do artesanato fiz muitas amizades que sem ele não faria. (Questionário 46)

Sim. Antes, quando trabalhadora formal, o estresse era companhia constante. Pouco tempo para filhos, casa, 10 horas de trabalho diários, na maioria das vezes almoçando em cima da mesa do trabalho, três crises de estafa em um período de 6 meses... Hoje me dedico aos filhos, à casa, à família como um todo, tenho o meu próprio tempo e tenho tempo para os outros. Sem estresse, sem estafa, com muito ar nos pulmões e o batimento cardíaco estável. (Questionário 40)

É bom salientar que para alguns artesãos, quanto à rotina da família, o artesanato não interferiu na rotina anterior, para alguns o artesanato já era uma atividade inserida em seu cotidiano e que possuía uma organização de trabalho para realizar-se: “Não. Ainda consigo dividir o tempo para dar conta de tantos compromissos”. (Questionário n.21); “Minha família sempre conviveu com isso, nunca conheceu outra forma de trabalho (filhos e esposa)”. (Questionário n.28). A compreensão que se tem é que, o trabalho com o artesanato proporciona ao indivíduo uma condição de desenvolvimento em várias esferas da sua existência: em sua vida emocional, sua vida laboral, sua vida familiar, sua vida financeira e sua vida cultural.

4.3. DIVISÃO SEXUAL NO TRABALHO COM O ARTESANATO.

A questão problematizadora nesse aspecto foi o possível desenvolvimento, entre os artesãos brasileiros e os artesãos da cidade de Goiânia, de uma divisão sexual desse trabalho e como ela se daria, tendo em vista a tradicional divisão sexual historicamente construída nas relações de trabalho industrial e a relação provedor/reprodutora no âmbito da esfera doméstica. A hipótese preliminar apontava

uma lógica do processo e de organização diferente do trabalho industrializado. Em todo o Brasil temos uma proporção de 20.427 artesãos masculinos e 13. 576 artesãs brasileiras.⁸⁰

Os dados nos demonstram que, o artesão brasileiro é majoritariamente masculino e ao discutirmos a divisão sexual do artesão examinaremos, aqui, a partir das relações sociais e de trabalho com o artesanato, como, se dá e se realmente existe, essa divisão sexual no trabalho com artesanato. Vamos nos restringir a estudar a situação contemporânea dos artesãos trabalhadores em Goiânia e nas regiões brasileiras que se dispuseram a responder os questionários.

Durante a pesquisa verificou-se que há uma divisão de atividades não muito intensa e determinante, mas, uma divisão por materiais mais específicos, uma divisão por funções que devem ser desenvolvidas na sociedade e no trabalho; todas essas distinções foram compreendidas como orientadas pela classe de sexo.

A divisão sexual observada no trabalho com o artesanato nos artesãos pesquisados relaciona-se com os vínculos sociais que cada um desenvolve socialmente a partir de sua classe de sexo. No caso da trabalhadora artesã, há uma preocupação muito forte em cuidar dos filhos, do marido e do ambiente doméstico. O trabalho com o artesanato está vinculado a isso. É considerável o papel doméstico garantido pelas mulheres nesse trabalho, até então, escolhido por terem horários mais flexíveis permitindo o trabalho de mãe e esposa e pelo fato de poderem ser produzidos em casa.

A partir da consideração de que, há uma divisão sexual nos trabalhos quando se se trata de atividades laborais, percebeu-se que, entre os trabalhadores artesãos em todos os meios pesquisados, não existe uma divisão de atividades muito expressiva para o homem e para a mulher. Inicialmente encontraram-se artesãos e artesãs que produziam suas peças utilizando, por exemplo, a argila, tinta, madeira, sucata, ferro. Concomitante a isto, observou-se que muitas artesãs utilizam tecido, linha, pintura. Nas relações laborais e sociais desses artesãos não existe, num primeiro olhar, uma divisão explícita e definida de atividades por homens e mulheres; somente por meio de um olhar mais acurado é possível identificá-la.

Ocorre uma preferência por parte do artesão na utilização dos materiais. Enquanto em alguns casos, como no emprego da madeira, a preferência é igualitária

⁸⁰ Dados do censo do IBGE de 2010.

entre homens e mulheres, a produção de bordados, de tricô, crochê, é realizada mais por artesãs. Outro ponto importante está no fato de que, muitas artesãs, em suas narrativas, salientam a preocupação de estar com seus filhos, acompanharem suas rotinas e também cuidarem do trabalho doméstico. Nesse sentido tem-se uma consideração por parte das artesãs de manterem suas funções maternas e domésticas, sem prejudicá-las com as atividades no artesanato. A identidade laboral está ligada à identidade sexual da artesã, já que, muitas mulheres escolheram seus materiais motivadas pela reprodução do trabalho doméstico.

Pode-se entender que existe uma complementaridade entre os artesãos e artesãs ou mesmo uma conciliação de papéis que aparecem nas narrativas apresentadas: existe a preocupação em ajudar no orçamento familiar, em tornar-se uma mulher autônoma, e ao mesmo tempo, o trabalho com artesanato desenvolvido pelo gênero feminino toma uma forma tradicional, mantida pela relacionada à esfera doméstica reprodutiva.

A menção à função maternal relacionada à mulher é um ponto considerável para esta análise, pois, há casos em que, a mulher desenvolveu o trabalho com o artesanato por ter condições de fazê-lo em sua residência e poder ter maior proximidade com os filhos. Podemos comprovar na fala que segue a concepção do trabalho com o artesanato para uma artesã mulher: “não sei enquanto mulher, mas sim como mãe, já que consigo ficar com minhas filhas, cuidar da minha casa e ter tempo pra mim”. (Questionário 44)

É perceptível que a dimensão emocional é um ponto que a artesã se apega ao falar do trabalho com o artesanato. Dessa forma, nas relações sociais laborais a artesã relaciona o trabalho em si com o artesanato ao seu estado de bem estar emocional e profissional; desenvolve-se, portanto, a relação entre subjetividade feminina e trabalho.

O artesanato é percebido pela mulher artesã a partir de diferentes representações. Inicialmente aparece a visão de que o artesanato é um trabalho feito também por mulheres, pois elas possuem habilidades tradicionalmente consideradas femininas, exigidas pelo trabalho com artes, tais como a delicadeza, a sensibilidade, a visão pelo detalhamento, a capacidade de desenvolver ambientes de aconchego, a habilidade do trabalho manual e a criatividade. Há uma crença no trabalho feminino como naturalmente propício para o trabalho manual, não revelando que, determinantemente existe uma divisão determinada apenas pelo sexo. Pode-se

compreender esse contexto nas seguintes declarações, expressas em respostas abertas no questionário pelos artesãos no Brasil e pelo quadro dez:

Interfere na criatividade, delicadeza e perfeccionismo que requer o trabalho. (Questionário n. 3)

De forma alguma, o bacana no que faço é ser feminina, pois o meu trabalho necessita deste toque feminino. Trabalha com artesanato para mim significa tudo, pois, minha fonte de renda. (Questionário n. 4)

Acho que meu trabalho, sendo dirigido para bebês e crianças, me ajuda no relacionamento com minhas clientes, pois são maioria grávida e mães recentes. Sendo assim, elas confiam mais nas minhas opiniões e sugestões. (Questionário n. 6)

A minha condição feminina me proporciona uma habilidade aliada à sensibilidade na hora de produzir meus trabalhos porque uso materiais que requerem delicadeza na manipulação e um senso estético muito peculiar à condição feminina. (Questionário n.7)

A mulher sempre foi culturalmente designada para fazer trabalhos manuais, e também culturalmente está mais ligada a criatividade, trabalhos minuciosos, detalhes, beleza, adornos. Como disse, creio que seja uma questão de gênero cultural e não biológica. Mas me identifico com essa identidade artística e criativa atribuída ao gênero feminino, e o próprio fato de produzir peças voltadas ao público feminino contribui para isso. Sou alguém que precisa estar constantemente exercendo a criatividade e criando coisas com as mãos para me sentir feliz. (Questionário 9)

Meu trabalho com artesanato é uma forma de lazer, de me sentir útil. (Questionário 17)

Como mulher somos mais detalhistas e gostamos sempre de fazer coisas novas. (Questionário n.18)

Acho que apenas sendo mulher tenho a delicadeza necessária para o trabalho que desenvolvo. (Questionário n.35)

A minha visão é plena, pois com a paciência, cuidado e leveza feminina posso trabalhar com qualquer material. (Questionário n.25)

Toda a nossa sensibilidade feminina é colocada em cada etapa de nosso trabalho, desde o prazer de fazer ao de apresentar e de comercializar nossos produtos. (Questionário 28)

Acho que apenas sendo mulher tenho a delicadeza necessária para o trabalho que desenvolvo. (Questionário 35)

Acredito que como mulher consigo entender melhor as necessidades e gostos femininos para a produção das peças. A atenção nos detalhes também acredito que seja maior. (Questionário 42)

Os depoimentos permitem-nos reconhecer que o trabalho artesanal, atividade manual, minuciosa e exigente de detalhes e singularidades para cada obra, é pensado como adequado às qualidades físicas e culturais que legitimaram a mulher como um ser voltado à criatividade, fragilidade, delicadeza e outros atributos. Mesmo frente a essa constatação, essa não é uma regra geral, como evidencia o depoimento de uma artesã, quando indagada a respeito de uma suposta divisão sexual no trabalho com artesanato: “Acho que não. Meu cunhado gosta muito disso, às vezes, tem uma coisa lá pra fazer e é muita coisa, eu passo pra ele, ele faz e pronto”. (ANA, 2014)

O trabalho em artesanato, tanto nas diferentes regiões brasileiras como especificamente em Goiânia, expressa uma divisão de gênero a partir das próprias características que o trabalho artesanal requer e se faz pela distinção entre materiais e técnicas utilizados, porém, não se revelou uma divisão presente e esperada pelo fato serem mulheres ou homens. Há uma associação direta nas narrativas entre o trabalho que realizam com o artesanato e o fato de serem mulheres, especialmente pelo fato de ser um trabalho qualificado como manual e cuidadoso, como nos revelam as respostas de artesãs brasileiras quando se solicitou sua opinião como mulher sobre o trabalho com o artesanato: “penso que por ser mulher, minha criação tem traços que demonstram delicadeza e o minha feminilidade”. (Questionário 45) Outra artesã nos diz: “me sinto bem trabalhando com o artesanato, como mulher acho que colocamos nossa delicadeza e ternura nos trabalhos, somos mais coloridas e isso também reflete no nosso trabalho” (Questionário 46)

Essa representação formada em torno da mulher como um ser mais delicado, mais criativo, mais voltado para fazeres manuais nas atividades de trabalho com o artesanato, mesmo não sendo traços determinantes, é apresentada nas atividades laborais industriais e outros trabalhos não artesanais. Através da tabela da PNAD (2014) sobre as atividades econômicas em relação ao sexo, a atividade de comércio de fios têxteis, tecidos artefatos de tecidos e armarinho, contém maior número de mulheres presentes em relação ao número de homens, como podemos observar: 186.829 mulheres que ocupam esta atividade ligada ao trabalho industrial com tecido e 144.659 homens (num total de 331.488 trabalhadores). Outra atividade onde o gênero feminino predomina na atividade industrial está na confecção sob medida de artigos do vestuário e acessórios, com 254.153 e 10747 homens, num total

de 264.900. Outra forma de trabalho onde a mulher está em maior quantidade é o trabalho em bibliotecas, arquivos, museus e outras atividades culturais, com 19.470 e 10.837 homens, no total de 30.307.

QUADRO 10. PERCEPÇÃO LABORAL DA MULHER – ARTESANATO.

ELEMENTOS QUE FORMAM A PERCEPÇÃO DO TRABALHO ARTESANAL PELA MULHER ARTESÃ.	FREQUÊNCIA
MULHER POSSUI FUNÇÕES DETERMINADAS NA SOCIEDADE.	2
A MULHER POSSUI HABILIDADES PRÓPRIAS PARA O TRABALHO COM O ARTESANATO.	12
ATIVIDADE REALIZADA POR PRAZER E GOSTO.	6
ATIVIDADE QUE GERA RENDA	5
ATIVIDADE QUE EXPRESSA CULTURA E PERSONALIDADE	2
TOTAL	27

Fonte: Survey com base em formulário on-line. Construído pela autora. 2014.

A percepção dos homens quanto ao trabalho com o artesanato se norteou mais pela necessidade econômica, pelo próprio gosto ou realização pessoal, independente da classe de sexo por seletividade diante de materiais e técnicas. Vejamos:

Gratificante. (Questionário n.5)

Me realizo. (Questionário n.19)

É meu sustento, minha evolução profissional, meu prazer e minha forma de deixar para gerações futuras algo de bom da nossa cultura. (Questionário n.15)

Meu artesanato é voltado para o público feminino, vem provar que homem também pode desenvolver sua sensibilidade. (Questionário n.24)

Identificação total. (Questionário n.29)

Não vejo diferença na minha produção por ser homem produzindo cerâmica, o que facilita e a possibilidade de poder buscar a matéria prima com mais facilidade uma vez que o material é pesado e duro de ser retirado da natureza, agora nesta fase de minha produção não mais vou retirar a matéria prima e sim compro o material e sempre recebo a matéria prima no meu local de trabalho. (Questionário n.34)

Percebe-se que, por mais o que artesão expresse não observar uma divisão sexual no trabalho com o artesanato, ele associa, assim como aconteceu com a percepção feminina sobre o trabalho com o artesanato, esse tipo de trabalho às características genéticas do homem.

Olhando para atividades de trabalhos industrializados e outras atividades não artesanais, podemos contemplar essa ideia predisposta na realidade de alguns artesãos trabalhadores, os quais relacionaram alguns produtos artesanais às características masculinas. A relação de um trabalho com material mais rústico e grosseiro com o gênero masculino é percebido de forma quantitativa nas atividades econômicas em relação ao sexo produzidas pela PNAD (2012)⁸¹ quando nos traz por exemplo que, na atividade de fabricação de produtos de madeira, temos 269.772 homens e 64.402 mulheres, (num total de 334.174 trabalhadores), na fabricação de cerâmicas, 285.271 homens e 47.786 mulheres (num total de 333.057), no trabalho com metalurgia dos metais não-ferrosos, com 138.468 de homens e 18.931 de mulheres (com total de 157.399).

Os dados nos revelam diferenças significativas na ocupação das atividades de trabalho pelo sexo masculino e feminino e dessa forma nos permite entender que, no trabalho industrializado e em outros tipos que não sejam artesanais, existe uma divisão sexual do trabalho explícita e numericamente definida quanto a alguns fazeres. Tendência essa que, não se apresentou bem delineada na pesquisa com os trabalhadores de atividades laborais artesanais, a qual demonstrou variações.

Além da percepção da divisão sexual temos nas relações de trabalho com o artesanato que considera a participação do companheiro ou companheira na própria produção do artesão ou artesão em questão. Assim, 48% disseram não ter essa participação do companheiro ou companheira em sua produção, 15% revelaram que, há sim essa participação, porém, se faz em torno de 25% apenas, outros 20% disseram ter a participação, em torno de 50% e o restante não eram casados ou casadas. A ideia que se legitima é que há uma divisão sexual nas atividades desenvolvidas, há funcionalidades específicas expressas pelos próprios gêneros; entretanto, não se configura uma cooperação nesse trabalho, mas sim complementação de funções masculinas e femininas.

⁸¹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Presencialmente pelas entrevistas realizadas, verificou-se a preferência das mulheres pelo tecido, pelo bordado, pelo crochê, pela produção de bolsas. Entre os homens, não se constatou as mesmas preferências, mas sim outras ligadas à madeira, ao ferro, à sucata, a produtos recicláveis, ao sabão, à pedras. Muitas artesãs trabalhadoras entrevistadas nos revelaram que, é difícil verificar artesãos trabalhando com a confecção de peças que exigem muito detalhe em sua produção e com material muito delicado, como, o tecido e a linha especificamente, mas isso não é uma regra no trabalho com o artesanato. A fala dessas artesãs foram no sentido de identificar o sexo feminino como aquele que no artesanato realiza trabalhos que exigem maior delicadeza com o material e maior detalhamento na criatividade e na produção da peça escolhida. Porém, não foi encontrada de forma determinante e explícita em todas as formas de pesquisas empíricas realizadas, uma delimitação por gênero no trabalho com o artesanato em sua construção identitária.

Em relação à trajetória laboral, algumas tinham trabalhado em serviços, como serviços públicos e administrativos, como docentes, como vendedores de empresas privadas e como autônomos. A maioria dessas mulheres desenvolvem também serviços domésticos, ou seja, conciliam o trabalho com o artesanato com o trabalho em casa, o que revela que, as mulheres não deixaram esses trabalhos para a realização apenas do artesanato. Essa atitude é coerente com a escolha dos motivos para trabalhar com artesanato: um dos motivos da escolha pelo trabalho com o artesanato foi o fato de proporcionar maior aproximação com a família e filhos e poder trabalhar em casa.

O gosto e a autoestima têm grande papel motivador para as mulheres que decidem trabalhar com artesanato. A narrativa de uma artesã da cidade de Goiânia que trabalhava antes como técnica em enfermagem é exemplar nesse sentido:

Toda a vida eu gostei de trabalho manual, aquela senhora me ajudou a fazer crochê eu tinha 10,15 anos. Ela me ajuda demais fazer as coisas. Então toda vida eu gostei. Como a minha irmã colocou o de brigadeiro aqui aí [no caso, na Feira do Cerrado em Goiânia] eu falei eu vou fazer aquele trem, ela falou 'põe alguma coisa e põe aqui' daí foi surgindo a ideia, de uma coisa foi puxando a outra. [como ela se sente trabalhando com o artesanato] Muito melhor. Eu gostava muito do lugar que eu trabalhava [quando era técnica em enfermagem] principalmente das pessoas, mas toda vida eu quis fazer uma coisa desse jeito. Toda vida, desde que eu me entendo eu sempre quis mexer. Lá em casa tem uma estante cheia, eu já fiz curso de EVA, Biscuit e tudo que você imaginar, tudo que você juntar eu

tenho satisfação, eu gosto de fazer, tem que ter muita paciência.
(JANETE, 2013)

A artesã Morgana (2010) da cidade de Goiânia que trabalha com madeira enfatiza o gosto pelo trabalho com o artesanato, mesmo sendo mulher, mãe (no período da entrevista estava grávida), esposa, professora de artes no ensino superior, ou com outras funções a desempenhar:

Eu faço porque eu amo, é o primeiro objetivo, não é ganhar dinheiro, claro que com o tempo você começa a perceber que se você não faz com que seu trabalho te dê o sustento você vai ter que procurar outras fontes para se manter, aí você acaba não tendo tempo de desenvolver o seu trabalho, então queira ou não essa parte da viabilidade financeira é importante. Então tem que ser levado de uma forma profissional também. Você tem que considerar a questão do custo, do preço, toda a cadeia, desde o começo até o final, e possível reciclagem e reaproveitamento. (MORGANA, 2010)

Outra artesã que vive do trabalho artesanal com capim dourado ressalta o gosto pelo artesanato e declara que: “artesão é um dom, uma coisa boa dentro da gente, a gente vai criando peças cada dia melhora mais, e se você não praticar você nunca vai saber se você faz um coisa boa”. (REGINA, 2012). Outra entrevista, em seu depoimento, não associa o material que emprega com sua classe de sexo: “geralmente é no momento eu sentada com o material vou criando, não fico desenhando, arquitetando é feito na hora, vai saindo na hora, vou fazendo e vai saindo, material novo ou velho, vou misturando não tem esse negócio, mexo com madeira e qualquer tipo de material”. (RAFAELA, 2012)

As respostas de alguns artesãos brasileiros expressos nos questionários refletem bem a relativa independência quanto ao sexo no trabalho com o artesanato. Compreende-se que esses trabalhadores não condicionam de forma absoluta o seu trabalho artesanal com o material utilizado unicamente por serem homens ou mulheres. Reforça-se a ideia da existência de exigências naturais do próprio trabalho que está se sendo realizado e pelo gosto do próprio artesão, independente se são homens ou mulheres:

Acredito que qualquer pessoa possa fazê-lo, sem distinção de sexo.
(Questionário 14)

Não tem nenhuma relação com gênero masculino ou feminino. Nas artes e artesanato o que conta são as criatividade e possibilidade de criar algo que agrade a todos os consumidores. (Questionário 15)

Trabalhar com artesanato é realizar sonhos. A minha condição feminina só ajuda. (Questionário 20)

Historicamente o fazer cerâmica figurativa esta ligado ao fazer feminino, porem a produção em torno (oleiro) sempre foi mencionado a figura masculina, porém na minha opinião não me atendo a essa questão, simplesmente faço. (Questionário 34)

Ambos! (o artesanato se identifica tanto com o fazer masculino, com o fazer feminino) Existem aspectos pesados como lixar, entalhar, perfurar que peço ao meu esposo. (Questionário 48)

Acho que não. Meu cunhado gosta muito disso, as vezes, tem uma coisa lá pra fazer e é muita coisa, eu passo pra ele, ele faz e pronto. (JANETE, 2013)

A ideia de uma clara e definida divisão sexual no trabalho com o artesanato a partir das entrevistas não se revela possível e determinante, mesmo ao existir uma divisão sexual social. Uma artesã nos diz:

Eu acredito que culturalmente isso existe na nossa sociedade, mesmo por que é muito difícil que o tempo venha modificar isso lentamente, é um processo muito lento, mas aqui na feira mesmo (na feira do Cerrado), você vai verificar que nós temos aqui um artesão Ricardo que mexe com tecido, não sei se você conheceu o trabalho dele é Patwork em tecido, ele também tem sua história, ele é psicólogo ele se identificou com esse trabalho, é um trabalho que dificilmente você encontra. Mas, o pessoal que mexe com argila, madeira geralmente é homem. Mas, eu acho que não existe regra pra nada. Eu acho que isso tem mudado lentamente. (ANA, 2014)

O que é possível apontarmos nessa pesquisa é o fato de termos artesãos que compreendem essa atividade laboral independente da relação com o sexo e artesãos que acreditam que, por ser um trabalho que exige habilidades ligadas às práticas detalhistas, às cores e a um fazer mais atencioso, está implicitamente ligado à mulher, por associarem-na a estas características, como encontramos em algumas falas:

(Trabalho) Feminino, por ter muitos detalhes. (Questionário 21)

Pode estar mais atrelado ao trabalho feminino. Dificilmente encontro um homem que faça patchwork. (Questionário 22)

Identifica-se com o feminino, existem muito mais mulheres crocheteiras e tricoteiras do que homens. (Questionário 23)

Mais com o feminino! As peças em feltro e tecido nos levam a fazer mais bonecos, bichinhos, decoração etc. Coisas mais femininas! (Questionário 35)

Tem mais a ver com o feminino porque faço acessórios femininos e arranjos de flores para casa. (Questionário 41)

Com o fazer feminino já que as peças são bem delicadas e algumas são de decoração então mais ligada ao universo feminino. (Questionário 47)

No trabalho industrial temos algumas ocupações em que os gêneros masculino e feminino quase se equiparam em números de participação. É o que podemos ver na atividade de fabricação de sabões, detergentes, produtos de limpeza e perfumaria, tomando como base na PNAD (2014)⁸² comungando com a concepção da não divisão sexual do trabalho artesanal como uma característica determinante. Podemos exemplificar com a atividade de fabricação de sabões, detergentes, produtos de limpeza e perfumaria, onde o número de homens é de 57.907 e o número de mulheres é de 59198, com total de 117.105. Uma diferença bem pequena se olharmos para as outras ocupações industrializadas e de outros tipos não artesanais discutidas nesse trabalho, com diferenças bem maiores em relação ao gênero.

Outra atividade que podemos trazer como exemplo, de aproximação na quantidade de homens e mulheres trabalhando no mesmo tipo de atividade industrializada, é na fabricação de papelão corrugado e de embalagens e artefatos de papel e papelão, com 24.900 homens e 24.696 mulheres, num total de 49.596.

4.4 A ORGANIZAÇÃO E PROCESSO DO TRABALHO NO ARTESANATO.

O artesanato em Goiânia é conhecido pelas exposições que os artesãos e artesãs fazem de seus produtos especialmente em feiras e em centros de comércio popular da cidade. Existe em Goiânia a Associação dos Artesãos de Goiás⁸³, que se caracteriza por reunir trabalhadores diferenciados em suas produções e diversificados

⁸² Tabela da PNAD. Atividades Econômicas e Sexo. 2014.

⁸³ Localizada na Avenida Goiás 1613 na cidade de Goiânia, Goiás.

na utilização de materiais⁸⁴. A exposição que acontece nos mercados⁸⁵ também pode estar ligada a associações, ou sindicatos internos. As feiras também possuem associações ou sindicatos e estão submissas às regras da Prefeitura da Cidade pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SEDEM).

A Central do Artesanato⁸⁶ em Goiânia foi criada no intuito de apoiar o desenvolvimento dos artesanatos goiano e de Goiás e oferecer um espaço para venda de seus produtos. Até outubro de 2013 a Central do Artesanato registrava um total de 585 em todo o Estado de Goiás artesãos cadastrados nessa Instituição, com 204 carteiras emitidas. Em Goiânia, a Casa possui 23 artesãos cadastrados com 16 carteiras entregues, um número bem inferior à quantidade de artesãos que se verificou na cidade, especialmente concentrados na Feira do Cerrado, um espaço bem representativo do artesanato da cidade de Goiânia regulamentado. (Ver Regimento da Feira do Cerrado em anexo 3)

Esta forma de organização na cidade expressa a tentativa de reunir em um local em forma de cadastro, os artesãos do Estado de Goiás, oferecer um ambiente institucionalizado de apoio a estes trabalhadores, incentivar a produção artesanal em Goiás e expor as peças produzidas. O número reduzido de artesãos cadastrados demonstra a postura de muitos trabalhadores artesãos, singularmente, os presentes na cidade de Goiânia, mais concentrados nesta Feira. Durante as entrevistas muitos deles demonstraram preferência em serem trabalhadores artesãos sem vínculos institucionais, ou seja, preferem trabalhar de forma autônoma, ou por outros meios, sem muita opção pela Central do Artesanato. Muitos possuem o seu próprio ateliê, que serve de locais para a produção das peças, até mesmo em suas próprias residências. Ao conversar com um artesão goianiense observou-se que ele produz peças e também realiza oficinas fora de seu ateliê, quando solicitado. Assim ele relata, quando indagado sobre como trabalhava com o seu artesanato:

⁸⁴ A Associação da União dos Artesãos de Goiana - AUAG, foi fundada em abril de 2010, possui artistas de vários estilos artesanais. Os trabalhos estão expostos para comercialização nos stands montados, e vendidos nos Mercados Municipais. Os artesanatos são feitos com materiais bem diversificados, como cerâmica, madeira, tecido, palha, vidro, arame, entre outros. O lucro retirado dessas exposições é revertido em benefício de todos os associados.

⁸⁵ Mercado Aberto de Goiânia, na Avenida Paranaíba, centro; Mercado Popular de Goiânia, na rua 74, no centro; Mercado Central de Goiânia, na rua 3, também no centro, Mercado Popular de Campinas na rua Benjamin Constant, setor Campinas

⁸⁶ Também conhecida como Casa do Artesanato ou Central do Artesanato. A Casa do Artesanato fica na Rua 1, no centro de Goiânia, próxima à Praça Pedro Ludovico Teixeira e à Avenida Goiás. É um Programa da Secretaria de Indústria e Comércio (SIC) em parceria com o Ministério de Indústria e Comércio (MDIC).

[Diz que dá oficinas] Fora do atelier, porque no atelier têm que ter uma estrutura, no caso, as oficinas são escolas de segundo grau, escola técnica, SENAI. Tem que montar uma estrutura. Escola estadual, municipal e federal. São fora do Atelier, vou ao local determinado porque é mais fácil eu ir até local do que reunir 10, 12, 15 pessoas para vim até a mim. (PEDRO, 2010)

[Esse artesão possui ateliê em casa]. O meu atelier é na minha casa mesmo, então eu trabalho no cantinho da minha casa mesmo. As exposições de peças prontas, eu tenho um cômodo lá que eu guardo. (JOÃO, 2010)

Além de produzirem e exporem em locais institucionalizados e com uma organização administrativa, econômica e social, muitos artesãos vendem para fora da cidade de Goiânia e até possuem planos para exporem seus produtos em outros países. A encomenda é uma forma de organização do artesanato, pois, aqueles que expõem em feiras ou mercados possuem de certa forma, clientes já esperados naqueles locais, ou seja, possuem a possibilidade de criarem fidelidade.

Durante a pesquisa realizada a partir de muitas conversas com artesãos pode-se perceber esta relação de compromisso de muitas pessoas que voltaram ao local onde estava o artesão para buscar sua encomenda. Na recepção das encomendas pelos clientes nas feiras foi visível a forma de respeito e admiração como algo sagrado mesmo, de olhar o produto e quem o fez, no caso o artesão. Esta é uma constatação com base em momentos da observação de campo realizada, e que evidenciou como uma constante na relação artesão-cliente. E mais, o cliente espera pela finalização de seu produto, que pode durar dias, semanas, até meses. Entretanto, isso não acarreta uma recusa, mas sim, uma demanda, um encantamento em ter aquela peça feita por aquele artesão, logo, uma espera pelo que foi encomendado e depois, a contemplação ao receber.

O artesão, em Goiânia e nas mais diversas regiões brasileiras, guia-se, a partir das encomendas que lhe são mais frequentes, também pelas subjetividades dos clientes; portanto, este artesão é um trabalhador que se orienta pela sociedade, como um termômetro para sua produção.

Faz parte do processo de produção do trabalho como artesanato o tempo gasto nessa produção. A partir das pesquisas, constatou-se que, os artesãos ocupam do seu tempo diário de vinte e quatro horas (24h), entre 2 a 6 horas por dia (26 artesãos que responderam ao questionário), entre oito e 14 horas por dia (14 artesãos) e entre 18 e 20 horas (oito artesãos). Há de se enfatizar que alguns

artesãos entrevistados qualificam o artesanato como um trabalho que ocupa praticamente todo o tempo diário. A justificativa para esse apontamento se faz pelas características representativas do próprio artesão em sua atividade de trabalho, o qual, não realiza produtos em série e determinados, mas sim, produtos manuais e criados de suas visões.

Contudo, o produto fruto do trabalho com o artesanato não se faz em um período de tempo determinado, pronto, acabado e diariamente repetido, mas, em vários períodos do dia e até mesmo do mês em alguns casos. Há um envolvimento mental na criação desse produto, de modo que, antes mesmo do produto ser concretizado, ele é imaginado, e ao longo da sua produção, é produzido com as circunstâncias encontradas, especialmente quanto ao material que o constituirá.

O artesão recolhe os materiais, e desses materiais, fará outras produções, que poderão ser geridas apenas no momento da colheita do material. A imprevisibilidade é um elemento qualitativo muito essencial do trabalho com o artesanato para alguns artesãos, pois, em muitas conversas, muitos deles revelaram que, tinham mais ou menos a ideia em mente do que queriam produzir, mas, somente após encontrar algum material é que realmente começam a arte da criação e logo, da concretização das peças. Há outros artesãos que já possuem lugares determinados para obter seus insumos de produção. Mas ainda assim, chegando aos seus ateliês ou locais de trabalho, requerem um ato criativo, que, em todos os casos, se compreende como uma criação diferenciada e singular desse tipo de trabalhador.

A encomenda e a importação possuem um papel importante no processo de produção do trabalho com artesanato. Primeiro, a encomenda participa da produção e acaba sendo um motor para que o processo se alavanque, pois de fato, sem uma demanda efetivada em encomendas, o artesão fica sem referência para produzir. Além disso, a encomenda traz um tipo de encantamento que o indivíduo constrói em função do fazer do artesão.

A importação também se faz como elemento importante nesse processo laboral, pois, muitos artesãos para produzirem seus produtos, requisitam materiais produzidos ou encontrados em outros lugares. Já a exportação foi considerada muito timidamente pelos artesãos, isso demonstra que, o artesanato brasileiro e goiano ainda é predominantemente local, regional e nacional. Nesse sentido, qualificamos os tipos de encomenda ou importação, como foi caracterizada no questionário para a pesquisa empírica, utilizadas na confecção dos produtos artesanais dos artesãos, ou

seja, locais e tipos de materiais de onde muitos artesãos conseguiram parte de seus produtos para produção de seus artesanatos (artesãos que expõem suas peças na cidade de Goiânia, sendo, moradores da cidade), tais como: 1. Massa para biscoito e moldes para biscoito; formas de silicone, produzidas em São Paulo; 2. Kits elétricos, materiais para confecção de chaveiros, materiais para porta recados; 3. Latas de metal – SP; Abajur cru – SP, Caixas de acrílico – SP; 4. De outros estados, aviamentos, colas, etc. Lãs ou linhas, tecidos e materiais em geral, compra de garrafas de vidro recicladas e novas, compra de frutas de época nos próprios sítios, compra de caixas artesanais de madeira, compra de minis-potes de cerâmica artesanal, miçangas Jablonex (Czech beads); Madeira (MDF) vem de Petrópolis (RJ) e Juiz de Fora (MG). 5. Do exterior, tecido, agulhas especiais, linhas/lãs de determinados tipos, tesouras, etc; Tecidos nacionais e importados, manta, moldes Fios Uruguaios; vasos Indígenas que são produzidos em aldeias indígenas; tecidos importados dos EUA, enfeites e ferramentas, principalmente; argila; linha, lã, tecido, feltro.

Falou-se que, o artesanato é bem voltado para o próprio País, dessa forma elencamos os locais mais apontados na pesquisa pelos artesãos que constituem espaços que participam da formação de redes sociais comerciais e fundamentam o trabalho artesanal. Os artesãos expressaram muito e com muita ênfase territórios brasileiros, e poucos disseram que vendiam para o exterior, mesmo importando materiais como vimos anteriormente.

Compreendemos que os artesãos possuem uma rede, caracteristicamente nacional, entretanto, já há indícios de criarem relações com outros países. Tanto em entrevistas presenciais quanto por questionário online, esta possibilidade foi colocada, em caráter de perspectiva de ampliação de trabalho, como podemos ver a seguir nas principais localidades para onde os artesãos têm enviado suas peças produzidas: Feira de Santana – Bahia. Pelo canal da Internet, para São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e quase todo o Brasil. Por todo o Brasil com expansão para 2012 para o exterior através de um representante, em casos de alguns artesãos. Para a Suíça, França e Japão. Minas Gerais. Europa, EUA. Mato Grosso. Macapá, Marabá, São Luís e Belém. Recife, Brasília, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre. Goiânia, Goiás.

O processo que constitui a produção do artesanato pelos artesãos passa, conforme já se comentou, pela criatividade, pela transformação, pelo sentido oferecido em cada ação e em cada artesão e artista. A ação do artesão se refere à

sua prática, ao seu fazer, que é fruto de um processo intenso motivado por vários elementos e que são legitimados subjetivamente pelo artesão trabalhador e concretizado no produto feito. A obra realizada possui particularidades, seja ela repetida ou peça única, singularidades reveladas pela essência de cada artífice, pelos desejos de cada pessoa que encomenda a obra, pelas visões de cada artesão ou artista. Terminada a produção concreta da obra, o artesão inicia outra etapa do processo, que nunca se encerra, pois, ele considera que sua obra irá se perpetuar no tempo e no espaço da pessoa que a leva consigo. A crença é a de que, a obra carrega os sentidos colocados pelo artesão. Por outro lado, ocorre também a não efetivação da venda, por desistência de quem encomendou ou por desinteresse por potenciais compradores no local de venda ou exposição. Essas situações levam ao acúmulo desses produtos que não foram comprados e em consequência disso, à mudança do próprio artesão em produzir obras que chamem mais atenção do público, dada a tendência do mercado e das preferências mais rotineiras das pessoas.

Evidenciou-se uma correlação, na fase quantitativa da pesquisa, que sugere um tipo de trajetória que, embora não predominante no Brasil, vinda da história laboral com o artesanato, da família também entre os artesãos entrevistados via e-mail das regiões brasileiras para alguns artesãos. Essa história não se refere à maioria, mas, possui sentido para um grupo de artesãos que revelaram um artesanato brasileiro com processos familiares.

As informações mostraram-nos que, alguns pais exercem ou exerceram alguma atividade profissional ligada ao artesanato sendo 21% e antes de exercerem esta atividade com o artesanato, 56% dos pais responderam não trabalhar em outra atividade profissional antes do artesanato e 44% responderam que, antes do trabalho com o artesanato trabalhavam em outra atividade de trabalho. Quanto às mães, 33% exercem ou exerceram atividade profissional relacionada ao artesanato e 67% das mães disseram que não trabalharam em outra atividade de trabalho antes do trabalho com o artesanato. Essa realidade estatística nos permite compreender o trabalho com artesanato numa perspectiva familiar, mesmo não sendo uma representação da maioria.

Os pais que, exerceram ou exercem alguma atividade ligada ao artesanato, e continuam trabalhando com outra atividade de trabalho além do artesanato, desenvolveram ocupações muito correlacionas com a prática artesanal, tais como, o

trabalho com pintura de cabacinhas, Eletricitário, Professor, Pintor, carpinteiro, Marcenaria, Trabalho na Igreja, Comerciante.

O que podemos verificar quanto ao sentido que os levaram a ser artesãos trabalhadores, é que se referem a um fazer laboral por dom, por incentivo da família, pela criatividade, pela capacidade em transformar o material colhido em outras formas para ter-se mais uma renda, para contribuir com o filho que já trabalha com artesanato, pelo incentivo da cultura regional onde mora e necessidade de ganho e trabalho.

Assim como os pais desses artesãos, as mães também exercem outras formas de trabalho, principalmente em serviços educacionais, de higiene e beleza, costura e afazeres domésticos. Pelas atividades apontadas, é possível compreendermos que, as mães exerciam o artesanato junto com profissões que de certa forma se aproximavam da essência do fazer do artesão, praticamente todas muito ligadas com a prática do pensar e do fazer manual, relacionada à esfera doméstica.

As motivações trazidas pelas mães dos artesãos para desenvolverem o artesanato estão muito relacionadas às práticas familiares como a tradição em fazer trabalhos artesanais, especialmente para as mulheres, no cumprimento do papel feminino e materno de cuidar da esfera doméstica e dos filhos e à necessidade de ajudar no orçamento familiar. Já em relação aos homens, sejam pais ou filhos, os motivos são muito ligados às habilidades.

4.5. PRODUÇÃO ARTESANAL E O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO.

O artesanato produzido no Brasil e na cidade de Goiânia, especialmente na Feira do Cerrado, revela-se, pelas observações empíricas e teóricas realizadas, se não apenas como uma estratégia de trabalho, de vocação laboral e de sobrevivência, mas compondo esquemas produtivos que convivem ao lado dos processos de produção industrial. Os trabalhadores em artesanato devem seguir as regras e normas do mercado, terem consciência da concorrência dos produtos industrializados quanto ao preço e rapidez de confecção, atentando-se às informações econômicas e de mercado que modelam o seu universo produtivo.

Esses artesãos possuem a consciência dessa realidade e tentam conciliar os fatores concernentes ao mercado e os atributos da criação artesanal, atendendo ao gosto do cliente, administrando negociações de suas peças e procurando públicos que se interessam mais pelo artesanato do que pela produção industrial despersonalizada, em série. São conscientes de que não basta apenas produzirem suas peças, mas, devem estar conectados às particularidades territoriais, principalmente nos aspectos cultural e econômico.

Todos estes elementos foram encontrados na produção artesanal, como se os artesão tentassem manter-se no contexto da industrialização sem o desejo de findar o processo manual ou submetê-lo a formas semi-industriais. É fato que o perfil dos entrevistados não gira em torno de trabalhadores do artesanato incentivados por correntes estatais com intuito de renovar os métodos de trabalhos industrializados ou criar métodos alternativos de trabalho, mas integra trabalhadores do artesanato que se fizeram enquanto tais a partir do ofício e da vocação e ao longo de suas histórias laborais com o artesanato foram se aprimorando e conscientizando-se da realidade. Isso proveio principalmente de declarações em entrevistas, onde o surgimento do artesanato esteve muito relacionado com o gostar do se que faz, não tanto pelo fato de querer ser um artesão, mas, como numa espécie de dom, de “ser” um artesão.

O trabalho com o artesanato lado a lado com o industrial acaba por deixar o artesão em parte sem autonomia. Por mais que ele trabalhe com seus horários próprios, fique mais tempo em casa, com a família, desenvolva um trabalho que proporcione bem-estar emocional, todos os que expõem em espaços públicos institucionalizados devem seguir um regimento interno e se preocupar em vender o que produz, considerando que competem com a facilidade e o baixo preço dos produtos industrializados. É um cenário em que se encontram diversos artesãos, como também identifica Silva (2006):

Para reduzir os riscos de fracasso e descontinuidade, os empreendedores dos negócios artesanais devem exercer a cidadania ativa e, como cidadãos, estimular a agregação da sua rede comunal para o desenvolvimento e a melhoria da produção, contribuindo para a satisfação individual e coletiva.

Mesmo em artesãos que manifestam a influência em seus trabalhos da cultura regional, dos ensinamentos da família, das habilidades e do gostar do que faz, observa-se uma problemática nesse processo: devem preocupar-se com a conquista

do mercado para seus produtos, diante da produção industrializada. O que se pode verificar é que a essência do artesão continua, mas, combinada com a realidade contemporânea de adequar os seus produtos manuais às tendências do mercado que trazem inovações, como as relacionadas a embalagens e formas de divulgação e encomendas pela internet, mais acessíveis quanto ao preço e aos desejos dos clientes. Tudo isso é administrado pelos artesãos, como forma de consciência de todo o processo de mudança, inclusive da mudança nas próprias feiras, que antes eram totalmente artesanais e agora trazem produtos semi-industriais mais industrializados que o artesanato enquanto trabalho vem se modificando ao longo da história. Uma artesã, que trabalha com a confecção de acessórios para noivas (ANA, 2014), trouxe uma visão bem interessante a esse respeito, quando indagado a respeito de como conciliava seu artesanato com a oferta de produtos industrializados:

Eu tento me enquadrar. Eu tento não ficar de fora. Eu acompanho anualmente um grande evento melhor e maior evento de noivas aqui em Goiânia que é o BR Noivas eu sempre me preparo pra ele. Então durante todo o ano eu fico bem atenta e todo ano lanço uma novidade. Então eu fico muito atenta às essas questões. Geralmente em Belo Horizonte, Rio eles iniciam primeiro. A gente acaba seguindo o que vem de lá. Então fico muito atenta a isso. Sua pergunta ficou mais complexa do que eu estou respondendo.

[Perguntou-se também com ela vê as feiras de artesanato hoje] Temos várias feiras aqui em Goiânia que começaram de forma espetacular e hoje são feiras que mudaram totalmente sua cara, deixei de ser uma feira artesanal, uma feira famosa pra ser uma feira industrializada.

O cenário vivenciado hoje de muitos produtos industrializados pode estar acontecendo junto ao cenário de produtos artesanais. A impressão que se tem é que o artesanato está desaparecendo do cotidiano das pessoas, das suas relações sociais. A pesquisa empírica revelou que não. Em conversas com os artesãos muitos acreditam que o artesanato sobrevive e convive com o dinamismo dos produtos industrializados. O trabalho com o artesanato irá se manter, pelo fato de já ser uma questão de estilo de vida, de cultura escolhida por alguns e pelo fato de ser produzido por um trabalhador diferenciado, que trabalha por amor ao fazer. Essa opinião evidencia-se em muitas falas:

Eu acho que não está desaparecendo. Eu acho que está acontecendo é contrário do que eu me alimento aqui pra estar aqui. Minha história de vida pessoal como artesã eu acho que quando o profissional artesão ele tem isso como meio de vida, como sustento ele tende às

vezes dispersar e abrir um leque que depois é muito rentável. Porque a clientela pra artesanato é uma clientela fiel. Mas, não é uma clientela de A a Z. Agora os produtos industrializados já atingem toda essa clientela. Então o que eu acho que faz essa mudança justamente o meio de vida, a pessoa que vive daquilo e quer melhorar financeiramente. Mas, eu acho que é um grande erro porque se eu quisesse eu estaria exportando minhas peças e atendendo lojistas. Eu comecei aqui e atendia dois lojistas, mas hoje não dou conta mais. Porque estava deixando de ser prazeroso pra mim. (ANA, 2014)

[Quando perguntou-se a ela sobre a diferença de preço da peça artesanal e a peça industrializada, quanto a valor] Ele tem o seu valor. Não equiparo não. Equiparo mais por causa do preço. Então o pessoal fala vou ali no “1,99” e compro a 5,00. Então é questão de opção e cultura. (NUNES, 2014)

A gente vai administrando essa questão dentro da nossa possibilidade, dentro do melhor porque primeiro a gente tem que fazer com o amor e depois vem o retorno que é o financeiro. Porque se você for trabalhando com amor e jogando esse trabalho, buscando e fazendo dentro do seu atelier, dentro da sua casa e traz pra feira não tem como ter erro. Tem que ter o sucesso. Então o sucesso vem vindo devagar você vem conquistando e o dinheiro vem através do seu amor. (MARIA, 2014)

[Foi perguntado a essa artesã se ela tentava de alguma forma concorrer com a produção industrializada das máquinas] Não. Inclusive agora surgiram as máquinas computadorizadas (impressoras em 3D) que é uma concorrência até desleal com a gente, eu não posso acompanhar aquele preço, eu não tenho condição de acompanhar aquele preço, preço deles é metade do meu. Mas, mesmo assim eu não tenho que reclamar. Principalmente a clientela dessa feira. É uma clientela que entende e gosta. (APARECIDA, 2014)

É interessante compreender que o artesanato, a partir dos depoimentos definidos de trabalhadores na atividade, é um trabalho constituído em sua forma identitária e profissional mantido pelos profissionais e pela realimentação de um público definido.

Os artesãos de forma geral agem orientados por uma sistematização de trabalho expressa nos horários que elegem para trabalhar, na exposição de suas peças em alguma feira ou outro local, no envolvimento com a produção do início ao fim de suas obras. Observamos uma realidade na forma de produção do artesanato que revela influências regionais que são trazidas pelos artesãos e inseridas no meio social e cultural em que se encontram e trabalham. Podemos demonstrar e refletir essa questão na fala da artesã Janete (2013) quando perguntamos sobre qual tipo de

artesanato que ela trabalhava e como desenvolveu esse tipo de trabalho na cidade de Goiânia. Essa artesã expõe na Feira do Cerrado:

[Ela diz o tipo de material que trabalha]. São linhas a Anne e a Clea. Faz um mix com essas linhas às vezes a gente faz um tipo diferente, uma linha diferente vai testando as linhas, mas até agora deu tudo certo.

[Ela diz de que forma cria as calças e coletes, o que utiliza para criar] Utilizo tipo uns quadros, tipo tear cheio de preguinho ao redor e a gente faz uma base nele, como eles falam lá no Nordeste, porque isso é lá no Nordeste.

[Ela diz como trouxe a técnica para Goiânia] Eu trouxe umas peças e desenvolvi elas aqui. Então a gente faz a rede do pescador que eles falam lá. Realmente é feito como se fosse uma rede do pescador. Uma rede mesmo e borda em cima dela essas flores e faz os detalhes e monta a blusa. A gente trouxe e aprendeu a fazer aqui. Como a gente mexe muito com tricô e trabalho manual e você pegando uma peça desmanchando e testando vai fazendo já tem uma linha.

O artesanato se faz, dessa forma, com a mistura de elementos regionais marcantes que são inseridos numa outra realidade cultural, como no caso do artesanato encontrado na cidade de Goiânia. O artesanato exposto é bem diversificado, de modo que, encontramos traços característicos de outras localidades nos trabalhos artesanais em Goiânia. A pesquisa nos mostrou também que, em geral, os artesãos brasileiros criam seus artesanatos influenciados por elementos regionais marcantes no local onde trabalham.

O artesão que temos na realidade contemporânea apresenta uma identidade construída de forma diversificada. Em alguns casos o artesão atuante não foi artesão desde o início de sua vida laboral, mas, desenvolveu essa prática junto à outra atividade de trabalho ou após essa atividade. Em uma entrevista que fizemos com um artesão, ele nos relata sua condição de profissional bancário que tinha também uma tendência às artes, ou seja, possui duas identidades profissionais. Esse artesão não expõe na Feira do Cerrado,

[Perguntamos se sempre foi Artesão]. Paralelamente eu fui bancário, me aposentei como bancário, mas eu sempre trabalhei com arte, tanto que dentro eu escolhi uma área de RH – Recursos Humanos para trabalhar com a arte e dentro do RH, eu trabalhei na área de programação visual para mim trabalhar com a minha arte, como artista, lá trabalhei com vários projetos dentro da arte. Como eu já me aposentei e tinha essa experiência com a arte, a ganhar dinheiro com a arte, vender quadros, tudo na área de arte, eu decidi a me formar em

artes visuais. Eu vou fazer o quê agora? Vou fazer um curso de artes visuais. Comecei a dar aulas também de artes, isso também me incentivou muito. (NETO, 2012)

Em outros casos, por exemplo, a identidade do artesão foi despertada pela necessidade em ter outra atividade de trabalho, por estar deixando a anterior. Trazemos para compreender essa percepção o caso do João (2010) que trabalhava na construção civil e decidiu deixar esse trabalho e começar a trabalhar com o artesanato. A ideia trazida a partir desse perfil encontrado na pesquisa é de que, o artesão não é aquele que nasceu e desenvolveu apenas o trabalho com o artesanato, mas, de um artesão que se descobriu após outros processos de trabalho. Vejamos:

[Perguntamos quanto tempo trabalha com artesanato]. Estou vindo da Construção Civil após 44 anos de construção, e agora há 06 anos estou trabalhando com artesanato. Esse artesanato eu trabalho com material do cerrado, com madeira tombada 30 anos e esculpida naturalmente pela a erosão, faço mais peças sacras, porque a rusticidade é muito, mas pode ser feito outras coisas: animal, fazer escultura e até viola. Então, eu estou ainda na parte de aprendizagem.

[Perguntamos como foi a transição de um trabalho para outro]. Eu larguei a Construção Civil já por causa da idade, e eu sou uma pessoa que não tem formação, não sou formado, então hoje uma pessoa da minha idade para voltar a trabalhar teria que estudar e trabalhar com internet, então eu preferi ficar na minha garagem no meu cantinho trabalhando sozinho.

Há exemplos de artesãos que, desde sua infância e por influência da família desenvolveu a identidade para o trabalho com o artesanato e de forma geral todos os artesãos que entrevistamos possuem uma identificação com o trabalho que realizam como, a experiência da artesã Aparecida (2014) que nos disse trabalhar sempre apenas como artesanato:

Eu vivo artesanato. Eu faço desde treze anos. Primeiramente eu mexi com tecido e depois com tela. Artesanato é de época, você não vai fazer uma coisa sempre. Então você vai inovando pegando novas técnicas. Depois eu passei pra argila, argila fria, modelar e pintar argila, depois gesso, depois fui pra porcelana. Depois na porcelana eu fiquei bem mais. A porcelana muitos ela é classificada como artesanato e ao mesmo tempo ela é arte também. Tudo que você faz em série é artesanato, daí depois eu vim pra cabeça. Estou desde 1996 mexendo com cabaça. Inclusive como eu te falei fiquei quatro anos e meio aqui na feira, mas aí dando aula em três lugares e produzir pra feira ficava meio complicado.

No meu caso foi. Via a minha mãe pintar, hoje ela está com 76 anos, pejejo pra ela fazer alguma coisa, mas ela diz que cansou e não quis

mais. Eu vi que na época com seis filhos e tudo não dava tempo de fazer muita coisa. Hoje pra mim é uma profissão, mas pra ela era um lazer.

O mercado e o Estado são pontos que acreditamos, pela pesquisa realizada, serem parâmetros motivadores que orientam a produção do artesanato e participam na construção da identidade profissional do artesão. Existe por parte dos artesãos a consciência de um mercado restrito aos seus produtos e a ausência de incentivos por parte do Estado à produção artesanal. A fala de uma artesã demonstra essa ideia:

[Perguntamos como ela percebia o mercado para o Artesanato]. O mercado, o pessoal não reconhece não valoriza ainda, mas precisa ser reconhecido, e nós não temos apoio, precisaria ter apoio da Secretaria de Cultura, (no caso, da cidade de Goiânia, Estado de Goiás) eu acho que o apoio é muito pouco, você não tem chance de fazer exposição, coisas desse tipo. Então falta muito apoio e as pessoas valorizar mais, porque tem gente que chega em mim “porque que custa tanto se é catado no mato?” não é, eu tenho uma pessoa que me fornece, eu pago por aquele material, então eu não vou lá no mato e cato o que é sementinha e vou colocando, mesmo porque é tratado, o material é tratado, então não é bem assim porque é semente do mato a pessoa tem que desvalorizar, a pessoa tem que enriquecer, eu acho que o valor na cabeça das pessoas está muito estreita em relação a cultura, a arte. (RAFAELA, 2010)

Mesmo não existindo um mercado muito grande para produtos artesanais, há uma relação construída pelos artesãos de fidelização ao seu cliente e a busca por parte desses artesãos em sempre estarem acompanhando o que o mercado propõe. É fato que, não existe um mercado amplo para os produtos artesanais, entretanto, há um mercado específico, com um público específico que procura pelo trabalho artesanal com suas formas singulares de produção que diferem das formas desenvolvidas pela produção industrializada dos produtos. Encontramos artesã que nos demonstrou de forma definida o que pensa sobre sua produção artesanal, a dinâmica existente do mercado atual e o processo de fidelização com seus trabalhos:

[A artesã nos diz sobre a conquista pelo seu público, o qual é fiel]. Tenho. Fiz um público aqui, mas já tinha o meu também. Todas as épocas comemorativas natal, dia das mães, lembranças pra casamentos, batizados. (NUNES, 2014)

Há a crença de que, se o trabalho com o artesanato for um fazer bem feito, criará-se um público fiel a este trabalho. É uma forma de administrar o mercado, a criatividade e a autonomia do artesão, como nos traz uma artesã:

A gente vai administrando essa questão (do mercado) dentro da nossa possibilidade, dentro do melhor porque primeiro a gente tem que fazer com o amor e depois vem o retorno que é o financeiro. Porque se você for trabalhando com amor e jogando esse trabalho, buscando e fazendo dentro do seu atelier, dentro da sua casa e traz pra feira não tem como ter erro. Tem que ter o sucesso. Então o sucesso vem vindo devagar você vem conquistando e o dinheiro vem através do seu amor. (RITA, 2014)

[Perguntamos se a artesã tem cliente que são fieis]. Tenho. É o maior prazer ver o cliente voltando. Esse pra mim é o resultado do trabalho, você vê que o cliente comprou e domingo que vem ele volta pra comprar mais porque ele gostou. Então esse é o maior prazer, é o resultado que a gente está vendo que vai dá certo por esse comportamento do cliente. (RITA, 2014)

[Outra artesã dizendo que possui clientes fidelizados ao seu trabalho]. Tenho clientes que são fieis no sentido, por exemplo, uma noivinha eu atendi e ela volta com a prima, irmã. Porque eu realizei o sonho do casamento. Dificilmente mesmo que o casamento não dê certo e ela se case de novo ela vai querer todas essas coisas. Também mãe, uma noivinha que veio e comprou José e Maria pro cortejo, ela voltou depois de dois anos esperando neném queria um José e Maria no quarto do bebê, então acontece. A própria festa do casamento, as brincadeiras já é a propaganda do meu trabalho. Pessoas que eu não conheço vêm porque participaram do casamento. (ANA, 2014)

O artesão reconhece que os produtos vindos do trabalho artesanal são diferenciados e, portanto são adquiridos por pessoas também diferenciadas que, comprem o artesanato por escolherem este tipo de produção. É muitas vezes produzido todo à mão, com um tempo maior para cada peça e exige-se atenção por parte do artesão para as minuciosidades em sua fabricação. Para isso é necessário um trabalhador com habilidades diferentes do trabalhador industrial, como concorda a artesã Rita (2014): “o artesanato é procurado mais pelas pessoas que entendem mais, tem um público especial, ele é exigente, eles são mais minuciosos, é uma minoria, mas é um público que procura qualidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Procurou-se aqui analisar como o artesanato pode ser compreendido enquanto trabalho e enquanto forma identitária. Foram identificados elementos que nos permitiram apontar o artesanato como um trabalho informal, geralmente atípico e que pode envolver precarização das condições laborais. O artesanato como trabalho tem relação com a produção manual e a industrial. Como atividade de trabalho que tem raízes na figura do artífice, o artesanato se modificou junto à realidade do trabalho industrial, gerando uma nova forma, em que se deve importar com as demandas dos clientes e com as tendências econômicas do mercado e ao mesmo tempo com características singulares, como, habilidades manuais e criatividade.

Observou-se um artesanato produzido com elementos variados quanto aos aspectos regionais. Há trabalhadores que desenvolveram suas identidades a partir apenas do trabalho com artesanato; outras as construíram com base em outras formas de atividade laboral. Há também os que construíam suas identidades de forma mais pragmática, administrando suas criatividade e habilidades com as tendências do mercado e criando laços de fidelidade junto a seus clientes, sem contar o apoio do Estado em seus trabalhos.

Essa análise recai tanto sobre o sujeito artesão trabalhador, quanto sobre a própria produção artesanal, ao verificarmos que os artesãos trabalhadores, mesmo com elemento impulsionador do seu trabalho voltado para o gosto e vocação, acabam norteando sua produção pelo caráter econômico, ao produzir suas peças orientadas pelos sentidos que os clientes darão à sua produção, sentido este motivado pelo aspecto econômico.

O trabalho em artesanato apresenta-se historicamente como práticas de saberes e como profissão de ofício, mesmo caminhando junto ao trabalho industrializado e em muitos casos dependendo dele para finalizar sua produção. Possui características peculiares, tanto se referindo ao Brasil como na cidade de Goiânia, considerados os perfis obtidos nas bases governamentais, no survey por questionários on-line e pela análise das entrevistas. Conduz a uma identidade multidimensional, com elementos da forma identitária profissional, mas também da identidade cultural em sua composição.

Os artesãos de forma geral agem orientados por fatores como os disponíveis para trabalhar, os locais de exposição de suas peças e o envolvimento com a produção do início ao fim de suas obras. Observamos uma forma de produção do artesanato que revela influências regionais recuperadas pelos artesãos e concernentes ao meio social e cultural em que se encontram e trabalham. O artesanato se faz, dessa forma, com a mistura de elementos regionais marcantes que são inseridos numa outra realidade cultural, como no caso do artesanato encontrado na cidade de Goiânia.

Há exemplos de artesãos que, desde sua infância e por influência da família, desenvolveram uma identidade para o trabalho com o artesanato e de forma geral todos os artesãos que entrevistamos possuem uma identificação com o trabalho que realizam.

O mercado e o Estado são pontos que acreditamos, pela pesquisa realizada, serem parâmetros motivadores que orientam a produção do artesanato e participam na construção da identidade profissional do artesão. Existe por parte dos artesãos a consciência de um mercado restrito aos seus produtos e a ausência de incentivos vindos por do Estado à produção artesanal.

Mesmo não existindo um mercado muito grande para produtos artesanais, há uma relação construída pelos artesãos de fidelização ao seu cliente e a busca por parte desses artesãos em sempre estarem acompanhando o que o mercado propõe. É fato que, não existe um mercado amplo para os produtos artesanais, entretanto, há um mercado específico, com um público específico que procuram pelo trabalho artesanal com suas formas singulares de produção que diferem das formas desenvolvidas pela produção industrializada dos produtos. Encontramos artesãos que nos demonstraram de formas definidas o que pensa sobre sua produção artesanal, a dinâmica existente do mercado atual e o processo de fidelização com seus trabalhos. Há a crença de que, se o trabalho com o artesanato for um fazer bem feito, criará-se um público fiel a este trabalho. É uma forma de administrar o mercado, a criatividade e a autonomia do artesão.

O artesão reconhece que os produtos vindos do trabalho artesanal provêm de uma produção diferenciada e, portanto, são adquiridos por pessoas também diferenciadas, que compram por se identificarem com este tipo de produção preponderantemente manual, que exige um tempo maior para cada peça e atenção por parte do artesão para as minuciosidades em sua fabricação. Por isso é

necessário um trabalhador com habilidades diferentes do trabalhador industrial, como declararam diversos trabalhadores entrevistados.

O artesanato produzido pelos artesãos os quais pesquisamos possui uma identidade profissional observada em características objetivas e subjetivas apresentadas. Primeiro, verificamos a presença de uma rotina de trabalho determinada por todos os artesãos na fabricação dos seus artesanatos, o compromisso em fazer o produto com habilidades manuais, dinamismo e criatividade, todos eles reservam parte do seu tempo diário e um local específico para criarem suas peças, possuem espaços especiais para expô-las e escolheram fazer o artesanato especialmente para tê-lo como um trabalho renda. O caráter subjetivo que forma a identidade profissional dos artesãos pesquisados está em sua valorização subjetiva do que propõe fazer enquanto trabalho. Passa pela dimensão estabelecida de uma prática de ofício, de vocação e de gostar do que faz, pela dimensão emocional e do bem-estar e pela identificação com o que se faz. Existe entre eles o prazer em fazer e o cuidado com a peça que produz; muitos assinam suas produções como forma de garantir exclusividade nos trabalhos.

Mesmo se desenvolvendo como um tipo de trabalho com formas precárias e informais de existência, o trabalho com o artesanato realizado pelo artesão trabalhador, se faz com aspectos diferenciados do trabalho industrializado, existindo a ideia da fidelização e da produção manual no trabalho do artesão. Encontramos durante a pesquisa muitos artesãos que, já possuíam públicos esperados para suas peças.

Direcionando-nos pelo objetivo principal desse trabalho, a análise do processo laboral e a construção da identidade no trabalho em artesanato em Goiânia e no Brasil, refletimos acerca da questão da divisão sexual no trabalho com o artesanato e observamos que não há uma divisão preponderante entre homens e mulheres o que diz respeito ao sexo, mas visões diversificadas, de modo que, algumas artesãs preferiram o artesanato pelo fato de poderem trabalhar em casa e ficar mais próximo dos filhos, outras, trabalham com artesanato sem levar em consideração a dimensão doméstica e materna, alguns artesãos acreditam que o artesão não possui uma separação no fazer artesanato indicada pelo gênero, mas sim, preferências por materiais e tipos de artesanato gerenciadas pelo gosto de cada artesão. Portanto, o que ficou bem delineado enquanto conhecimento sobre a divisão sexual no trabalho com o artesanato é o fato de, não haver uma

representação que delineasse um fazer laboral artesanal de artesãos e artesãs pelo gênero especificamente.

Os artesãos reconhecem-se na sociedade contemporânea como trabalhadores diferenciados, quanto às técnicas especiais que utilizam para produzir suas peças e em muitos casos até exclusivas de cada artesão, como trabalhadores que pelas suas produções serem manuais e exigirem um trabalho com mais detalhes e com mais tempo para cada produto possuem um produto com preço mais alto que os preços dos produtos industrializados. Veem-se, como profissionais que gostam do que fazem e concomitantes a isso consideram o preço dos produtos industrializados, a demanda por produtos artesanais, os gostos e as tendências diversificadas apresentadas pelos diversos clientes.

Podemos afirmar para essa pesquisa que, a identidade do trabalhador artesão foi contruída historicamente ao verificarmos a essência do artífice com um símbolo do verdadeiro artesão, a identidade foi formada por elementos culturais, sociais e laborais, o processo e organização do trabalho dos artesãos foram ao longo da história modificados, mas, continuam juntos ao processo e organização do trabalho industrial. É um trabalho diferenciado expresso sob várias formas identitárias.

REFERÊNCIAS

Acervo da Biblioteca Municipal Cora Coralina. Campinas. Goiânia. 2010.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

BORGES, Adélia. Design + Artesanato. O caminho brasileiro. São Paulo: terceiro nome, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CARDINI, Laura Ana. *Artesanias em movimiento* – Uma aproximación a lãs prácticas artesanales de La ciudad de Rosario. In: La Artesanía Urbana como Patrimonio Cultural. Buenos Aires: Comisión para La Preservación Del Patrimonio Histórico Cultural de La Ciudad de Buenos Aires, 2004.

CASTEL, Robert. A sociedade salarial. In: *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis RJ: Vozes, 1998.p. 415-493.

Central do Artesanato. Rua um. Centro. Goiânia. 2010.

CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata*. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: FLASCO, 2005. Livro impresso.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins fontes, 2005.

_____. *A Crise das identidades*. A interpretação de uma mutação. Porto: Edições afrontamento, 2006.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 2v.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 1v.

Feira do Cerrado. Rua 72. Jardim Goiás. Goiânia. 2010.

FONTAINE, Annie. *La Culture du Travail de rue: une construction quotidienne*. Université de Montréal. 2011.

FRANZOI, Naira Lisboa. *Entre a Formação e o Trabalho: trajetórias e identidades profissionais*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

GIDDENS, Anthony. *Constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *Conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. *Teoria Social Hoje*. São Paulo: UNESP, 1999.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX. In: *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 8.ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 115-184.

IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados do Censo de 2010.

IMBROISI, Renato e KUBRUSLY, Maria Emilia. *Desenho de Fibra. Artesanato Têxtil no Brasil*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2011.

KELLER, Paulo Fernandes. *Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios*. Sociedade e Cultura. Revista de Pesquisas e Debates em Ciências Sociais. UFG. V. 14. N. 1. 2011.

MILLS, C. Wright. *Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

OLIVEIRA, Geruza Silva de Oliveira Vieira. “*Desordem Organizada*”: Processo de Interação Social os Espaços Públicos. Um Olhar sobre os Vendedores Ambulantes no Mercado Aberto de Goiânia. Dissertação de Mestrado. UFG/FCS. 2005. Orientadora: Dra. Genilda Darc Bernardes. Goiânia. 160 paginas.

OLIVEIRA, Roberto Vêras; GOMES, Darcilene; TARGINO, Ivan (orgs). *Marchas e Contramarchas da Informalidade do Trabalho*. Das Origens às novas abordagesn. João Pessoa: editora Universitaria, 2011.

PELEGIRINO, Ana Izabel de Carvalho. Trabalho informal: a questão das mulheres das favelas de Praia da Rosa e Sapucaia. In: GOMES, Maria de Fátima Cabral Marques (org.). *Cidade, transformações no mundo do trabalho e políticas públicas: a questão do comércio ambulante em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: Faperj; DP&A, 2006. P. 31-49.

PERLONGHER, Nestor. *Territórios marginais*. São Paulo: Escuta, 1995.
POCHMANN, M. (Coord.) – *Trabalho legal, ilegal e “ilegal”* – Novidades da dinâmica do mercado de trabalho no Brasil. Jornal do DIAP, nº 186, abril/maio de 2003.

_____. *O Trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo: Contexto, 1999.

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

SARAMAGO, José. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Adriana Dias. *Informalidade: comportamento do Setor Informal em Anápolis/GO. (1986-2002)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2002.

STRAUSS, Anselm L. *Espelhos emáscaras*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 1999, p. 11-98.

TITO, Hilda Fernández. *Qué es una artesanía?* In: La Artesanía Urbana como Patrimonio Cultural. Buenos Aires: Comisión para La Preservación Del Patrimonio Histórico Cultural de La Ciudad de Buenos Aires, 2004.

UWE, Flick. Entrevistas semi-estruturadas. In: *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2ed. Porto Alegre: bookman, 2004, p. 89-143.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. São Paulo: UnB, 2004.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

Artesanato Goyazes. Instituto Casa Brasil de Cultura. Disponível em: <http://www.icbc.org.br>. Acesso em: fevereiro de 2013.

Adriana Fraga da Silva. “Meu avô era tropeiro!”: identidade, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo – Bom Jesus (Rio Grande do Sul). Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=-vtsRhvgEVYC&hl=pt-BR&source=gbs_slider_cls_metadata_2_mylibrary. Acesso em: março de 2013.

Norma Simão Adad Mirandola. CEGRAF/UFG, 1993. As tecedeiras de Goiás: estudo lingüístico, etnográfico e folclórico. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=DqINAAAAYAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_slider_cls_metadata_9_mylibrary. Acesso em abril de 2012.

Inalda Monteiro Silvestre, Sylvia Pereira de Holanda Cavalcanti. Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1981. Artesanato brasileiro: uma contribuição à sua bibliografia. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=Yy5jAAAAMAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_slider_cls_metadata_9_mylibrary. Acesso em março de 2012.

Stuart Hall. Editora UFMG, 2006. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=Te3wAAAAMAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_slider_cls_metadata_9_mylibrary. Acesso em março de 2012.

Sandrine Cortessis, Guy Jobert. Faculté de psychologie et des sciences de l'éducation, Université de Genève, 2002. Le comédien entre ombre et lumière: Identités au travail et reconnaissance sociale. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=Te3wAAAAMAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_slider_cls_metadata_9_mylibrary. Acesso em março de 2012.

Roberto Parreira, Vicente Salles. Edição FUNARTE, 1978. Artesanato Brasileiro. http://books.google.com.br/books?id=Te3wAAAAMAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_slider_cls_metadata_9_mylibrary.

Escola de Reeducação do Movimento Ivaldo Bertazzo, 2000. Mestres-artesãos. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=Te3wAAAAMAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_slider_cls_metadata_9_mylibrary. Acesso em janeiro de 2013.

SILVA, Heliana Marinho da. Por uma teorização das organizações de produção artesanal: habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3274/Tese%20Heliana.pdf?sequence=1>. 2006. Acesso em janeiro de 2014.

Site sobre artesanato. Disponível em: <http://www.elo7.com.br>. Acesso em junho de 2010.

Site sobre artesanato em rede. Disponível em: <http://www.artesanatonarede.net>. Acesso em abril de 2011.

Site sobre portal do artesanato. Disponível em: <http://www.portaldeartesanato.com.br>. Acesso em junho de 2011.

Site sobre artesanato. Disponível em: <http://www.tudoarte.com.br>. Acesso em março de 2012.

Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em maio de 2012.

Economia informal: aspectos conceituais e teóricos. KREIN, José Dari; PRONI, Marcelo Weishaupt. Escritório da OIT no Brasil. - Brasília: OIT, 2010, 1 v. (Série Trabalho Decente no Brasil; Documento de trabalho n.4. Disponível em: http://www.oit.org.br/sites/default/files/topic/employment/pub/economia_informal_241.pdf. Acesso em junho de 2012.

Site do Instituto Casa Brasil Cultura. Disponível em: <http://www.icbc.org.br>. Acesso em 2012.

Artesanato brasileiro. <http://diariodeantropologia.blogspot.com.br/2008/10/parte-i-captulo-3-as-bordadeiras-de.htm>. Acesso em 21 de janeiro de 2013.

Artesanato brasileiro. Disponível em: <http://pt.wikihow.com/Praticar-Macram>. Acesso em 21 de janeiro de 2013.

MARTINS, Saul. *Contribuição ao Estudo Científico do Artesanato. Belo Horizonte*. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1973. Disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/artesanato.html>. Acesso em 2013.

Central do Artesanato. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=13210&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>. Acesso em 14 de outubro de 2012.

Manual para o desenvolvimento e a integração de atividades turísticas. Disponível no site: <http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato/sobre-artesanato/mercado/acesso/Manual%20de%20Integracao%20da%20Producao%20Associada%20ao%20Turismo.pdf>. Acesso em: 24/10/2012.

Artesanato brasileiro. Disponível em: <http://www.uenf.br/Uenf/Pages/CCH/UESI/Ceramica>. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

Base Conceitual do Artesanato Brasileiro. Programa do Artesanato Brasileiro. Disponível em: www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/dwl. Acesso em 2011.

Artesanato. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-artesanato/hist.php>. Acesso em 2011.

Documento assinado digitalmente conforme MP no-2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. Disponível em: <http://www.in.gov.br/autenticidade.html> pelo código 00012010100600100. Acesso em 14 de janeiro de 2014.

ENTREVISTADOS

Entrevistada Morgana. Entrevista concedida. Goiânia, 2010.

Entrevistado Antônio. Entrevista concedida. Goiânia, 2010.

Entrevistado Pedro. Entrevista concedida. Goiânia, 2010.

Entrevistada Rafaela. Entrevista concedida. Goiânia, 2010.

Entrevistado João. Entrevista concedida. Goiânia, 2010.

Entrevistada Nilva. Entrevista concedida. Goiânia, 2012.

Entrevistada Regina. Entrevista concedida. Goiânia, 2012.

Entrevistado Neto. Entrevista concedida. Ceres, 2012.

Entrevistada Matilde. Entrevista concedida. Goiânia, 2012.

Entrevistada Paulo. Entrevista concedida. Ceres, 2012.

Entrevistada Isadora. Entrevista concedida. Goiânia, 2013.

Entrevistada Janete. Entrevista concedida. Goiânia, 2013.

Entrevistada Rose. Entrevista concedida. Goiânia, 2013.

Entrevistada Nunes. Entrevista concedida. Goiânia, 2014.

Entrevistada Maria. Entrevista concedida. Goiânia, 2014.

Entrevistada Aparecida. Entrevista concedida. Goiânia, 2014.

Entrevistada Ana. Entrevista concedida. Goiânia, 2014.

Entrevistada Rita. Entrevista concedida. Goiânia, 2014.

Questionário: Pesquisa: Identidade e Trabalho no Artesanato. 2010.

Roteiro de Entrevista. 2010.

Regimento interno da Feira do Cerrado. Goiânia. 2014.

ANEXOS

ANEXO 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA

**ROTEIRO DE ENTREVISTA – PESQUISA –
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PESQUISADORA: GERUZA SILVA DE OLIVEIRA VIEIRA
ORIENTADOR: JORDÃO HORTA NUNES**

01. Que tipo de artesanato você trabalha? Quando digo sobre artesanato, o que lhe vem a cabeça?
02. Como o Artesanato e Trabalhos Manuais surgiram em sua vida?
03. Quanto tempo faz que trabalha com Arte?
04. Como é a experiência em trabalhar com as técnicas que realiza em seus trabalhos?
05. Quais os materiais e/ou produtos são seus preferidos na hora de compor seus trabalhos artesanais e, também, manuais?
06. De onde surge a inspiração que motiva suas criações?
07. Como é sua rotina e local de trabalho? Dá aulas também?
08. Qual sua visão sobre o Artesanato e Trabalhos Manuais na sua região e, em âmbito geral, no país?
09. Como você definiria artesanato?
10. Sobre a questão ambiental, como é sua participação na reciclagem de materiais que poderão vir a se tornar Arte? Possui essa preocupação na composição de suas artes?

11. Qual é a marca registrada de seus trabalhos e peças? Além disso, conte-nos suas cores preferidas.
12. Qual o seu principal motivo em trabalhar com o artesanato?
13. Quais são suas metas, seus objetivos, planos, atualmente para o futuro no ramo artístico?
14. Você possui outra atividade de trabalho além do artesanato?
15. Quanto tempo você se dedica ao artesanato como trabalho?
16. Você sempre quis trabalhar com o artesanato?
17. Você se identifica com o trabalho que faz com o artesanato? Como isto acontece?
18. Você poderia dizer alguma idéia, pensamento ou frase que inspire a criação de seus trabalhos e que direciona a criatividade desses trabalhos em sua vida?
19. Você acredita que existe uma divisão sexual no trabalho com o artesanato? Ou uma divisão por materiais? Por cores?
20. Você aprendeu artesanato com que pessoas?
21. Você acha que o artesanato é dom?

Obrigada pela sua contribuição!

ANEXO 2: QUESTIONÁRIO – IDENTIDADE E TRABALHO NO ARTESANATO

Pesquisa - Identidade e Trabalho no Artesanato

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar sociologicamente o trabalho em artesanato no Brasil, com ênfase na construção da identidade. Os objetivos específicos são: analisar historicamente as formas de trabalho e do mercado de compra e venda de artesanato no Brasil e no âmbito regional-local do estado de Goiás e da cidade de Goiânia; analisar a relação entre identidade social do trabalhador em artesanato e identidade cultural relacionada ao artesanato regional e nacional; compreender a divisão sexual do trabalho em artesanato em Goiânia e no Brasil a construção do gênero entre os trabalhadores do artesanato. Este questionário é destinado ao artesão ou artesã que seja o principal responsável pela produção no empreendimento selecionado, ou pelo menos possua participação significativa na produção.

Pesquisa - Identidade e Trabalho no Artesanato

*Obrigatório

Qual é o seu sexo? *

- ☐ feminino
- ☐ masculino

Qual é a sua idade? (em anos completos) *

Em que cidade você reside? *

Há quanto tempo reside nesta cidade? *Em anos completos, aproximadamente. Quando o tempo for menor que um ano, colocar "1".

Em que local você desenvolve sua atividade profissional? (cidade, região, etc..) *

Há quanto tempo trabalha neste local? *Em anos completos, aproximadamente. Quando o tempo for menor que um ano, colocar "1".

No local em trabalha existe algum elemento regional marcante? *Existe relevância de algum item cultural nesta região em que trabalha, como alimentação, vestuário, artes, religião etc...?

- ☐ sim
- ☐ não

No caso de existir elemento cultural importante no âmbito regional, com qual aspecto este se relaciona? *Existe relevância de algum item cultural nesta região em que trabalha, como alimentação, vestuário, artes, religião etc...?

- ☐ Alimentação
- ☐ Artes visuais (pintura, escultura etc.)
- ☐ Artes cênicas (teatro)
- ☐ Arte popular (artesanato, festas culturais etc.)
- ☐ Religião
- ☐ Música
- ☐ Outro:

Quais foram os motivos que o(a) levaram a trabalhar com o artesanato? *

 A large rectangular text area with a light gray background and a thin border. It contains no text. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically. On the bottom left, there are two small square buttons side-by-side. On the bottom right, there is one small square button.

Você trabalha com que tipo de artesanato? *

 A large rectangular text area with a light gray background and a thin border. It contains no text. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically. On the bottom left, there are two small square buttons side-by-side. On the bottom right, there is one small square button.

Quais os motivos que o(a) levaram a escolher este tipo de artesanato para trabalhar? *

 A large rectangular text area with a light gray background and a thin border. It contains no text. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically. On the bottom left, there are two small square buttons side-by-side. On the bottom right, there is one small square button.

Você possui alguma inspiração relacionada a seu trabalho com o artesanato? *Você acredita em algo que se relacione ao seu trabalho como artesão?

Qual é a sua escolaridade? *

- ☐ Até ensino fundamental completo
- ☐ Do fundamental até ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo
- ☐ Pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado)
- ☐ Outro:

Dados Profissionais

Como você tomou contato com a atividade de artesanato (na família, na comunidade, etc.)? *

Há quanto tempo ocorreu esse primeiro contato com o artesanato como forma de trabalho? *Em anos completos. Quando for menos de um ano, colocar "1".

Você possui outra profissão ou ocupação além do trabalho com artesanato? *

- ☐ sim
- ☐ não

Qual outra profissão ou ocupação que você desenvolve além do artesanato? *Deixe em branco caso o artesanato constitua sua única atividade profissional ou ocupacional.

Antes de trabalhar com artesanato, você trabalhou com outra atividade remunerada? *

- ☐ sim
- ☐ não

Qual foi (ou quais foram) a atividade remunerada em que você trabalhou antes do trabalho com o artesanato?

*Deixe em branco caso não tenha trabalhado antes com outra atividade remunerada.

Qual o tempo gasto diariamente em sua atividade como artesão (produzindo as peças, coletando material, etc.)

*Em horas completas por dia, aproximadamente,

Qual é a importância econômica do seu trabalho com o artesanato? *

- ☐ Praticamente 100% do meu rendimento
- ☐ Até 75% do meu rendimento
- ☐ Até 50% do meu rendimento
- ☐ Até 25% do meu rendimento
- ☐ Praticamente não influi no meu rendimento

Você produz o seu artesanato como qual finalidade? *Utilize a escala a seguir para avaliar cada item, sendo "5" muito importante e "1" sem importância

	1	2	3	4	5
econômica	☐	☐	☐	☐	☐
cultural	☐	☐	☐	☐	☐
ecológica	☐	☐	☐	☐	☐
religiosa	☐	☐	☐	☐	☐
familiar	☐	☐	☐	☐	☐
acadêmica	☐	☐	☐	☐	☐
política	☐	☐	☐	☐	☐

Como você adquire os materiais para a produção do seu artesanato? *

A produção do seu artesanato requer algum tipo de encomenda ou importação? *Recurso a materiais produzidos fora do local, em outra cidade, estado ou país

- ☐ sim
- ☐ não

Qual o tipo de encomenda ou importação que você realiza para confeccionar os produtos artesanais com que trabalha? *Tipo de material e local onde é produzido

Você envia para outras localidades produtos para a produção do seu artesanato? *

- ☐ sim
- ☐ não

Para quais localidades você envia os seus produtos? *Principais destinos dos produtos enviados. Deixe em branco caso não envie produtos a outras localidades.

Posição Social

Seu pai exerce ou exerceu alguma atividade profissional ligada ao artesanato? *

- ☐ sim
- ☐ não

Esta e a próxima questão são apenas para quem respondeu "sim" na pergunta anterior: Qual outra atividade profissional é exercida pelo seu pai, além do artesanato? *Responda "nenhuma" caso seu pai não exerça outra atividade além do artesanato.

Antes de exercer esta atividade profissional ligada ao artesanato, seu pai exercia outra atividade profissional? *

- ☐ sim
- ☐ não

Sua mãe exerce ou exerceu alguma atividade profissional ligada ao artesanato? *

- ☐ sim
- ☐ não

Esta e a próxima questão são apenas para quem respondeu "sim" na pergunta anterior: Qual é outra atividade profissional é exercida pela sua mãe, além do artesanato? *Responda "nenhuma" caso sua mãe não exerça outra atividade além do artesanato.

Antes de exercer esta atividade profissional ligada ao artesanato, sua mãe exercia outra atividade profissional? *

- ☐ sim
- ☐ não

Existe alguém em sua família que trabalha com o artesanato? *

- ☐ sim
- ☐ não

Você sabe o que levou seu pai a escolher esta atividade com o artesanato? *Deixe em branco apenas no caso em que seu pai não tenha trabalhado ou trabalhe com artesanato

Você sabe o que levou sua mãe a escolher esta atividade com o artesanato? *Deixe em branco apenas no caso em que sua mãe não tenha trabalhado ou trabalhe com artesanato

Qual a escolaridade de seu pai? *

- ☐ Sem escolaridade
- ☐ Até ensino fundamental completo
- ☐ Até ensino médio completo
- ☐ Até ensino superior completo

Qual a escolaridade de sua mãe? *

- ☐ Sem escolaridade
- ☐ Até ensino fundamental completo
- ☐ Até ensino médio completo
- ☐ Até ensino superior completo

Formas Identitárias

O seu artesanato possui relação com algum aspecto social? *Por exemplo: cultura, ideologia, política, emancipação, crítica, inclusão, ação afirmativa etc.

- ☐ sim
- ☐ não

A qual (is) questão(ões) social(is) você acha que o seu trabalho com artesanato está ligado? *Pode-se marcar mais de uma alternativa.

- ☐ Questão ambiental
- ☐ Questão da saúde
- ☐ Cultura regional
- ☐ Associativismo

- ☐ Cooperativismo
- ☐ Outro:

Como seu trabalho artesanal está relacionado com a(s) questão (ões) social (is) assinaladas na resposta anterior?
 *Deixar em branco caso seu trabalho com artesanato não esteja relacionado a questões sociais.

Você se identifica com o trabalho que faz com o artesanato? *

- ☐ Totalmente
- ☐ Parcialmente
- ☐ Não me identifico

Seu artesanato está relacionado de alguma maneira a alguma Instituição Social? A sua produção artesanal está associada diretamente ou indiretamente a algum órgão, ONG ou outro tipo de Instituição?

- ☐ Instituição com fins lucrativos
- ☐ Instituição sem fins lucrativos
- ☐ Instituição não governamental
- ☐ Instituição religiosa sem fins lucrativos
- ☐ Outro:

Na sua opinião, o trabalho que você desenvolve com o artesanato, se identificaria melhor com o fazer masculino ou com o fazer feminino? Por quê? *O seu trabalho com artesanato tem relação com gênero, pode ser considerado masculino ou feminino, ou não está ligado a essas questões?

Você acredita que houve alguma mudança em sua vida a partir do desenvolvimento do seu trabalho com o artesanato? Em caso afirmativo, como? *O seu trabalho com artesanato trouxe alguma transformação, ou mesmo

interferiu de alguma forma em sua vida cotidiana?

Caso você seja casada (o), o seu trabalho com artesanato interferiu de alguma forma em sua relação familiar? Em caso afirmativo, de que forma? (filhos, esposa, marido etc..) *

Sendo casada (o), qual a participação do seu companheiro (a) na produção do artesanato que produz? *Se há ajuda, em termos de trabalho ou mão-de-obra, do (a) companheiro(a) na elaboração dos produtos artesanais.

- ☐ Não há participação
- ☐ Participação de 25%
- ☐ Participação de 50%
- ☐ Participação preponderante, como responsável pela maior parte da produção
- ☐ Outro:

Você desenvolve atividades domésticas além das atividades laborais com o artesanato? *

- ☐ sim
- ☐ não

Você acredita que o seu trabalho com o artesanato pode trazer algum tipo de preconceito pela sociedade? Em caso afirmativo, de que forma? *O trabalho que você faz com o artesanato pode provocar alguma forma de preconceito?

Você acredita que o trabalho que desenvolve com o artesanato contribui ou contribuirá para sua inserção na vida social? Em caso afirmativo, de que forma? *O trabalho com o artesanato que faz pode promover de alguma forma sua inclusão na sociedade?

Identidade de Gênero

Como homem, qual a sua visão com o trabalho que desenvolve com artesanato? *O que significa para você trabalhar com o artesanato? A sua condição masculina interfere de alguma forma no trabalho que realiza? De que forma?

Como mulher, qual a sua visão sobre trabalho que desenvolve com o artesanato? *O que significa para você enquanto mulher, trabalhar com o artesanato? A sua condição feminina interfere de alguma forma no trabalho que realiza? De que forma?

Dados Socioeconômicos

Quantos filhos ou enteados você tem? *Responder empregando números inteiros; se não tiver filhos colocar o algarismo "0"

Qual o seu estado civil? *

- ☐ Solteiro (a)
- ☐ Casado (o) ou com união estável
- ☐ Separado(a) ou divorciado(a)
- ☐ Viúvo(a)

Você se considera de qual religião? *

- ☐ Afro-brasileira
- ☐ Católica
- ☐ Espírita
- ☐ Ateu
- ☐ Pentecostal
- ☐ Sem religião
- ☐ Não-Pentecostal
- ☐ Protestante
- ☐ Outro:

No que diz respeito a sua cor ou raça, como você se classifica? *

- ☐ amarelo
- ☐ branco
- ☐ negro
- ☐ pardo ou mulato
- ☐ Outro:

Cidade e Estado ou País onde você nasceu? *

Você reside em Goiânia *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se reside, em Goiânia, há quanto tempo? *Responder em anos completos. Se for um período menor ou até um ano, coloque o algarismo "1"

A quais desses tipos de bens você ou algum de seus dependentes tem acesso? *

- ☐ carro (veículo automotor ou utilitário)
- ☐ casa própria
- ☐ computador de mesa
- ☐ notebook
- ☐ apartamento
- ☐ motocicleta
- ☐ chácara
- ☐ sítio
- ☐ outro imóvel

Com que você mora atualmente? *

- ☐ Sozinho (a)
- ☐ Com o (a) esposo (a)?
- ☐ Com o (a) esposo (a) e com o (s) filho (s)?
- ☐ Com amigos (compartilhando despesas)?
- ☐ Com amigos (de favor)?
- ☐ Com outros parentes (compartilhando despesas)?
- ☐ Com outros parentes (de favor)?

Caso você trabalhe somente com o artesanato, qual é a carga horária semanal aproximada? *Em horas por semana, empregando números inteiros.

Em qual unidade da Federação você nasceu? *

- ☐ AC
- ☐ AL
- ☐ AM
- ☐ AP
- ☐ BA
- ☐ CE
- ☐ DF
- ☐ ES
- ☐ GO
- ☐ MA

- ☐ MG
- ☐ MS
- ☐ MT
- ☐ PA
- ☐ PB
- ☐ PE
- ☐ PI
- ☐ PR
- ☐ RJ
- ☐ RN
- ☐ RO
- ☐ RR
- ☐ RS
- ☐ SC
- ☐ SE
- ☐ SP
- ☐ TO
- ☐ Nasceu em país estrangeiro

Caso você trabalhe com outra atividade remunerada de trabalho, qual a carga horária desta outra atividade? *Em horas por semana, empregando números inteiros.

Como você classifica sua condição de moradia?

- ☐ moro em casa própria
- ☐ moro com meus pais em casa própria
- ☐ moro com meus pais em casa alugada
- ☐ moro em casa alugada
- ☐ moro com meus pais em casa financiada
- ☐ moro com meus amigos
- ☐ moro com meus parentes
- ☐ outro tipo de moradia

Qual é o valor aproximado de seus rendimentos obtidos apenas com a atividade de artesanato? *Valor em reais, usando números inteiros.

Qual é o valor total de seus rendimentos, incluindo todas as atividades que exerce e eventuais rendimentos decorrentes de pensão, aposentadoria, aluguel etc.? *Valor em reais, usando números inteiros.

Qual é o valor total dos rendimentos de sua família e de outras pessoas agregadas que habitam no domicílio, incluindo o artesanato, outras atividades remuneradas e rendimentos decorrentes de aposentadoria, pensão, aluguel etc.? *Valor em reais, usando números inteiros.

A quais desses tipos de serviços você ou algum de seus dependentes tem acesso? *

- ☐ TV por assinatura
- ☐ assinatura de revista
- ☐ assinatura de jornal
- ☐ segurança particular ou privada
- ☐ cartão de crédito
- ☐ cuidador(a) de idosos
- ☐ empregada(a) doméstico(a)
- ☐ babá
- ☐ creche
- ☐ personal trainer

ANEXO 3: REGIMENTO INTERNO DA FEIRA DO CERRADO EM GOIÂNIA.

CAPÍTULO I (OBJETIVOS DA FEIRA DO CERRADO)

Artigo 1º - A Feira do Cerrado é uma iniciativa sem fins lucrativos, criada para viabilizar a exposição e comercialização de produtos que colaborem para a valorização da cultura goiana e a preservação do bioma Cerrado;

Artigo 2º - A Feira do Cerrado é realizada aos domingos das 09h às 13h horas, no Parque da Criança. Localizado na Avenida H esquina com Rua 72, Jardim Goiás, Goiânia-Goiás.

Artigo 3º - São objetivos da Feira do Cerrado:

- a) Contribuir com a revitalização do **Parque da Criança**;
- b) Expor e comercializar produtos derivados de conceitos presentes na cultura popular goiana;
- c) Resgatar, preservar e promover a divulgação da cultura dos povos do Cerrado;
- d) Promover a educação ambiental e incentivar a preservação do meio ambiente;
- e) Estimular o aprimoramento profissional e pessoal de seus expositores, por meio de parcerias com o poder público, iniciativa privada e Organizações Sociais Cíveis (OSC's) nacionais e internacionais;
- f) Oferecer oportunidade de trabalho a novos artistas;
- g) Propor lazer saudável e educativo para toda família goianiense;
- h) Promover a inclusão social;
- i) Representar os conceitos acima mencionados também em exposições e comercialização de produtos em eventos realizados fora do Parque da Criança, na ocasião de feiras, congressos e similares.

Artigo 4º - Os produtos expostos e/ou comercializados na Feira do Cerrado têm as seguintes características:

- a) Origem artesanal, ou seja, resultante de trabalho manual;
- b) Afinidade com a Arte e a Cultura Popular, conceitos que devem estar presentes na concepção e execução de todo produto em exposição ou comercialização, seja ele artesanato, alimentação, atração artístico-cultural, oficinas, cursos etc;
- c) Preocupação com a preservação ambiental e com os conceitos de sustentabilidade.

CAPÍTULO II (DA SELEÇÃO DE NOVOS EXPOSITORES E PRODUTOS)

Artigo 5º - A avaliação dos produtos será realizada pelo Conselho de Avaliação de Produtos da Feira do Cerrado, grupo legitimado pela Comissão Gestora da Feira do Cerrado e, após constituição de pessoa jurídica, pela Diretoria da Associação Cultural Feira do Cerrado-ACFC. O Conselho de Avaliação de Produtos da Feira do Cerrado terá a participação de, no mínimo, três expositores da Feira do Cerrado;

Artigo 6º - A avaliação e seleção de novos produtos poderão contar com representantes do **SEBRAE-go e ou entidades ligadas ao artesanato**.

Artigo 7º - A avaliação de produtos será feita de acordo com a necessidade de preenchimento do quadro de expositores, com no mínimo 04 vagas, no Parque da Criança, mediante agendamento prévio pelo site www.feiradocerrado.com. Aqueles trabalhos de artesanato/manual que agregarem valor à feira serão efetivados pela Comissão Gestora, sem a necessidade do julgamento por parte do Conselho de Avaliação de Produtos da Feira do Cerrado;

Artigo 8º - Os critérios para seleção de novos trabalhos e produtos têm, necessariamente, consonância com o Artigo 4º deste Regimento. Será preservado sempre o veto aos produtos industrializados, assim como aqueles oriundos de processos associados à degradação ambiental e exploração das pessoas envolvidas na sua produção;

Artigo 9º - A Feira do Cerrado não se responsabiliza e nem se obriga a qualquer tipo de garantia relativa ao sucesso do expositor, ficando claro que este é um negócio que envolve riscos e oportunidades;

Artigo 10º - Não será permitida a exposição e comercialização de produtos que não tenham sido avaliados pelo Conselho de Avaliação de Produtos ou pela Comissão Gestora da Feira do Cerrado para o mix da feira, seja no Parque da Criança ou em eventos externos que levem o nome da Feira do Cerrado. Nesses casos, o expositor será advertido por escrito e, posteriormente, excluído do quadro de expositores ao tornar-se reincidente;

Artigo 11º - O expositor que desejar expor ou comercializar novos produtos, similares ou diversos, deverá submetê-los ao Conselho de Avaliação de Produtos;

Artigo 12º - É proibida a cópia ou plágio de produtos de colegas expositores. Tal postura antiética será punida com advertência e, em caso de reincidência, com o desligamento do expositor.

CAPÍTULO III (DA MONTAGEM)

Artigo 13º - Os expositores devem montar suas bancas das 7h às 08h30;

Artigo 14º - O expositor só poderá ter sua banca desmontada a partir das 13h, independente do volume de público visitante e ou esgotamento de mercadorias;

Artigo 15º - O expositor poderá adentrar as ruas internas do parque para a descarga de suas mercadorias somente até as 8h30 e recarga somente após as 13h30;

Artigo 16º - O expositor deverá respeitar o limite da área reservada ao estacionamento dos mesmos, devidamente demarcadas, deixando as áreas em comum para o público visitante;

Artigo 17º - O expositor deverá respeitar a área de estacionamento reservado aos "Portadores de Necessidades Especiais e Idosos, no mínimo de 10 (dez) vagas, devidamente demarcadas;

Artigo 18º - Caso o expositor infrinja os artigos 13º, 14º, 15º, 16º e 17º será cobrada multa de R\$ 10,00 (deis reais), Em caso de reincidência, a multa será dobrada a cada inflação e assim sucessivamente;

Artigo 19º - A utilização de espaços que extrapolem o limite da cada banca só poderá ser feita com prévia autorização da organização e poderá ser revogada pela mesma quando julgar necessário;

Artigo 20º - Não será permitido ao expositor a transferência da vaga para terceiros. No ato da desistência, a vaga será colocada à disposição da Comissão Gestora da Feira do Cerrado. A desistência por parte do expositor deverá acontecer mediante uma prévia comunicação à organização da Feira do Cerrado, não havendo, entretanto, ônus para nenhuma da parte, salvo os casos de débitos anteriores com a comissão organizadora;

Artigo 21º - As coberturas adicionais das bancas destinadas à proteção do sol e chuva deverão obedecer aos padrões de tamanhos e cores definidas pela organização da Feira e os custos correrão por conta dos expositores;

Artigo 22º - Não caberá ao expositor a montagem de sua própria banca. Todas as bancas serão montadas por empresa terceirizada, que garanta padronização estética da feira;

Artigo 23º - Os expositores são responsáveis pela manutenção, limpeza e preservação de seu espaço. Os expositores que comercializam produtos alimentícios deverão obedecer às normas da Vigilância Sanitária.

CAPÍTULO IV (DAS FINANÇAS E DA ASSIDUIDADE)

Artigo 24º - Para todos os expositores, o pagamento da locação das bancas será feito semanalmente. Cada expositor deverá colaborar com R\$ 20,00 (Vinte Reais), por domingo. A taxa será alterada anualmente de acordo com o aumento do salário mínimo (em termos %) ou de acordo com as necessidades da Feira.

Artigo 25º - O expositor que passa a integrar a Feira do Cerrado, a partir da aprovação deste Regimento, pagará uma taxa de inscrição no valor de R\$ 200,00 (Duzentos Reais), destinado ao fundo de caixa da feira.

Artigo 26º - O expositor que não efetuar o pagamento de sua banca no domingo, não terá sua banca montada no domingo seguinte;

Artigo 27º - O expositor não poderá faltar à feira ou, na sua ausência, deverá enviar um representante;

Artigo 28º - Para os investimentos e penalidades acima mencionadas, a cobrança será semanal. A verificação da assiduidade do expositor à feira terá vigência de um ano e se renovará sempre no dia 01 de janeiro. Sendo que:

- a) O limite de faltas justificadas é de 05 (cinco) por ano;
- b) A falta justificada deverá ser informada até 17h00s, três dias antes da data de exposição (quinta-feira);
- c) Faltas não justificadas sofrerão penalidades. Na primeira falta, o expositor pagará uma multa R\$ 10,00 (Dez reais), além do valor correspondente à locação da banca não utilizada. Na ocasião da segunda falta, o expositor pagará taxa de locação da banca não utilizada mais multa de R\$15,00 (Quinze reais). Na terceira, quarta e quinta reincidência, o expositor desembolsará R\$ 30,00 (Trinta reais) por domingo ausente. Ao faltar pela sexta vez, ao longo do ano, o expositor será excluído, não podendo retornar ao quadro de expositores da feira;
- d) O expositor com falta justificada com antecedência deverá, obrigatoriamente, pagar a taxa de manutenção da feira, no valor de R\$ 6,00 (Seis reais), ficando isento apenas do pagamento da banca;

CAPÍTULO V (DOS DEVERES DO EXPOSITOR)

Artigo 29º - Serão consideradas infrações gravíssimas, punidas com o desligamento do expositor do quadro da Feira:

- a) A comercialização, distribuição e consumo por parte dos expositores de substâncias alcoólicas e tóxicas dentro da área de domínio do Parque da Criança;
- b) A produção de lixo e outros detritos sem acondicionamento adequado;
- c) A agressão física ou moral, bem como discussões entre os expositores;
- d) A realização de negócios em nome da Feira do Cerrado, sem prévia autorização da Diretoria da Associação Cultural Feira do Cerrado - ACFC;
- e) A mudança de local das bancas, bem como a troca de crachás por parte dos expositores, sem a prévia autorização dos organizadores da feira;
- f) O uso de trajés não adequados ao perfil da feira e que possam causar constrangimento ao visitante e a outros expositores.
- g) Todo questionamento e ou reclamações/sugestões da logística e instalações da Feira do Cerrado, deverá ser comunicada previamente por documento escrito constando de duas vias de igual teor devidamente assinadas pelo expositor e entregue a comissão gestora para posterior avaliação;
- h) A comercialização de produtos industrializados ou de terceiros, senão aqueles aprovados pela comissão de avaliação de produtos na ocasião de seu cadastramento na Feira do Cerrado.

Parágrafo Único – no caso de desrespeito às normas acima mencionadas, o expositor fica impedido de reingressar à Feira do Cerrado. Por decisão Diretoria da Associação Cultural Feira do Cerrado – ACFC, o infrator poderá ser acionado judicialmente para efeito de indenização dos prejuízos de qualquer natureza que venha causar aos expositores e à Feira do Cerrado, a Associação Cultural Feira do Cerrado – ACFC, ao Parque da Criança e a seus parceiros.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 30º - O expositor que deixar de fazer a Feira do Cerrado por qualquer motivo, por força deste regimento não poderá retornar novamente a mesma;

Artigo 31º - Este Regimento Interno entra em vigor a partir de 10 de Novembro de 2013, podendo ser alterado com aprovação de 2/3(dois terços) da Comissão Gestora da Feira do Cerrado.

Artigo 32º - O expositor que tiver críticas e ou sugestões para a melhoria da Feira do Cerrado poderá utilizar o e-mail: feiradocerrado@gmail.com, ou comunicar-se por escrito, em 02 (duas) vias, encaminhando correspondência à organização;

Artigo 33º - A adesão do expositor é livre, de espontânea vontade, implicando na aceitação de todas as normas deste regimento interno.

Artigo 34º - Fica eleito o fórum da cidade de Goiânia para dirimir quaisquer dúvidas constantes neste Regimento Interno.

Artigo 35º - Este Regimento Interno, documento complementar ao Estatuto da Associação Cultural Feira do Cerrado - ACFC, consta de 04 (Quatro) vias assinadas pela Comissão Gestora da Feira do Cerrado e artesãos devidamente registrados em cartório.

Artigo 36º - Os casos omissos serão levados ao conselho gestor da Feira para serem debatidos.

Goiânia, 10 de Novembro de 2013.

COMISSÃO ORGANIZADORA